

Música

Um despertar para a felicidade

Algumas complexidades e tendências à luz do Consolador

Apostila

destinada aos trabalhos da equipe
de música do Pólo III e interessados

**Este trabalho é apenas um ensaio, por isso
pode ser alterado e conta com sua colaboração.**

USEERJ

União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro

COMEERJ – Pólo III – Nazaré
Equipe de Música – 3ª Região Espírita
Abril de 2003

Divulgação

AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS
www.autoresespiritasclassicos.com

“Que será que, belo e puro, educativo e espiritualizador, não pode caber no Espiritismo? Penso, de minha parte, que já é tempo de arejar os ambientes espíritas com música mais leve, mais pura, mais agradável e menos compatível com o ambiente de ‘câmara ardente’ que em muitas sessões espíritas conservam (...) Não compreendo, tampouco, como pode e deve o Espiritismo se preocupar com assuntos que até parecem exorbitar de sua finalidade, sem se preocupar com a arte. E principalmente com a mais expressiva das artes.”

LEOPOLDO MACHADO

“Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos. Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo.

Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor!... e podereis entrar no reino dos Céus.”

O ESPÍRITO DE VERDADE
(Prefácio de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*)

Índice

Introdução	4
1 – Observações oportunas	8
2 – Uma face do saber espírita	10
3 – Sensibilidade individual	13
4 – Evolução e som	14
5 – Educação integral e música	16
6 – Um mar de sons	19
7 – Cantando para a água	21
8 – Sobre a Cimática	23
9 – Alguns conceitos e elementos	24
10 – Sons e cores	25
11 – Musicoterapia	27
12 – Som e perigos	30
13 – Ciência e comprovação	33
14 – Sobre os lóbulos cerebrais	36
15 – Contribuição vegetal	38
16 – Adequação e combinação	40
17 – Oportunidade de experimentar	42
18 – Uma reflexão espírita	45
19 – Presença de Yvonne	47
20 – Gotas de luz	51
21 – Sob a proteção de Fabiano	54
22 – Organização e boa-vontade	55
23 – Palavra segura	59
24 – Arte e valores	60
25 – Compromissos no Além	64
26 – Animais musicais	68
27 – Orientações de André Luiz	70
28 – Música para Chico Xavier	72
29 – A música na evangelização	74
30 – Reflexões conclusivas	82
Referências bibliográficas	84
Anexo I – Arte e Espiritualidade	86
Anexo II – Exercícios musicais	87

Introdução

Magnânima, a espiritualidade maior anunciava a inclinação das Artes ao “espiritual”. Antes, a arte pagã, em seguida a sacra; na seqüência a confusão de estilos, ora negando, ora contestando um o outro. Em meio aos mais diversos paradigmas, surge o novo estilo: a arte espiritualizada.¹ Há pouco tempo, o ocidental que teimasse em produzir ou reproduzir sons e canções dessa natureza seria, via de regra, visto como místico, esotérico...

Novos tempos chegam! O homem vem se ajustando pela eternidade e, desde os últimos séculos, busca algo mais; já sustenta seu espírito cientificista, o da fé raciocinada, o de quem não aceita axiomas e pregações ordinárias, mas questiona, insiste, aprofunda, revê, comprova.

A humanidade avança. É hora de regeneração: de hábitos, palavras, gestos, atitudes, comportamentos, olhares, sorrisos. Pairando na atmosfera terrestre há um inegável convite à transformação integral. Não há mais o ser possuidor de uma alma, mas sim o espírito eterno com suas incontáveis faculdades, seus infinitos “segredos” e potencialidades.

O ápice da violência assolando a Terra, desde os distúrbios ecológicos que massacram nosso berço, às atrocidades diversas que o próprio homem se impõe; são momentos decisivos e irrevogáveis – anúncios explícitos de que o homem novo nascerá. Sua gestação pelos milênios desvendará agora o novo ser que, alcançando uma especial porção de harmonia e equilíbrio, decifrará os porquês de sua existência, voltará os olhos para dentro de si e encontrará as grandes respostas buscadas há tanto; olhará ao seu redor com respeito e gratidão ao próximo, à natureza e à vida! (E, apesar das formas verbais futuras, este é, de fato, um quadro já perceptível e corrente).

Tal momento, grave e derradeiro, vem trazendo em meio à dor a esperança nesses floridos dias que se achegam à humanidade, onde a arte será um estandarte de luz para todos os homens, renascendo neste momento de despertar do espírito.²

A visão holística do ser aponta caminhos fascinantes. A atenção no foco da dor, como se pode notar, antes centrava-se na região dorida, hoje já desperta o esculápio para caminhos mais amplos. Tal dor pode ser o reflexo de um problema maior ou de uma origem diversa. Aliam-se hoje as causas de um problema gástrico, por exemplo, não apenas ao que se ingeriu, mas como se ingeriu; ao estresse provocado anteriormente ou posteriormente à ingestão; aos padrões comportamentais do paciente; à sua

¹ “Dentro em pouco, também vereis as artes se acercarem dele (do Espiritismo), como de uma mina riquíssima, e traduzirem os pensamentos e os horizontes que ele patenteia, por meio da pintura, da música, da poesia e da literatura. Já se vos disse que haverá um dia a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã. É uma grande verdade, pois os maiores gênios se inspirarão nele. Em breve, vereis os primeiros esboços da arte espírita, que mais tarde ocupará o lugar que lhe compete.” XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1941.

² Lembramos aqui a fala sábia de Ubaldo: “A arte apaga-se quando o espírito adormece, porque só nele reside sua inspiração. A arte é espírito e a matéria a mata. O materialismo a matou, agora tem de renascer.” UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese*. Campos dos Goytacazes: Fraternidade Francisco de Assis, 1997, p. 315.

educação alimentar, etc.;³ o aconselhamento médico, por sua vez, não mais se limita a um medicamento, mas estende-se a toda uma mudança de postura alimentar, de hábitos, de harmonização... e de saúde e higiene auditiva inclusive.

Enfim, a busca pela Paz, pela Harmonia como objetivos concretos e essenciais! Ecoam esses brados pela face da Terra. Não de agora, há muito se vem comentando serem esses valores de extrema importância, onde a ênfase é seguramente maior e mais acentuada a cada dia, pois *é chegada a hora*. Atendendo ao apelo do íntimo, que já inicia uma comunhão maior com a harmonia Divina, o homem já não consegue conviver apenas com o paradoxo do mundo. Ele deseja algo mais, um novo caminho, uma expressão mais digna para sua existência. É o encontro com a paz e a harmonia – ou com o caminho que o levará a elas.

A espiritualidade do ser que, como nos define Dalai Lama, *é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior*, isto é, *se não produz uma transformação, não é espiritualidade*, conclama-nos a passos decisivos. A dramaticidade dos dias e em contrapartida a necessidade da renovação vem provocando uma reflexão geral sobre a questão da espiritualidade. O mais pobre, o mais rico, o empregado, o patrão, o religioso, o descrente, o homem a mulher, o jovem, o idoso... todos vêm direcionando suas vidas, de alguma maneira, buscando a espiritualização – o que passa a ser uma questão já quase cultural, desejável, perseguida. A esse respeito diz-nos Boff:

“O que importa, porém é que mundialmente, estendendo-se a todos os países, há uma demanda por valores não-materiais, por uma redefinição do ser humano como um ser que busca um sentido plenificador, que está à procura de valores que inspirem profundamente sua vida.”⁴

O homem parte rumo à regeneração buscando a paz, a espiritualidade de seus atos e pensamentos. Boff conclui dizendo:

“Hoje a singularidade de nosso tempo reside no fato de que a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão profunda do humano como o momento necessário para o desabrochar pleno de nossa individuação e como espaço da paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais.”⁵

São inúmeros os caminhos que se nos descortinam como alternativas para o êxito desse encontro com a espiritualidade. E um tem se destacado e tocado nossas mais íntimas fibras da alma: “A Música”! Será este o nosso objeto de discussão. Tem sido nosso instrumento de trabalho e sobre o que temos falado, debatido e estudado.

A literatura a esse respeito é ainda pequena, por isso objetivamos aqui trazer à baila a importância de darmos o devido valor a esta que se nos figura como a musa das artes. Não se trata, como se poderá observar, de texto documental, definitivo e infalível. É, na verdade, uma discussão que procuramos traçar, antes de qualquer coisa, *à luz da Doutrina Espírita*; segundo, obedecendo a critérios de estudo, pesquisa, observação, vivências e entrevistas. É apenas um olhar – seguro, mas simples – sobre essa magnífica ferramenta.

³ Há também os que traçam seus diagnósticos de acordo com o tipo de música que o paciente ouvia no instante da ingestão, ou mesmo ao seu hábito musical.

⁴ BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 13.

⁵ *Ibidem*.

Apresentamos as anotações bibliográficas de modo a facilitar a extensão do estudo sobre o tema. Sugerimos obras afins onde você poderá fazer sua própria pesquisa e análise. Nos trechos retratados com semelhança ou exatidão você poderá tirar suas próprias conclusões fazendo releituras apropriadas contribuindo, assim, para o objetivo desse trabalho que é exatamente suscitar atenção e preocupação com o tema.

Enquanto a literatura é ínfima as experiências são múltiplas. Propositadamente parafraseando a assertiva *Todos somos médiuns*,⁶ todos estamos também agindo, reagindo e interagindo com a música. Ela está em toda parte. Se não a produzimos intencionalmente, dela estamos recebendo as influências. E essas influências têm sido responsáveis por revoluções inimagináveis. É Rossini quem nos fala em *Obras Póstumas*:

Toda gente reconhece a influência da música sobre a alma e sobre o progresso. Mas, a razão dessa influência é em geral ignorada. Sua explicação está toda neste fato: que a harmonia coloca a alma sob o poder de um sentimento que a desmaterializa. Este sentimento existe em certo grau, mas desenvolve-se sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Aquele que esteja desprovido de tal sentimento é conduzido gradativamente a adquiri-lo; acaba deixando-se penetrar e arrastar por ele ao mundo ideal, onde esquece, por instantes, os prazeres inferiores e prefere a divina harmonia.”⁷ (p. 184).

Rogamos a Deus possa oferecer-lhe bênçãos de luz por esta especial atenção. Que você, alma querida, possa se sensibilizar para aprofundar esses estudos, dando-lhe um brilho novo, o carinho devido e a excelência que merece. Somamos a esta parte duas reflexões. A primeira, de Zeus Wantuil:

“A opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com conhecimento de causa. (...) O Espiritismo diz: Lede tudo, pró e contra, e escolhei com conhecimento de causa.”⁸

E a segunda, a sábia resposta de Kardec:

O CRÍTICO

Resposta de Allan Kardec: “Note bem, senhor, que não pretendo que a crítica deva necessariamente aprovar nossas idéias, mesmo depois de as ter estudado. Não censuramos, de forma alguma, os que não pensam como nós. O que para nós é evidente, pode não o ser para todos os outros. Cada um julga as coisas de seu ponto de vista, e do evento mais positivo nem todos extraem as mesmas conseqüências. Se um pintor, por exemplo, põe em seu quadro um cavalo branco, alguém poderá muito bem dizer que o cavalo faz um mau efeito, e que um negro conviria melhor. Porém, seu erro estaria em afirmar que o cavalo é branco, se o mesmo é negro. Eis o que faz a maior parte de nossos adversários. Em resumo, cada um é perfeitamente livre de aprovar ou de criticar os princípios do Espiri-

⁶ São essas comunicações de cada um com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, Parte 2ª, cap. 9. Ainda em: BACCELLI, Carlos Antônio. *Na Próxima Dimensão. Pelo Espírito Inácio Ferreira*. Uberaba: Pedro e Paulo, 2002, p. 161.

⁷ KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

⁸ WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. *Pesquisa Bibliográfica e Ensaios de Interpretação*. Vol II, Rio de Janeiro: FEB, 1980, cap. 4, ii. 1 e 3.

tismo, deles tirar conseqüências boas ou más, conforme lhe agrade. Porém a consciência tem um dever para com todo crítico sério: *de não afirmar o contrário do que são os fatos*. Ora, para isso, a primeira condição é a de *não se falar daquilo que se desconhece.*”⁹ (p. 59).

⁹ KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, Cap. I, Primeiro Diálogo.

1 – Observações oportunas

Nosso sábio lionês, Sr. Allan Kardec, assevera-nos na codificação os *Caracteres da Revelação Espírita*.¹⁰ Ressalta seu caráter essencialmente progressista que lhe garante apoiar-se sempre sobre fatos. Aliada à Ciência, mantém-se subordinada à vontade de Deus e às leis da natureza, por isso coloca-se a serviço dessas leis e de seu Criador, o que lhe permite participar sempre das descobertas da ciência comprazendo-se com isso.

“O Espiritismo não coloca, pois, como princípio absoluto, senão o que está demonstrado como evidência, ou que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, às quais presta o apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, chegadas ao estado de verdades práticas, e saídas do domínio da utopia; sem isso suicidaria; cessando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial.”¹¹ (p. 44).

Infere-se, dessa maneira, toda a trajetória de amor e verdade que campeia a Doutrina dos Espíritos. Rumando com a Ciência, vê-se amparada sob as asas da evolução, a partir, é claro, do alcance paulatino de nosso entendimento. Uma vez que podemos enxergar mais além, movem-se as energias do Alto clareando horizontes, revelando o que sempre *foi*, mas que só agora *é* para nós. A verdade, que a experimentação e comprovação científica conseguem auferir, é seu lema principal e por isso não existe choque, mas, ao contrário, complementos inequívocos e indispensáveis. Se nossos canais intelectivos se abrem, se exercitamos nossa sensibilidade para percebermos novos rumos, é a Ciência a amiga fiel que se nos apresenta como elemento de ligação e constatação. Outrossim, seguiria o Espiritismo e nós, seus adeptos, como barco à deriva pelo oceano, ou como águia cega precipitada no abismo. É, portanto, instrumento fundamental e compleição perfeita ao corpo doutrinário do Consolador prometido, dando luz aos dois outros aspectos “Filosofia” e “Religião” que se interpenetram e o compõe plenamente.

“O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, modificar-se-á sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita.”¹²

Bem verdade que há enxertismos dos mais variados na tentativa de varar a barreira incólume feita pela sua natureza científica. Por isso, embora a doutrina tenha como parceiras fiéis as vertentes componentes do seu tríplice aspecto – ciência – filosofia – religião – asseveramos aqui a negativa de ser essa uma tentativa de inserir discussão não apropriada ao seu corpo doutrinário.¹³ Há, no entanto, a clareza de não nos abs-

¹⁰ Idem, *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, Cap. I, item 55.

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² Idem, *ibidem*, p. 40.

¹³ A esse respeito temos lido, infelizmente, em ‘obras’ pseudo-espíritas, enganos doutrinários que buscam novidades para o Espiritismo. Já até nos deparamos com aquelas que se nomeiam **Neo-Espíritas**. Reafirmamos, portanto, tratar-se de um assunto contido, sobretudo

termos diante de tão séria questão ainda pouco explorada nos grupos de estudo espírita. Há alguns companheiros que se sensibilizam com esta questão buscando informar-se, procurando literatura apropriada que lhes sanem as indagações... e aqui me junto a eles tentando iniciar um diálogo.

Se há, conforme se pode inferir em *A Gênese*, abertura ao que a ciência prescreve, ou se podemos interrogar sempre em nome da verdade que norteia o Consolador prometido, eis-nos a rogar sua luz para que não sejamos tentados à parcialidade ou ao envolvimento passional.

Muitos já realizaram sérias pesquisas nesse campo. Com prazer e convicção aqui as estamos relatando, fazendo eventual releitura, comparando aos escritos espíritas. Longe, como se poderá perceber, de alcançar a pureza dos ensinamentos doutrinários ou mesmo da escrita, entretanto com a satisfação de poder lançar para os comentários, acréscimos e mesmo anátemas que se somarem a este estudo.

2 – Uma face do saber espírita

Insistimos em reafirmar a importância de o “espírita” estar em constante estado de pesquisa e estudo. Enquanto a uns basta o compêndio introdutório da doutrina, a outros o limite representa extremo sacrifício, ou seja, há um desejo arguto de buscar novos saberes, de aprofundar estudos. Evocamos a sabedoria do apóstolo dos gentios, Paulo, quando afirma: “*Examinai tudo e abraçai o que for bom*”. Quantos livros o espírita precisa ler para se ver “salvo”? Quantos atos de caridade? Quantos passes? Quantas palestras? Quantos temas precisa estudar? E de que forma devem acontecer esses estudos? Há limites para o saber espírita?

Na fala de Demo, que analisa o conhecer e o aprender, anotamos:

“Não é possível conhecer tudo, por que um ser condicionado não pode produzir algo incondicionado. É certamente essencial combater o preconceito, pois proíbe o conhecimento.”¹⁴

Colocamos isto por que, em se tratando de um tema ainda pouco explorado, pode-se pôr a pensar o leitor: Por que não tratar de um assunto como mediunidade, caridade, evangelização, obsessão, família, movimento e casa espírita...? Será que nos estamos “condicionando”? Obviamente, todos devemos estar inseridos em estudos sobre cada um desses importantes e basilares temas apontados.

Há, no entanto, como comenta Demo, uma clara distinção entre a curiosidade mórbida e a sábia:

“Entre o questionamento doentio que a tudo critica por criticar, mais denigra do que argumenta, e o outro tipicamente pedagógico, voltado para ‘ler’ criticamente a realidade.”¹⁵

Se encaramos a realidade como algo apropriado à doutrina, não nos podemos privar de ter um olhar crítico para tudo que dela faz parte.

Como observado anteriormente, há um reduzido número de obras falando sobre o tema proposto ou adjacentes (à luz do Espiritismo), mas as que encontramos são de enorme validade, só para citar algumas, temos: “Obras Póstumas” (como carro-chefe), “Espiritismo na Arte” (Léon Denis), “Nosso Lar” e “Ação e Reação” (Francisco Cândido Xavier / André Luiz), “Devassando o Invisível” (Yvonne A. Pereira), “Magnetismo Espiritual” (Michaelus), “O Consolador” (Francisco Cândido Xavier / Emmanuel), “Vida de Jesus” (Antônio Lima), “Pérolas do Além” (Francisco Cândido Xavier / Espíritos Diversos) – até aqui todas editadas pela FEB (Federação Espírita Brasileira); “Falando de Arte à luz do Espiritismo” (Therezinha Radetic – Societo Lorenz), “Cânticos do coração” (Yvonne A. Pereira / Celd). Bastariam estas citações para imaginar o potencial ainda semi-ocultado que envolve a questão da música, seu uso, sua importância e suas influências.

Assim como tudo evolui, a Doutrina Espírita aproxima-se de um novo período: o da “renovação social”, fase entre as seis apontadas por Kardec e comentadas pelo prof. Augusto Marques de Freitas:

¹⁴ DEMO, Pedro. *Conhecer e Aprender: Sabedoria dos limites e desafios*: Porto Alegre, Artmed, 2000, p. 63.

¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 64.

“... vemos muitas pessoas se aproximarem do Espiritismo pela curiosidade, e, há algumas dentre elas que o seguem, para que haja o exercício da reforma íntima, pelo estudo, pela indagação, num esforço continuado para domar suas más tendências.”¹⁶

Esta é a fase onde viverá a “nova geração”, muito bem descrita em A Gênese.¹⁷ Momento onde aqueles que mantêm equilibradas as duas asas – a do intelecto e a da moral – planarão seguros rumo ao infinito. Pois a asa do intelecto tem o seu valor, e, assim como a da moral, não se deve privar ou limitar, mas buscar evolução contínua em *todos* os campos.

Retomando Demo, temos sua análise sobre a obra de Shattuck, quando reconhece seis categorias de conhecimento proibido: o conhecimento inacessível, inatingível; proibido por autoridade divina, religiosa, moral ou secular; perigoso, destrutivo ou não bem-vindo; frágil, delicado; de mão dupla e ambíguo. Embora sejam todos interessantes, comentaremos o que aqui nos importa mais – o ambíguo – que indica a condição onde o nosso objeto de conhecimento inverte a si mesmo confundindo-nos, tornando o seu oposto. Segundo essa análise, em muitas situações condena-se o óbvio, o coerente de modo coercitivo, uma vez que pode representar a ruptura com o senso comum. O novo, então, confundido com o “proibido” e com o “perigoso”, aliado ao conformismo, à estagnação, ao medo de encarar paradigmas ascendentes, vê-se acometido pelo velho, o costumeiro. *Há de se pagar um preço pelo conhecimento, em termos de compromisso moral. Talvez tenhamos que disciplinar a curiosidade. Sim, discipliná-la, enforcá-la, castrá-la se for para permanecermos humanos, se for para mantermos a neblina da incerteza que nos define.*¹⁸

Equívoco dúplice seria imaginar que o tema em voga trata-se de “novidade”. Embora teime o nosso misoneísmo em falar mais alto, é bom que fique claro que pensar a música e suas influências é prática milenar e das mais diversas culturas. E, como já dissemos, abertamente discutida no Pentateuco Espírita e obras subseqüentes.

Outro interessante apontamento de Demo é com relação à perturbação provocada quando se impõe limite ao *conhecimento aberto* ou ao *conhecimento proibido*. A curiosidade assume o seu lugar e, com todas as questões que envolvem a busca pelo saber, *não se reconheceria nenhum caso em que a ignorância devesse ser preferida ao conhecimento.*¹⁹ Percebemos com clareza a similaridade desses apontamentos com os ideais de crescimento, busca e estudo sério pertinentes à doutrina espírita. Aquele, portanto, que escolha a inércia em detrimento da ascensão, não viverá a satisfação de novas conquistas no campo do conhecimento, mesmo sabendo ser este um duro caminho, que exige rupturas e, sobretudo, bom senso.

Esbarramos nestas duas questões:

¹⁶ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, Conclusão (in: FREITAS, Augusto Marques. *Da curiosidade à Renovação Social*. Rio de Janeiro: Celd, 2003, p. 81 – Período da curiosidade, o filosófico, o da luta (ou perseguição), o religioso, o intermediário e o da renovação social).

¹⁷ _____. *A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB, 1944, p. 415.

¹⁸ SHATUCK, R. *Forbidden Knowledge*. Nova York: St. Martin's Press, 1996. (in: DEMO, Pedro. Op. Cit., 2000, p. 64).

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 65.

- ora a música e as artes em geral são deixadas em segundo plano, devido a inúmeros outros temas de interesse com os quais estamos em contato a todo instante – principalmente àqueles que se vêem comprometidos com o estudo e com o trabalho espírita;
- ora o assunto é tão visível e forte que nos faz crer sem discussão, isto é, inequivocamente percebemos que um samba nos agita e um clássico nos acalma – e pronto: sei da influência, questão acabada!

O mergulho na pesquisa e no estudo pode e deve nortear o caminho do verdadeiro espírita. A doutrina não impõe qualquer obstáculo. Lembrando o princípio kantiano da multiplicação das perguntas, toda resposta, a partir de uma questão levantada, suscita outras questões; e *do conhecimento novo pode surgir um novo conhecimento, como também resolver perguntas até então não respondidas. (...) A história mostra como é perigoso tirar conclusões de conhecimentos pretensamente completos.*²⁰ Aqueles que buscaram a doutrina espírita, por exemplo, com espírito aberto e amplitude de visão, dela hoje são adeptos.

Citaremos uma outra ferramenta disponível à doutrina – *a complexidade*. Leia-se esse termo na concepção de Morin.²¹ Ele a aponta como: protagonista e companheira inevitável das ciências que impulsionam ao progresso, e do novo paradigma científico; mas, ao mesmo tempo, como instrumento que impede a realização ulterior desse mesmo progresso, haja vista ser instigante, ilimitada.²² Trata-se do espírito investigativo e nunca conformado que estimula o espírita a sempre buscar o novo e aprofundar o que já apresenta bases sólidas, com vistas ao abandono do marasmo. Portanto, as complexidades que envolvem esse tema demandam esse espírito: *o quente, quem sabe o frio, mas nunca o morno.*²³

Encerro esse preâmbulo com duas observações de Demo:

- 1º) a marca ambígua libertadora/colonizadora do conhecimento se impôs, ou, se quisermos, a curiosidade acaba superando o medo;
- 2º) “se tivéssemos de justificar nosso modo de pensar antes de começarmos a pensar, nunca começaríamos”.

E, por fim, lembrando o brilhantismo do comportamento kardequiano quando, sem enveredar pelo ceticismo ateu, uma vez que suas idéias sempre revelavam grande religiosidade, lançou-se, com toda tendência científica de sua personalidade às pesquisas sobre o Consolador que chegava para balsamizar a humanidade.²⁴ Olhar crítico, porém aberto ao infinito do saber e da construção do conhecimento.

²⁰ Idem, ibidem, p. 68.

²¹ Idem, ibidem, p. 69.

²² MORIN apud BASTOS. Rogério Lustosa. *Ciências Humanas e Complexidades: projetos, métodos e técnicas de pesquisa. O Caos, a Nova Ciência*. Juiz de Fora: UFJF, 1999, p. 5.

²³ Bíblia de Jerusalém. *Apocalipse*. São Paulo: Paulinas, 1981, João 3:14.

²⁴ Rivail não estava à procura de respostas em qualquer pesquisa, formulação teórica ou mesmo tentativa místico-religiosa. Sobriamente, seguia seu caminho de educador, com as convicções possíveis. Ao contrário, uma revelação o buscou, um fenômeno veio ao seu encontro, fazendo-o desviar o olhar e achar a resposta que queria, mas não havia buscado, e que a civilização ocidental desejava, mas não a aceitou até hoje. Houve uma intervenção explícita na vida de Rivail. (Ver INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita: Um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*: São Paulo, Feusp, 2001. (Tese de Doutorado)).

3 – Sensibilidade individual

Você já observou que determinado som lhe agrada e não ao outro? Já ao outro uma canção ou um ritmo pode dar satisfação, enquanto para você, não tem muita relevância.

Fato extremamente importante é a sensibilidade individual. Colocando de modo redundante, cada indivíduo possui a sua, e de maneira perceptivelmente diferente.²⁵ Conheço pessoas que são extremamente sensíveis, por exemplo, ao som de um perrilongo. Se há algum por perto, não conseguem relaxar ou adormecer. E a partir desses, temos vários outros exemplos. Enquanto uns não suportam ouvir vozes estridentes, outros detestam as muito graves. Tenho uma pessoa da família que adora dormir com a música do ventilador em funcionamento, já outro não consegue até que seja desligado. Alguns roncam e seu cônjuge consegue adormecer feliz, outros...

Mas alertamos: se estamos ou não centrados em algum som, se ele está ou não sendo percebido por nós conscientemente, a questão é que ele provoca efeitos e reações que, estamos certos, vale a pena dar uma atenção especial.

Através do milenar processo de acúmulo de informações desenvolvemos capacidade relativa de selecionar os sons, ou seja, aprendemos a escolher a quais devemos dar maior ou menor atenção.

Temos aqui dois processos: o 1º é a questão da percepção física sonora, que se dá ininterruptamente, à medida que estamos expostos aos sons. O 2º se dá num nível de percepção espiritual. Neste, a nossa consciência decifra os códigos sonoros e lhes dá preferência ou não.

Embora no 2º processo apresentado haja uma espécie de seleção psicológica, evidentemente de acordo com uma construção pessoal, original e ímpar, enfatizamos que no 1º processo também podemos, e devemos, interferir na escolha. O 2º pode, na verdade, ser um tipo de extrato do 1º.

Destacamos a importância que devemos à formação holística do indivíduo no campo social, cultural, escolar, psicológico, emocional, religioso, familiar, artístico e em todos os possíveis. E quando pensamos na interação, na integração, nas exigências e nas compensações de todos esses e outros campos...

²⁵ KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, p. 17, 26, 36.

4 – Evolução e som

Ao analisarmos o caminho evolutivo do espírito podemos ter uma visão de suas “opções” nas mais diversas áreas durante os séculos. Há bem pouco tempo o homem era até mesmo desprovido desse direito, o de opção. Deveria seguir os padrões de sua tribo, seu grupo sob pena de ser morto ou banido, caso deles se afastasse.

Já na atualidade, observamos alguns processos de escolha. Como exemplo, citamos o homem do século passado que não fazia sequer opção sobre sua alimentação. A idéia de um cuidado alimentar era vaga e pouco explorada. À proporção que a ciência foi apontando alternativas, o homem começou a dar atenção à seleção alimentar. Encontramos muitos irmãos que até conseguem seguir as orientações de Irmão X:

“Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os caiapós, que se devoravam uns aos outros.”²⁶ (p. 22).

Após esta ilustração, ressaltamos que a humanidade terrestre se alinha para a “regeneração”. Nesses mundos a inveja, o ódio, o egoísmo e as paixões desordenadas dão lugar ao sentimento amor; neles já se pode encontrar a equidade regulando as relações sociais; a figura de Deus, revelada a todos que, então, seguiremos com alegria suas leis. No mundo de Regeneração estaremos estagiando para a felicidade, com um vôo mais estável, praticando a caridade e o amor com esmero.²⁷

Assim, não devemos permitir que questão alguma escape diante da transição que já se efetua. O som de nossas vidas carece de afinação com o mundo que em breve habitaremos.

Desde os mais inobserváveis atos podemos cuidar da *afinação de nossas almas* com o “tom” da Regeneração. Depende, como todo benefício que propomos à nossa evolução, do exercício diário, da observação continuada e da perseverança. É a mudança de paradigmas que deve alavancar inicialmente o processo, pois não temos que ouvir o que o outro ouve, não precisamos permanecer expostos a este ou aquele som por uma convenção ou comodismo.

Diante dos inegáveis efeitos produzidos pelo som, pela música, registramos a fala de Aguiar:

“A Musicoterapia, como mobilização psíquica da emoção do sentimento, promove a experiência humana, conduzindo à auto-organização. É a música trazendo informações através letras, relaxando, ensinando e distraindo.”

E prossegue arrematando de forma segura:

²⁶ XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas e Crônicas*. Pelo espírito Humberto de Campos. Rio de Janeiro: FEB, 1966.

²⁷ Vide KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, cap. III, i. 16 a 18.

“Mas o poder da música está muito mais em nós mesmos, e não somente nos sons. O que precisamos é de espaços para exteriorizar toda essa energia.”²⁸

Como se sabe, o paradigma é uma reunião de regras e orientações que procura traçar e definir o comportamento e a maneira de se resolver questões dentro de limites definidos, visando obter êxito. Segundo Yus,²⁹ *ele condiciona nossa “visão de mundo”, a perspectiva com a qual abordamos os temas e nos relacionamos com o exterior*. Se não atende mais às nossas expectativas, é o instante pelo qual passará inevitavelmente por uma transição.

Pode-se afirmar que há mudança de paradigma quando a cultura, em seus diferentes ângulos, apresenta discussões diferenciadas das vigentes. É, portanto, uma demonstração de deficiência ou de desejo de alteração de padrões.

Há atualmente um sem número de apelos para mudanças em todas as áreas e o homem já se percebe como instrumento dessas transformações. O pensar a música diante dessa discussão e nessa perspectiva, isto é, como instrumento de apoio irrestrito ao novo paradigma, ao novo homem e sua nova visão de mundo é o desejável e, até onde cremos, irrevogável.

²⁸ AGUIAR, Ritamaria, NINSENBAUM, Esther. *Musicoterapia: Superando Fronteiras*. Rio de Janeiro: CC&P, 1999, p. 16 e 17. (versão apenas em espanhol).

²⁹ YUS, Rafael. *Educação Integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 26.

5 – Educação integral e música

Ao pretendermos apontar a música como instrumento auxiliar no processo de regeneração da humanidade, e não como mero acessório descartável, precisamos buscar seu papel também na visão holística de educação. O homem educado integralmente não se pode abster do sentido artístico-musical de seu desenvolvimento, ou seja, deve buscar caminhos que lhe permitam atender a todas as suas potencialidades,³⁰ a saber: a inteligência emocional, a espiritual, os estilos cognitivos, as capacidades intuitivas, *artísticas*, criativas etc. O que se precisa é *de uma mudança de paradigma, e esse paradigma tem estado presente na história da educação, sempre de maneira marginal, sendo conhecido atualmente como educação holística.*³¹

A cultura hierarquizada e segmentada que recebemos no decorrer de nossa formação “pelas encarnações afora”, instigam-nos a manter o mesmo padrão particionado de construção do saber, no sentido holístico. Segundo a concepção de Yus, vemos:

“O que é educação integral? (...) A tradição cartesiana não só nos mostrou a importância de separar dimensões humanas (mente-emoção, corpo-espírito), mas também de hierarquizá-la, favorecendo algumas (por exemplo, mente, corpo) e reprimindo outras por considerá-las primitivas (exemplo: emoção), ou por serem imaginárias ou irracionais (exemplo: espírito). Por isso, não nos causa estranheza que a idéia de educação integral seja exclusivamente a de conhecimentos, habilidades, valores morais, deixando de lado outras potencialidades, talvez mais determinantes, como as emoções e a espiritualidade, possivelmente por uma equivocada contradição laicismo e espiritualidade.”³²

O estarmos discutindo a música numa visão espírita não nos priva de análises no campo da educação integral, uma vez que é fator determinante para nossa evolução. Lançamos, por isso, algumas questões: Em que tipo de escola estudamos? Em que sociedade vivemos e sob que regime político? A que elementos culturais estamos arraigados? Em que tipo de ambiente nos vemos inseridos? Com cautela e “caridade”, poderíamos mesmo refletir se o próprio processo de desenvolvimento pedagógico-espírita a que estamos filiados na nossa instituição promove ou favorece de forma satisfatória nosso avanço cultural dentro dos preceitos kardequianos.

Colocamos esta questão, intimamente ligada ao nosso progresso holístico-educacional, pois estamos convictos da precisão e da magnitude da Doutrina Espírita, mas e o movimento (que “nós” fazemos)? E a diversidade de atividades desenvolvidas? E as divergências improdutivas? E os diferentes modelos administrativos (as teias e sistemas substituídos por pirâmides de diversos formatos)? E as contingências cargo/poder? E a proposta de unificação que vem chegando firme e sábia, porém encontrando barreiras igualmente difíceis de transpor? E os inimigos de Kardec?³³

³⁰ Sugerimos aqui um olhar atencioso às teorias das inteligências múltiplas de Gardner. (GARDNER, H. *Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1995.).

³¹ YUS, Rafael. *Educação Integral: uma educação holística para o século XXI*. Ed. cit., Apresentação, p. ix.

³² Op. cit., 2002.

³³ Solicitamos que, sobre essas questões, o leitor se reporte a excelente obra: SAID, Cezar Braga. *Centro Espírita: Tendências e Tendenciosidades*. Rio de Janeiro, 2001.

Ainda sobre a questão do termo “holístico”, ressaltamos a situação de se ter atrelado a ele propostas contraculturais, reducionistas ou equivocadas de caráter esotérico, por esse motivo pode ocorrer um restrito entendimento do seu verdadeiro e amplo significado educativo. “Educação Holística” foi um termo proposto pelo canadense J. Miller, em 1996, que asseverava ser este um processo de interconexão do processo ensino-aprendizagem; e logo depois pelo americano R. Miller,³⁴ ao considerar as mais variadas facetas da experiência humana: aspectos físicos, emocionais, intelectivos, racionais, vocacionais, de cidadania, sociais, estéticos, criativos, **artísticos**, intuitivos, espirituais, educacionais... Assevera ainda que ela está firmada na experiência *vital*, não em habilidades básicas rigorosamente definidas; e que, enquanto a educação convencional cuida apenas de reproduzir, a holística reconhece no indivíduo a capacidade de mudar, ampliar e dar novo foco ao seu processo de crescimento. Para ele a *Educação Holística é um empreendimento fundamental*.

Embora o termo seja recente a idéia precede e muito. Comenius,³⁵ considerado por muitos o pai da pedagogia, ao qual Piaget chamava seu antecessor, já defendia os ideais de educação holística. E também Pestalozzi³⁶ e Rivail³⁷ defendiam que o sujeito-educando deveria ser visto e formado integralmente,³⁸ levando tais conceitos às suas respectivas práxis em Yverdon.

Evidentemente, e sem qualquer esforço, podemos perceber a Educação Integral ou Holística como arquétipo para o espírita, que deve buscar o pleno desenvolvimento de suas potencialidades e em todos os campos.

R. Miller observa que o holismo é, “em última instância, uma rebelião do espírito humano, do inconsciente profundo, que se revela acima de tudo na globalidade”. Nesse contexto, sem dúvida, se insere a questão da música como cooperadora do processo de educação integral que é “essa revolução das sensibilidades” ou “reencantamento do mundo (...) é a chave de todas as crises que começamos a enfrentar no início do século XXI”.³⁹

Temos em Platão e Aristóteles a primeira teorização da finalidade artística na concepção pedagógica. Este coloca a **música**, entre outras expressões artísticas, como disciplinas fundamentais na formação do corpo e da alma, isto é, na constituição do

³⁴ MILLER, R., 1997 (in: YUS, ed. Cit. 2002).

³⁵ JAN AMOS KOMENSKÝ: (Moravia, 1592 / Amsterdam, 1670), pedagogo e membro da Igreja dos Irmãos Morávios, descendentes de Jan Huss; era defensor de um “Projeto de Educação Universal para a paz, ecumênica e **integral**. Autor de mais de 250 livros em latim, checo e alemão. Ver mais em: INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita: Um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*. São Paulo. FEUSP, 2001, p. 11 (Tese de Doutorado)

³⁶ JOHANN HEINRICH PESTALOZZI: Zurique, Suíça, 1746 / Brugg, Suíça, 1827. Educador que, como herdeiro de Rousseau, atingiu com profundo compromisso ético-existencial um ideal de cristianismo sem qualquer implicação de caráter dogmático ou ritualístico, traduzindo essas bases em ações na sua vida.

³⁷ HIPPOLYTE LÉON DENIZARD RIVAIL: 1804 / 1869. Emérito professor, autor de livros didáticos e pedagógicos, membro de várias academias científicas, é citado entre os grandes gramáticos franceses de seu tempo. Ver *Les Grammairiens français (1520-1874)*. Paris, Librairie de T. Didot Frères, 1874, p. 373.

³⁸ RIVAIL, Hippolyte Léon Denizard. Textos pedagógicos. São Paulo, Comenius, 1997, p. 13.

³⁹ MILLER, R., Op. cit., 2002, p. 25.

caráter do indivíduo. Haja vista ser para Platão ⁴⁰ a gramática, a estratégia, a aritmética, a geometria e a astronomia formas de arte, eram todas indispensáveis na formação dos guerreiros e filósofos, a estes acrescentando a arte dialética. Observemos as colocações de Aristóteles ⁴¹ na *Arte Poética*:

“A música não deve ser praticada por um só benefício que dela pode derivar, mas por usos múltiplos, já que pode servir para a educação, para proporcionar a catarse e, em terceiro lugar, para o repouso da alma e a suspensão de suas fadigas.” ⁴²

Citamos, ainda, a concepção pedagógica da arte em Kant ao dizer que “a arte é produzir o sentimento do sublime, isto é, a elevação e o arrebatamento de nosso espírito diante da beleza”.

⁴⁰ PLATÃO: Atenas, 427 / 347 a.C. filho de pais aristocráticos e abastados, de antiga e nobre prosápia; temperamento artístico e dialético - manifestação característica e suma do gênio grego; discípulo de Sócrates. É o primeiro filósofo antigo de quem possuímos as obras completas – 35 diálogos (embora se questione, ainda, a veracidade de sua origem). Afirmava que *a Música é o remédio da alma*.

⁴¹ ARISTÓTELES: Este grande filósofo grego, filho de Nicômaco, médico de Amintas, rei da Macedônia, nasceu em Estagira, no litoral setentrional do mar Egeu, em 384 a.C. Aos dezoito anos, em 367, foi para Atenas e ingressou na academia platônica, onde ficou por vinte anos, até à morte do Mestre; faleceu em 322 a. C.

⁴² Apud CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1998, p. 324.

6 – Um mar de sons

Recebi em minha cidade, que fica no interior da região Sul-fluminense do Estado do Rio de Janeiro, divisa com Minas Gerais, um amigo procedente de um bairro bastante agitado da capital. Recordo-me de ter feito planos para tornar sua visita agradável, ou seja, pensei em levá-lo a um passeio pela cidade, para conhecer algumas opções de lazer, cachoeiras, jardins... Sua estada, no entanto, surpreendeu-nos: quedou-se numa relaxante cadeira de que dispomos na varanda e, extasiado observando algumas paineiras que se podem avistar dali, ouvindo as cigarras que moram nelas, declarou com firmeza: – Não quero sair mais daqui! Ele demonstrava no olhar, na fala, satisfação e calma intraduzíveis. Relaxados, ali sentados, passamos boa parte de sua visita. Passear, sair, nada disso. Aquela varanda era a representação de um encontro com a paz. Segundo ele, não ouvia as buzinas, o vozerio, as sirenes, os veículos acelerando fortemente, *os gritos da cidade grande*.

A cidade onde resido possui cerca de 80.000 habitantes e, no meu entendimento, já não oferecia tanta paz assim. Tanto é que, ao visitar para proferir uma palestra uma cidade de Minas Gerais, que possui aproximadamente 20.000 habitantes, senti-me da mesma forma que meu amigo. Eu e ele podíamos verdadeiramente perceber a diferença “sonora” entre as duas respectivas cidades. Vivemos experiências semelhantes com o som e sua influência.

Os ruídos, os sons são tantos e não percebemos quanto nos invadem e atingem. Ao mudarmos de ambiente seus efeitos ficam mais perceptíveis e, muitas vezes, mecanismos psicobiológicos acusam esse estresse, ao qual respondemos com a procura por locais menos ruidosos.⁴³

Considero minha biblioteca um local relativamente calmo e silencioso, entretanto, posso, com nitidez, observar: o barulho da tênue chuva que cai, as folhas da mangueira agitadas pelo vento, um galo que canta no vizinho, o trinado de alguns pássaros que se escondem nas árvores próximas, algumas maritacas que passam em bando buscando refúgio, um rádio sintonizado na emissora local, uma panela de pressão preparando o almoço, o ronco do motor de um automóvel a trafegar, as unhas de minha poodle batendo no chão enquanto caminha, o ruído da cadeira onde estou sentado, do teclado do computador, do cooler da CPU.

Quando estamos concentrados em alguma ação, não estamos atentos a todos esses sons e ruídos, no entanto eles estão nos cercando, nos atingindo, e os ingerimos e digerimos sem nos darmos conta disso.

Nem abordaremos, por hora, as ondas de rádio, de televisão (das mais diversas fontes emissoras), de telefonia fixa, móvel...

Proponho uma rápida *atividade prática*: Pare um momento a leitura, tome papel e lápis e anote todos os sons ou ruídos que estão a sua volta agora. Procure utilizar três a cinco minutos neste exercício. Depois de anotar, assinale apenas aqueles que julga sons agradáveis. Talvez, como muitos, você fique surpreso com a proporção de sons que, segundo o seu critério, assinalou.

⁴³ Mais à frente estudaremos a “Síndrome da Adaptação Geral” analisada por Hans Selye, que contribuirá para essa discussão.

Envolto nesse mar de som, nosso corpo é uma grande caixa acústica formada por mais de 2/3 de um material altamente condutor de som – a água. Não ouvimos, por isso, apenas com nosso aparelho auditivo que tem suas limitações, e sim com todo o nosso corpo. O aparelho auditivo é capaz de filtrar múltiplos sons focando apenas aquele que seja o objeto da atenção. Não quer dizer, no entanto, que os demais sons estejam inertes. Eles estão chegando até nós e provocando seus efeitos.

Analisando o princípio da ressonância, que é a capacidade de as substâncias vibrarem na mesma frequência imposta por uma fonte, observamos notações interessantes. Como se sabe, ao colocamos dez diapásões da mesma frequência dispostos um ao lado do outro, quando tocamos um, os demais ressoarão identicamente. Contudo se o diapásão tocado for de diferente frequência os demais permanecerão inertes. Esse princípio é equivalente para todas as substâncias, uma vez que cada uma possui sua frequência própria. Quando golpeamos a borda de um copo de cristal, ele emite o seu tom, sua frequência. Se uma soprano atinge com sua voz a mesma frequência do copo, pode estilhaçá-lo.

A frequência é determinada por diversos fatores, tais como: forma, peso, massa, construção molecular.

São dois os tipos de substâncias ressonantes: as de ressonância livre – aquelas que ressoam apenas com suas frequências naturais, como o diapásão; e as de ressonância forçada – aquelas que têm capacidade de ressoar com frequências variadas. Nesta a frequência sonora força seu tom sobre o corpo ressonante.

Como afirma Randall McClellan, a água é um meio de reação, e uma vez que a Terra é formada por mais de 70% desta substância, faz ressoar potencialmente todo som que vibra ao seu redor.

“Cada grito de desespero ou alegria, o som dos recém-nascidos e dos moribundos, dos terremotos e dos nossos pensamentos, malévolos e benévolos (é claro que não os ouvimos com nossos ouvidos físicos, mas talvez sejamos influenciados por eles em algum nível).”⁴⁴

Observamos a verossimilhança com o conceito espírita de que tudo interage e que com a menor porção do nosso pensamento estamos influenciando o mundo a nossa volta.

“Os aprendizes da Boa Nova constituem a instrumentalidade do Senhor. Sabemos que, coletivamente, permanecem todos empenhados em servi-lo, entretanto, ninguém olvide a necessidade de afinar a trombeta dos sentimentos e pensamentos pelo diapásão do Divino Mestre, para que a interferência individual não se faça nota dissonante no sublime concerto do serviço redentor.”⁴⁵ (p. 130).

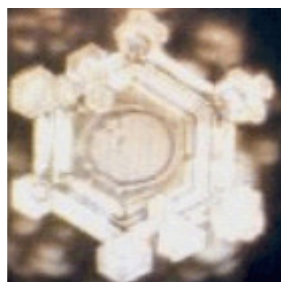
⁴⁴ McCLELLAN, Randall. *O Poder Terapêutico da Música*. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 28.

⁴⁵ XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de Luz*. Pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1952.

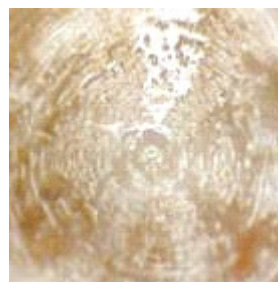
7 – Cantando para a água

Merece todo destaque a grande contribuição trazida pelo trabalho científico realizado por Masaru Emoto ⁴⁶ (A mensagem da água – 1999) e sua equipe. Cristalizaram e registraram, através de especializado material fotográfico, moléculas de água. As amostras, coletadas em lagos chuvas, neves e em diversos locais demonstraram reações interessantes ao serem expostas à variedade de estímulos, como: formas de mentalização, emoções diversas, palavras, expressões ditas ou escritas, e “músicas”. À medida que os estímulos eram intercalados, as mais diferentes formas geométricas e cromáticas davam seu testemunho de que estavam sensíveis às variações.

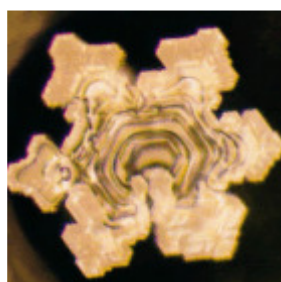
No caso específico da música, as amostras foram expostas por horas entre dois alto-falantes. Num momento com músicas de Beethoven, Bach ou Mozart, noutro com Heavy Metal. Pode-se imaginar os resultados obtidos! Depois do congelamento as fotografias revelaram fantásticas variações. Formas divinas, esculpidas geometricamente pela força da música revelaram singular beleza hexagonal quando expostas aos mestres da música clássica. Já ao Heavy Metal, desvendaram formações distorcidas, disformes e descoloridas.



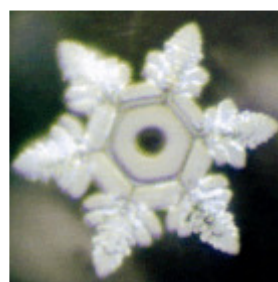
Molécula de água após exposição à música de Bach



Molécula de água após exposição ao Heavy Metal



Molécula de água após exposição à música de Mozart



Molécula de água exposta a um grupo vibrando amor (hado)

A água, fonte de toda a vida da Terra, envia-nos sua mensagem solene e silenciosa confirmando ser sensível, como tudo que existe. Cada célula, nosso corpo físico, todo o planeta com suas constituições aquosas por excelência demonstram-se impressionáveis, comovíveis, suscetíveis aos mais simples sentimentos, à mais singela canção.

⁴⁶ Dentre os inúmeros sites onde se pode encontrar detalhadamente a pesquisa do eminente pesquisador – que estará realizando pesquisa semelhante com amostras de fontes e rios brasileiros – temos o da Associação Médico-Espírita do Brasil <http://www.amebrasil.org.br> .

Como temos “cantado” nossa vida sugere tanta importância quanto o que temos pensado ou feito. Bem se sabe que a cada uma de nossas ações e pensamentos haveremos de dar conta.

“Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Nenhuma há, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofreremos as conseqüências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos.”⁴⁷ (p. 192).

Vale uma imersão nas pesquisas do Dr. Emoto verificando as formas belas e diversamente cromáticas produzidas a partir de diferentes estímulos oferecidos.

Aproveitando o dito de que quando se “canta”, se ora duas vezes, vejamos os comentários do eminente pesquisador sobre o poder da prece feita por uma pessoa e por um grupo.

“Se uma pessoa ora com um profundo senso de clareza e pureza, a estrutura da molécula será cristalina e pura porque o resultado é o reflexo da sua intenção e energia. No caso do grupo, se a intenção não for coesa, o resultado será compatível com essa falta de coesão. Mas se todos estiverem unidos na mesma intenção, o resultado é um desenho claro e lindo como o criado pela oração sincera de uma única pessoa.”⁴⁸

Vemos aqui a confirmação da fala de McClellan da página anterior.

Comenta, ainda, que a mais bela estrutura cristalina fotografada foi a que ficou exposta a um grupo de pessoas imbuídas de pensamentos positivos, relacionando-os com sentimentos “amor” e “amizade” – Hado.

Este magnífico material é ventilado por toda a imprensa mundial desde sua publicação. Na Internet, por exemplo, contabilizamos mais de 500 sites sobre as pesquisas do eminente professor japonês.

⁴⁷ CARNEIRO, Vitor Ribas. *ABC do Espiritismo*, Federação Espírita do Paraná, 1996.

⁴⁸ Entrevista realizada por Reiko Myamoto, publicada em vários sites, dentre eles o “The Spirit of Ma’at”. <http://www.spiritofmaat.com>

8 – Sobre a Cimática

O físico alemão Ernest Chladni é considerado o pai da Cimática – ciência que estuda os efeitos das ondas sonoras sobre a matéria. Suas experiências trouxeram interessantes revelações ao século XVIII. Numa plaqueta de metal distribuiu pequena porção de fina areia acoplando a ela um violino. Ao passar o arco pelas cordas, sustentando por um razoável período, percebeu que a areia se movia surpreendentemente formando padrões geométricos singulares. Círculos interligados e concêntricos eram estampados com nitidez sobre a placa metálica. À proporção que soavam notas diferentes, sob o comando do arco, novas figuras se revelavam: formas espiraladas, hexagonais...

Avançando por esses caminhos, Dr. Hans Jenny,⁴⁹ cientista suíço, desenvolveu novos métodos investigativos. Lançando mão da tecnologia do século XX utilizou placas mais sensíveis, osciladores eletrônicos, microfones, amplificadores e material fotográfico. Usou, além da areia fina, limalhas, água, mercúrio e alguns outros líquidos. Realizou experiências com as notas e também com músicas clássicas e sons vocais cantados e falados. Suas observações contribuíram ainda mais, pois as formas surgidas assemelhavam-se a cromossomos, células, moléculas, etc, além das estruturas de cristais. Ao pronunciar determinadas vogais no microfone, a placa metálica permitia a formação de figura semelhante à grafia da letra. Tal fato foi ainda mais incrível quando pronunciadas sílabas de antigas línguas, como o sânscrito e o hebraico. A areia ou os líquidos assumiam formas semelhantes aos símbolos escritos para esses sons.

Comenta com sabedoria Emanuel:

“A vida é a harmonia dos movimentos resultante das trocas incessantes no seio da natureza visível e invisível. Sua manutenção depende da atividade de todos os mundos e de todos os seres.”⁵⁰

⁴⁹ JENNY, Hans. *Cymatics*, Suíça, Basilius Press, 1974. (in: McCLELLAN, Randall. *O Poder Terapêutico da Música*, Siciliano, 1988, p.58.

⁵⁰ XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1939, p. 78.

9 – Alguns conceitos e elementos

A música, os sons possuem algumas características as quais devemos analisar; a decomposição de seus diversos elementos, como o ritmo, a melodia, a intensidade, o timbre etc, oferecem variadas aplicações, exercendo, conseqüentemente, efeitos distintos. A Musicoterapia, por exemplo, de modo costumas usa tal processo. Vejamos algumas formas de decomposição, elementos e conceitos:

- **Timbre** – chamado de “a cor do tom”, é a qualidade que permite aos sons se distinguirem, mesmo tendo a mesma altura e intensidade.
- **Duração** – é o espaço de tempo que dura um som; período em que permanece audível, perceptível.
- **Altura** – termo usado para caracterizar a freqüência de um determinado tom (dó, ré, mi...); confere-lhe a propriedade de ser mais grave(baixo) ou mais agudo (alto).
- **Intensidade** – Juntamente com os três elementos anteriores, forma o conjunto indissociável de qualidades pertinentes a todos os sons. Relaciona-se à amplitude das vibrações, caracterizando a sensação de força empregada para se emitir um som ou a produzida por ele.
- **Melodia** – dá expressividade à música, qualificando-a em relação ao som apenas. É a sucessão de sons de alturas e valores diferentes que caracteriza a música, obedecendo a um sentido musical lógico e seqüencial.
- **Ritmo** – representa o elemento dinâmico da música, o que flui; relaciona-se com as mais diversas emoções humanas provocando imediatas reações fisiológicas. Obedece a um padrão temporal dentro de um estilo, regulado pela sua maior ou menor duração. Segundo Platão, “é a ordem no movimento”.
- **Harmonia** – execução de sons variados em conjunto, seguindo organização, simetria e proporção apropriadas. É a Ciência da formação e do encadeamento dos acordes musicais
- **Freqüência** – É medida a partir do número de cps (ciclos por segundo) apresentados por um dado som, ou seja, se a freqüência for de 440 cps, quer dizer que a corda completa 440 ciclos inteiros por cada segundo.
- **Intervalo** – refere-se à distância entre as notas musicais.
- **Amplitude** – termo acústico para a quantidade de energia empregada para produzir um tom. É medida em decibéis.

10 – Sons e cores

“As radiações que tocam o perispírito são coloridas de tons incrivelmente variados. Cada cor possui uma propriedade particular, que confere uma sensação de bem-estar, de satisfação, que difere de acordo com a pureza, a homogeneidade de cada tom.”⁵¹ (p.100).

São comuns associações dos sons às cores. A própria escala musical recebe o nome de “cromática”. A literatura espírita revela-nos que há nas cores, bem como na música, íntima relação com nossos sentimentos e atitudes, porém não há ainda aprofundamento sobre de que forma se inter-relacionam. Algumas correntes místicas tratam o assunto como algo transcendental e milagroso apontando, por isso, inúmeras fórmulas e explicações nem sempre convincentes. O caráter científico-filosófico da Doutrina Espírita esclarece-nos que ainda muitos horizontes se descortinarão, mas que devemos abraçar a Ciência em primeira instância. Especulações, achismos não são bem-vindos ao estudo sério e sistematizado do Espiritismo.

Dora Incontri⁵² afirma que toda a filosofia espírita se insere historicamente num desenrolar de idéias que vem desde Sócrates⁵³ e Platão – e tem uma densidade conceitual e uma contribuição inédita a dar para a cultura contemporânea, que passa por um momento de perplexidade. Notamos que as primeiras análises, comparando matematicamente as cores aos sons, são exatamente socráticas.

Léon Denis,⁵⁴ em sua obra *O Espiritismo na Arte*, faz esclarecedoras observações relativas à questão:

“Dessa forma pode-se, com as cores fundamentais, formar uma gama de tonalidades que dão por correspondência vibrações de todos os sentimentos humanos e sobre-humanos.” (p. 100).

A seguir relacionamos uma série de citações sobre sons e cores pinçadas de sua obra:

“Já lhes disseram⁵⁵ que o que vocês chamam de sonoridade é, para nós, comparável à coloratura que, transportada sobre moléculas fluídicas, percorre os campos vibratórios e vai comunicar aos seres impressões comparáveis às que

⁵¹ DENIS, Leon. *O Espiritismo na Arte*. (Comentário feito pelo espírito Massenet). Niterói: Lachâtre. 1994, p. 100.

⁵² INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita: Um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*. São Paulo. FEUSP, 2001, p. 11 (Tese de Doutorado)

⁵³ SÓCRATES: 470 ou 469 / 399 a.C., em Atenas, filho de Sofrônico, escultor, e de Fenáreta, parteira. Aprendeu a arte paterna, mas dedicou-se inteiramente à meditação e ao ensino filosófico, sem recompensa alguma, não obstante sua pobreza. O interesse filosófico de Sócrates é voltado para o mundo humano, espiritual, com finalidades práticas, morais. *Conhece-te a ti mesmo* - eis o famoso dito socrático.

⁵⁴ LÉON DENIS: Foug, França, 1846 / Tours, França, 1927. Sem dúvida foi, na Europa, um dos maiores divulgadores do Espiritismo que conheceu aos 18 anos. Possui vasta produção literária espírita e é considerado o filósofo do Espiritismo.

⁵⁵ O espírito ‘O Esteta’ que aqui nos fala sobre os sons, as cores e sua relação, refere-se às lições do espírito Massenet, também estudadas na obra de Denis.

seus ouvidos percebem quando vocês ouvem uma gama de sons harmonizados neste ou naquele grau de vibrações.” (p. 71).

“Concebe-se muito bem que existe uma relação entre as ondas sonoras e as ondas luminosas, porém tal relação escapa a muitos observadores e sensitivos porque as percepções são bastante diversas em seus graus de intensidade; sendo as vibrações luminosas incomparavelmente mais rápidas do que as vibrações sonoras.” (p. 101).

“Atualmente as vibrações e ondas do éter bem reconhecidas e classificadas, formam cerca de 50 oitavas. O campo de estudo é muito mais extenso do que para os sons perceptíveis ao ouvido, que formam, quando muito, 10 oitavas, reduzidas a sete nos instrumentos de música. Essas 50 oitavas são repartidas em três grupos, a saber: o da radiotelegrafia, o grupo ligado à luz e o grupo dos raios X. Eles, em geral, são classificados por ordem de frequência, como num grande piano. À esquerda, do lado das baixas frequências e dos sons graves, são as ondas da telegrafia sem fio, que asseguram as comunicações terrestres à grande distância. No centro, tem-se a oitava luminosa e as oitavas vizinhas, que transportam calor e luz, que nos permitem conhecer o horizonte do local, o sol e as estrelas, que impressionam as placas fotográficas e servem para purificar as águas. Finalmente, à direita, ao lado das altas frequências e dos sons agudos, estão os raios X, que possuem propriedades elétricas notáveis, que nos descortinam os recônditos mais ocultos dos corpos vivos e a estrutura íntima dos átomos. Observe-se também que sobre essas 50 oitavas uma apenas, situada mais ou menos no meio, é diretamente percebida por um de nossos sentidos: é a oitava que contém os raios luminosos do vermelho ao violeta.”⁵⁶

“A solidariedade dos sons e das cores da qual o espírito Massenet nos fala, foi pressentida por todos os grandes músicos. Um deles disse: “A melodia é para a luz o que a harmonia é para as cores do prisma, isto é, uma mesma coisa sob dois aspectos diferentes: melódico e sinfônico.” (p. 106).

“As formas e imagens produzidas pelas vibrações sonoras nos espaços etéreos parecem-nos ser igualmente manifestações do pensamento ordenador que concebeu o universo e o dirige. A música celeste poderia representar a própria vibração da alma divina.” (p. 102).

Existem algumas diferentes tabelas analisando as notas musicais e sua correlação com as cores. Observemos a que mais comumente é aceita.

Cores	Notas	Glândulas	Centros de força
Violeta	Si	Pineal	Da coroa
Índigo	Lá	Pituitária	Frontal ou do 3º olho
Azul	Sol	Tireóide	Da garganta
Verde	Fá	Timo	Do coração
Amarelo	Mi	Supra-renais – pâncreas	Do umbigo
Laranja	Ré	Baço – fígado	Do sacro
Vermelho	Dó	Ovários – gônadas	Da raiz

⁵⁶ Discurso em sessão anual do Instituto Meudon proferido pelo diretor deste Observatório, Dr. Delandres, (in: Denis, 1994, p. 102).

11 – Musicoterapia

É uma ciência recente e que vem se desenvolvendo e crescendo muito, inclusive no Brasil. Ao contrário do que muitos pensam, trata-se de uma carreira de nível superior, com quatro anos de duração, devidamente reconhecido pelo Conselho Federal de Educação desde 1978 através do parecer 829/78. Seu currículo é composto por três grandes áreas: a científica, a musical e a de sensibilização.

Consiste na aplicação sistemática da Música por um musicoterapeuta com fins terapêuticos e educacionais. Não deve ser confundida com Educação Musical, embora deva o candidato a esta formação ter conhecimentos generosos de teoria e prática musical.

Os milênios e a historiografia legítima nos informam que a música e suas aplicações sempre estiveram presentes desde os primórdios da civilização, senão da humanidade.

Suas origens se assentam sobre a da própria música, que não se pode precisar. Têm-se notícias de papiros egípcios datados de mais de 1500 a.C. onde era atribuída à música influência sobre a fertilidade feminina. Outros escritos consignados como da Grécia antiga demonstravam os positivos resultados no alívio e cura das crises ciáticas tratadas com o doce toque de flautas.

O mais antigo indício de música que se tem, porém, é de uma ocarina de argila com cinco orifícios datada de 10 mil anos a.C. Ressaltamos, também, o famoso Departamento Imperial de Música (incorporado ao Departamento de Pesos e Medidas) existente na antiga China, cerca de 300 anos a.C. Nele o Imperador, seus ministros, músicos e astrólogos *determinavam o tamanho exato das Flautas Imperiais para garantir que a música tocada durante o seu reinado estivesse de acordo com os corpos celestes*,⁵⁷ isto é, julgavam que toda a harmonia universal estava relacionada aos sons musicais. Dessa forma, como previa sua cultura, a paz em todo o império estaria assegurada.

O poder dos cânticos, na cultura xamã, expulsava os espíritos de suas vítimas libertando-os da angústia e das enfermidades. Enquanto Apolo, o deus grego, era ao mesmo tempo o senhor da música e da cura; ao seu templo eram levados aqueles que careciam de cuidados especiais, ali ficando até seu integral restabelecimento, nunca faltando a presença da música como medicamento abençoado.

Os momentos de solenidade e êxtase de alguns segmentos religiosos atingem seu ápice juntamente com o cântico, havendo um especialmente para cada ocasião. Outros (também não espíritas) consomem o transe mediúnico com determinadas canções e ritmos. Ao falar com os deuses, antepassados, fantasmas ou espíritos – como geralmente os chamam – os atuais curandeiros, pajés, bruxos... utilizam melodias cantadas e tocadas como canal de acesso e evocação. Recorrem à música aberta e naturalmente em busca do lenitivo, de respostas e da terapêutica que ela oferece ou media.

Devido aos traumas da Primeira e da Segunda Grande Guerra foram contratados músicos a fim de amenizarem os incontáveis traumas dos soldados americanos. Apos-tavam os hospitais que o efeito relaxante e sedativo da música pudesse trazer harmo-

⁵⁷ PICKEN, Lawrence. *Oxford history of music*. (in: McCLELLAN, Randall. *O poder terapêutico da música*. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 11).

nia aos sofridos ex-combatentes. Não obstante, apenas na Segunda pode-se notar um avanço nos estudos sobre as possíveis e reais influências dos sons. Equipes de forma sistemática começaram a se organizar. Vejamos: *O primeiro plano de estudos foi elaborado em 1944, em Michigan (EUA). Em 1950 foi fundada a Associação Nacional para Terapia Musical nos EUA. Em 1968, na Argentina, houve a Primeira Jornada Latino-Americana de Musicoterapia.*⁵⁸ Infelizmente, no Brasil, só tivemos a instalação dos primeiros cursos em 1971, no Paraná e no Rio de Janeiro. Em 1980 a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) daria início à prática clínica da Musicoterapia.

Dentre seus principais objetivos estão o de oferecer desenvolvimento das capacidades físicas, psicológicas, sociais, emocionais e afetivas do indivíduo. Considerando-se que todo indivíduo tem encoberta sua capacidade criativa, oferece subsídios para que seja redimensionado seu potencial reativando habilidades adormecidas pela cultura ocidental (maior propulsora da nossa capacidade analítica e reflexiva) que ele sempre recebeu. Sua auto-estima é ampliada durante o processo musicoterapêutico favorecendo, assim, os resultados. Eis como se expressa Ingeñieros:

“... a música não cria coisa alguma, mas intensifica como se fosse um ressoador que reforçasse, em cada indivíduo, aquilo que já existe nele.”⁵⁹

Aguiar nos fala sobre alguns objetivos da Musicoterapia:

“... a tentativa de reorganização do equilíbrio alcançado e da organização que favoreça a transição entre o sistema codificado não-verbal e o verbal; o fortalecimento das relações intra e interpessoais e o pragmatismo; o incentivo à criatividade e à expressividade, favorecendo a auto-estima e a realização pessoal.”⁶⁰ (p. 31).

Dentro de um contexto clínico e terapêutico a música é utilizada de forma criativa obedecendo às necessidades patológicas do paciente. Podem ser estabelecidas técnicas musicoterápicas a partir da:

- criação ou composição – conhecendo / reconhecendo novos ritmos, sons, instrumentos passa-se ao processo criativo. Pode-se trabalhar com compêndio de ritmos, palavras ou idéias relacionadas ao tipo de tratamento; neste caso podem-se aliar os instrumentos à composição vocal.
- recriação musical – semelhante à forma anterior, onde ritmos, sons, melodias ou harmonias são trabalhados, o paciente, em conjunto ou não com o musicoterapeuta, executa ou canta músicas e melodias já existentes. A criação de paródias pode também ser empregada, nesse caso, articulando com os anseios do paciente e a partir do diagnóstico.
- improvisação livre ou orientada – através da utilização de instrumentos variados ou da voz, o paciente e/ou o musicoterapeuta iniciam criação harmônica,

⁵⁸ VON BARANOW, Ana Lea Vieira Maranhão. *Musicoterapia – Uma Visão Geral*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999. (Obra abrangente, coesa e concisa; excelente conteúdo que descortina o universo da Musicoterapia. Foi-nos a grande inspiradora deste capítulo – sugerimos sua leitura).

⁵⁹ Apud Von Baranow, Ed. cit., p. 23.

⁶⁰ AGUIAR, Ritamaria, NINSENBAUM, Esther. *Musicoterapia: Superando Fronteiras*. Rio de Janeiro: CC&P, 1999. (disponível apenas em espanhol).

melódica ou rítmica lançando mão da história musical diagnosticada e da imensa variação de gêneros existente.

- audição e performance musical – englobando os diversos estilos e sempre sendo observada a necessidade de cada quadro. No caso da performance, deve-se sempre respeitar o nível de desenvoltura musical de cada indivíduo sucessivamente validando o processo com o carinho e atenção necessários.

Luiz Antônio Milleco utiliza a técnica “músico-verbal”, onde situações ou sentimentos são relacionados verbalmente e expressados, em seguida, de forma sonora.

Pode-se, ainda, utilizar técnicas de construção e invenção de instrumentos musicais; dramatização sonoro-musical; utilização de dinâmicas diversas adaptadas aos fins musicoterapêuticos, podendo envolver músicas cantadas, tocadas, recriadas; e também lançando mão dos próprios instrumentos musicais existentes ou criados. A biodança também não pode ser esquecida! As atividades abrangem pacientes desde a gestação até a terceira idade, e portando as mais diferentes patologias nos campos físico, mental, emocional e social.

Há também atendimentos a grupos, onde se busca respeitar características e necessidades afins. Como nos informa Von Baranow, os motivos variam dependendo do tipo de grupo formado, e dentre os aspectos que podem ser trabalhados cita:

“... livre expressão sonora: vocal, corporal e instrumental; melhora na comunicação; integração grupal; estabelecimento de limites; percepção do outro e de si mesmo; sociabilização; percepção sensorial; coordenação rítmica e motora; orientação espaço-temporal; memória, atenção e concentração; percepção sonora, corporal e ambiental; sensibilização; criatividade e improvisação; fantasia e imaginação; respiração e relaxamento; análises verbais das atividades realizadas.” (p. 41).

12 – Som e perigos

Quando vibra ou se move, um objeto produz oscilação sonora, que recebe o nome “som”, se for de caráter desejável; caso contrário – “ruído”. Dessa forma notaremos processos sonoros de agressão ou benefício ao organismo.

Em homenagem a Graham Bell, adotou-se a unidade decibel (dB) para medição da pressão criada pelo som, através do decibelímetro. Quanto mais volume tem o som, mais alto o nível de decibéis. Utiliza-se a sigla DBA (ou dBA) quando se faz referência ao nível perceptível ao *ouvido humano*, uma vez que nosso aparelho é limitado – o que não denota apenas existir a nossa faixa de percepção sonora.

O ouvido humano é capaz de captar sons a partir de 0 até 120 DBA. Isto quer dizer que um som que atinja os níveis extremos, de 100/120 DBA em diante provocam efeitos dolorosos, danosos e, às vezes, irreversíveis em quem a eles se expõe.

O efeito, benéfico ou não, produzido pelo som ou ruído dependerá de sua intensidade, duração, qualidade, quantidade entre outros fatores; o organismo humano, por sua vez, está apto a suportar grande intensidade sonora por períodos não muito longos. Após um pouco mais de 60 minutos exposto a sons intensos a partir de 100 decibéis, o sistema nervoso necessita de aproximadamente 40 horas para retornar ao seu estado normal de atividade.

Daí estarmos observando o crescente número de usuários da Musicoterapia que possui, entre suas várias funções, a de restabelecer a paz interior, a harmonia orgânica e espiritual do indivíduo que vive cercado de uma infinidade de sons e ruídos nocivos nem sempre bem-vindos.

Vejamos alguns níveis em DBA a que estamos expostos no dia a dia.

– Em casa:

• Pingo de torneira	40 DBA
• Geladeira	45
• Ventilador	45
• Lavadora de roupas	65
• Lavadora de pratos	65
• Liquidificador	70
• Aspirador de pó	75
• Ar condicionado	80
• Despertador	80

– No trabalho ou nas ruas:

• Chuva moderada	50 DBA
• Pio de pássaros	60
• Caminhão ou ônibus	80
• Trânsito agitado	85
• Coquetel para 100 pessoas	85
• Criança gritando	90 a 115
• Serra elétrica	100
• Motocicletas	100
• Trovão próximo	120
• Motor a jato	120 a 140

– Em atividades diversas:

- Show de rock ao vivo 90 a 130 DBA
- Multidão num estádio esportivo 120
- Motor a jato na decolagem 120 a 140
- Motores elétricos 100 a 105

Agora imaginemos uma família composta de 8 pessoas sentadas à mesa aguardando o jantar. O pai trocando impressões com a mãe sobre a escola da filha; esta lembra ao pai sobre sua mesada; a avó comenta como eram distribuídas as economias quando era jovem; os filhos mais novos com brinquedinhos eletrônicos nas mãos teclando sem parar (de vez em quando um solta um gritinho comemorando um ponto alcançado); a ajudante com o liquidificador ligado preparando o suco; a geladeira com o motor em funcionamento; a chuva caindo lá fora, alguns trovões; a TV ou o rádio ligado num volume que possa suplantar o som da voz de todos que conversam quase que ao mesmo tempo, pois pouco se vêem e é hora de pôr a conversa em dia; na rua passam caminhões, carros e ônibus sem cessar...

A quantos DBA estaríamos expostos nesse momento? E não fizemos aqui a descrição de uma família pitoresca das novelas ou seriados televisivos. Este é um quadro comum a muitos de nós – que não quero aqui venha transparecer qualquer ar de reprovação. O fato é que estamos convivendo com questões, muitas vezes com poucas opções de alteração, isto posto precisamos buscar alternativas de equilibrar nossa saúde sonora. A inserção de novos hábitos poderia ser nossa grande chance.

As orientações são inumeráveis, e nos chegam novas a cada dia, no que diz respeito a silenciar⁶¹ anteriormente às reuniões na Casa Espírita. Algumas delas nos dizem: o Centro Espírita é um ambiente de trabalho espiritual contínuo, um pronto socorro, um espaço de estudo, prece e meditação, que sugere recolhimento, silêncio⁶² e respeito, onde existem pessoas de toda ordem ou passando por provações diversas, entre outras questões. Queremos somar aqui a orientação sobre os malefícios do ruído ou sons indesejáveis. Sabemos, que, apesar das orientações da espiritualidade maior, alguns companheiros não atentaram ainda para esta questão.

Sugerimos a utilização da música suave que contribuirá muito para a harmonização prévia do ambiente podendo ser “new age”,⁶³ clássica,⁶⁴ de canto coral espírita.⁶⁵ Podemos, ainda, utilizar outro gênero de música espírita que transmita mensagem edificante.⁶⁶ Ou também, e com muita cautela, algumas músicas não espíritas,⁶⁷ mas que possuem em seu bojo a essência da paz, do belo, da harmonia e do amor.

⁶¹ KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, p. 130.

⁶² Idem. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, p. 251,431,436,448,471.

⁶³ Há uma infinidade de opções. Como sugestão temos: Steven Halpern, Áurio Corra.

⁶⁴ Oferecemos algumas orientações no capítulo “Oportunidade de Experenciar”.

⁶⁵ Coral Despertar, COROUDEB, COROMEERJs, GVE Joana de Angelis, GEM Geraldo de Aquino...

⁶⁶ Marielza Tiscate, Adriana Araújo, Joelson Queiroz, Ariovaldo Filho, Kau Mascarenhas, GAN...

⁶⁷ Algumas composições de Beto Guedes, Almir Sater, Roberto Carlos, Milton Nascimento e outros.

Citamos, também, a questão do local de trabalho, cada vez mais difícil de ser escolhido (quando se tem um) – dar uma opinião sobre a questão do ruído então... pode significar até perder o emprego.

A cada despertar temos nova oportunidade de reflexão sobre nosso comprometimento diante da vida. Aquele que deixa de ignorar uma questão, qualquer que seja, passa a ter uma grande responsabilidade ao se deparar com fatos que contradigam a verdade.

“A responsabilidade moral dos atos da vida fica, portanto, intacta; mas a razão nos diz que as conseqüências dessa responsabilidade devem ser proporcionais ao desenvolvimento intelectual do Espírito. Assim, quanto mais esclarecido for este, menos desculpável se torna, uma vez que com a inteligência e o senso moral nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto.”⁶⁸ (p. 88).

O novo é sempre algo que assusta – àquele que teme o progresso! Onde há o espírito reverente diante da inevitável lei Divina de progresso, e o irreverente defronte das possibilidades de conhecer mais e pôr em prática o que se adquiriu, não há espaço para medo e comodismo.

Faço aqui um comentário sobre um fato acontecido com um trabalhador querido da seara espírita. Após um estudo, onde comentávamos justamente a questão da música e suas influências, este companheiro lançou para si um propósito – o de sugerir em seu grupo de evangelização dos espíritos (ou desobsessão, ou reunião mediúnica de caridade) *a música*. Colheu conosco diversas sugestões de repertório e buscou a coordenadora da reunião e outros companheiros. Disse-nos ele que, após explanação e debates sobre o assunto, ela assim o respondeu:

– Entendemos toda a questão científica e a seriedade do tema, mas a reunião sempre funcionou bem assim mesmo. De qualquer forma, vamos consultar o mentor espiritual dos trabalhos.

E assim foi feito. Infelizmente o mentor “concordou com a médium” negando os benefícios da música! Nem preciso comentar o desapontamento desse nosso querido companheiro.

Hoje, cinco anos passados, fui convidado para cantar com nosso grupo nesta instituição e pude notar, com muito alegria, que há um aparelho de som na sala mediúnica e um bom sistema de sonorização no salão de palestras e estudos. Não sabemos como são utilizados, pois nosso amigo não pertence mais ao referido grupo. Seja como for, ele deu sua contribuição.

Quanto trabalho damos à espiritualidade que nos intui⁶⁹ com tanto carinho e precisão. Amavelmente acercam-se de nós, falam-nos do progresso, do estudo, do ouvir o próximo... e certamente lamentam nossas dificuldades em não alcançar determinadas orientações.

⁶⁸ KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, 1ª parte, cap. VII.

⁶⁹ KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, p. 128 (Nota de Erasto) e 233.

13 – Ciência e comprovação

Antes de partir para o propósito deste capítulo, quero dizer do meu profundo respeito a todos os gêneros musicais e preferências individuais, sobretudo aos amantes do “rock”, que será abundantemente citado. Justifico-me para não parecer tendencioso e para que fique bem claro que lanço mão deste estilo em meus comentários por estarem o maior número de pesquisas e abordagens centradas neste gênero. Gostaria mesmo de poder exemplificar com nosso “funk”, “pagode” ou “sertanejo” – estilos que proporcionariam igualmente grandes reflexões junto à nossa realidade musical. Vejo, no entanto, nas questões envolvendo principalmente o rock, profunda intimidade com o panorama gerado pelo funk. Em dados momentos dessa pesquisa, pude mesmo observar identidade absoluta entre ambos. Por uma questão de respeito e coerência vamos realizar os comentários deixando que cada leitor faça sua pessoal análise.

Citarei inicialmente uma pesquisa realizada pelo Dr. John Diamond muito comentada por terapeutas como Dr. Louis Savary, Steven Halpern, Nevill Drury, Andrew Watson, e vários outros. Eles igualmente acreditam que certos gêneros musicais são capazes de produzir efeitos prejudiciais no ser humano. E, como afirma o autor da pesquisa, “ouvimos não só com os ouvidos, mas também com o corpo”.

Diamond expôs centenas de pacientes a rock pesado⁷⁰ e sua pesquisa apresentou números alarmantes: 90% registraram perda de 2/3 da sua capacidade muscular. Queremos observar que boa parte dos voluntários apresentava perda quase instantânea, mesmo aqueles que gostavam desse gênero musical. Outro dado bastante relevante é que, em pesquisas semelhantes, outros grupos foram expostos ao rock com os ouvidos completamente tapados, resultando em estatística muito próxima da anterior, o que comprovou a percepção musical e sonora por todo nosso corpo, independente do nosso nível de audição. Acrescentamos que os surdos “estariam”, portanto, expostos de forma mais arriscada, uma vez que não estão aparelhados para perceber as diversas fontes de ruídos, de sons e músicas não saudáveis.

A partir dessa abordagem, aqueles que ouvimos perfeitamente, isto é, que estamos devidamente aparelhados para distinguir e optar por uma dieta sonora adequada, vemos-nos responsabilizados novamente por não mais ignorar tal questão.

Muggiati discute o índice de decibéis do rock observando:

“Sabe-se que quando um barulho súbito atinge o ouvido humano o coração bate mais rapidamente, os vasos sanguíneos se constroem, as pupilas se dilatam, o estômago, o esôfago e intestinos são tomados de espasmos.”⁷¹

E na mesma obra cita Diserens que afirma:

“A música atua sobre o corpo humano da seguinte forma:

- 1) aumenta o metabolismo;
- 2) aumenta ou diminui a energia muscular;
- 3) acelera a respiração e diminui sua regularidade;

⁷⁰ Uma das bandas citadas na pesquisa pelo Dr. John Diamond foi “Led Zeppelin”.

⁷¹ MUGGIATI, Roberto. *Rock – o Grito e o Mito*. Ed. cit., p. 39.

- 4) produz um efeito marcado mas variável no volume de sangue, pulso e pressão sanguínea;
- 5) diminui a abertura para estímulos sensoriais de modos diferentes.”⁷²

A sinestesia, também comentada por Muggiati,⁷³ é outro fator associado à audição de determinados gêneros musicais. A confusão interpretativa provocada aos nossos sentidos (visão, olfato, tato, audição...) caracteriza tal superposição dos canais sensoriais. Desde os pôsteres e programas que anunciam as bandas de rock já se percebe uma proposta sinestésica. A intensa projeção de luzes coloridas durante as apresentações das bandas; a busca do *som realístico* (alta fidelidade – *hi-fi*), afasta a abstração sonora envolvendo o ouvinte no que o autor chama de *uma espécie de envelope acústico (wrap around)* ou *útero sonoro*. O som altamente amplificado proporciona uma ruptura na comunicação com o mundo exterior, e vê-se o ouvinte envolvido de tal forma que, mesmo em meio à multidão, torna-se uma individualidade – de certa forma incapaz de comunicar-se consigo mesma. *As luzes relampejantes, que diluem as relações de espaço e anulam a capacidade de orientar-se segundo o hábito embrutecedor do espaço tridimensional* provocam uma explosão de valores e atitudes. Vale notar que o efeito sinestésico é perfeitamente comparável aos efeitos produzidos pelas drogas.

Há um especial destaque na obra de Muggiati para o que os antropólogos chamam de *potlatch*. Tal termo refere-se à prática de sociedades primitivas onde o chefe de uma tribo ou clã destruía ou trocava um bem que lhe fosse caro. Era uma espécie de demonstração de superioridade e afronta à tribo adversária que, se a aceitasse, deveria promover um ritual semelhante, ou seja, destruir um outro bem de igual ou superior valor. Certamente o ato era apenas o intróito da “guerra” que viria. Tais práticas são observadas nas apresentações de inúmeras bandas de jazz e rock,⁷⁴ onde seus componentes promovem a destruição quebrando ou incendiando seus instrumentos musicais e ou aparelhos; noutros momentos tratando-os como símbolos fálicos. Não seria necessário observar que os amantes desses “sons” não raro participam da reprodução de tais atos de violência, quer nas dependências do show, quer nas cercanias.

Você já ouviu falar de práticas semelhantes no Brasil envolvendo outros gêneros musicais onde, depois do baile, quebradeiras, atos de vandalismo, incêndio a ônibus e carros, estupros e assassinatos etc foram praticados?

Vejamos o que os próprios artistas do rock declararam em entrevistas: 1º David Crosby; em seguida John Phillips do grupo “The Mamas and the Papas”.

⁷² DISERENS (in: MUGGIATI. Ed. Cit., p. 38.).

⁷³ Citaremos aqui algumas críticas feitas pela imprensa à obra de Muggiati:

“Neste pequeno ensaio o autor condensa, com espírito crítico, o que aconteceu com o rock (...) no primeiro trabalho sério publicado sobre este assunto no Brasil.” (Dailor Varela – Veja).

“A música recebe um tratamento totalizante: seus aspectos técnico, semiológico, social, poético e político são considerados com extensa documentação, numa reconstituição mais jornalística e apaixonada do que distante e acadêmica.” (Renato Machado – JB).

⁷⁴ Muggiati cita diversos artistas e grupos. Aqui anotaremos alguns deles: American Jazz Music, Bone Walker, Elvis Presley, Jimi Hendrix, Bill Haley, Jerry Lee Lewis, The Who, The Yard Birds, Kiss...

“Imaginei que a única coisa que se poderia fazer era roubar-lhes os filhos. Continuo achando que é a única coisa que se pode fazer. Dizendo isso, não me refiro a seqüestros, mas falo apenas em mudar-lhes os sistemas de valores, afastando-os do mundo dos pais muito eficazmente.”⁷⁵

Controlando cuidadosamente a seqüência dos ritmos, qualquer grupo de rock pode criar consciente e deliberadamente, a histeria do público. Sabemos como fazê-lo. Toda gente sabe como fazê-lo.”⁷⁴

Ainda nesta obra o autor comenta um episódio ocorrido em apresentação dos Rolling Stones onde, após executarem uma determinada canção,⁷⁶ dentre os resultados de violência e histeria foram observados diversos feridos e mortos. Mick Jagger, com tranquilidade e frieza, ainda emitira a frase: *Coisas assim acontecem todas as vezes que toco essa canção.*

Há uma questão especial que pode nos mascarar os efeitos que determinados gêneros provocam. Hans Seyle, pesquisador do stress, explica a “*síndrome da adaptação geral*”. Uma vez que estamos expostos a padrões musicais como o do rock, apontado na pesquisa como severo enfraquecedor muscular, poderíamos supor que um excessivo enfraquecimento crescente nos tomaria, entretanto ocorre um *processo de adaptação natural*, uma espécie de defesa orgânica. Isto não podemos confundir como um antídoto eficaz e de solução eterna. Obviamente não deixarão de ser prejudiciais os efeitos sonoros e, como qualquer outro agente prejudicial à saúde, a exemplo das drogas, haveremos de encontrar um reajuste no futuro, uma reação natural – Devemos estar cientes disso. Diz ele:

“Assim como as pessoas que se alimentam continuamente de comidas pouco saudáveis acabam se acostumando a essas substâncias prejudiciais, as pessoas que continuam a ouvir música que os enfraquece e confunde seu pulso interior natural, condicionam-se a essa música e chegam mesmo a ficar viciadas.”⁷⁷ (p. 18).

Naturalmente funciona como qualquer outro vício. Há seqüelas, condicionamentos. Querer pesquisar o assunto ou identificar esse desafio em nossas vidas é questão pessoal, urgente e intransferível.

Pode-se notar uma mensagem explícita e contundente sobre a influência de determinados estilos musicais e, às vezes, nos deixamos enganar aceitando que passe despercebida. Permitimo-nos identificá-la nas estatísticas e no “outro”, enquanto é uma questão muito nossa e que nos deveria inspirar grande atenção. Claude Lévi-Strauss afirma em Muggiati que:

“A música é o mistério contra o qual a ciência deve necessariamente quebrar a cabeça, e o mistério que contém a chave para o progresso da ciência do homem.”⁷⁸ (p. 55).

⁷⁵ Apud MUGGIATI. Ed. cit., p. 101.

⁷⁶ O nome da canção era *Sympathy for the devil* (Simpatia pelo diabo) – Apesar da agressividade do título e até de uma possível impropriedade ao citá-la em trabalho do cunho deste, faço-a para que tenhamos idéia do quanto não nos preocupamos com o que nós e os nossos andamos cantando sem saber.

⁷⁷ SEYLE, H. (in: HALPERN, Steven. *Som Saúde*. Rio de Janeiro: Tekbox, 1985).

⁷⁸ STRAUSS apud MUGGIATI, Roberto. *Rock – o Grito e o Mito*. Ed. cit., p. 44.

14 – Sobre os lóbulos cerebrais

Estudos científicos nos mostram que possuímos dois hemisférios cerebrais com diferentes funções, isto é, o **esquerdo** que controla as funções matemáticas, lógicas, simbólicas, analíticas, de linearidade e de organização e o **direito** que se responsabiliza pelas ações intuitivas, de criatividade, de holismo, emotividade e sensibilidade. As pesquisas de Diamond e outros destacaram a profunda confusão entre os dois hemisférios quando o paciente / pesquisado é exposto ao gênero rock (heavy metal, acid rock...). E Muggiati comenta:

“Experiências sérias sobre hipnose e ritmo mostraram que a música de rock conduz a uma destruição do mecanismo inibitório normal do córtex cerebral e permite fácil aceitação da imoralidade, bem como o desrespeito de todas as normas morais.”⁷⁹

Ocorre uma espécie de sobrecarga no fio nervoso que une os dois hemisférios, chamado de *corpo caloso*, que pode provocar sérios distúrbios comportamentais. Abstemo-nos de detalhar o que a mídia e as estatísticas comprovam sobre as reações dos jovens (sem excluir as demais faixas etárias) após bailes desse gênero musical e similares.⁸⁰

A proposta de sincronia dos hemisférios cerebrais é alvo de estudos profundos, e é a música um dos instrumentos sugeridos pelos cientistas do assunto para equilibrar, desenvolver, estimular e alterar as frequências cerebrais. Atualmente, no mercado, encontramos até os chamados “sintetizadores de ondas cerebrais”, aparelhos emissores que combinam estímulos ópticos e sonoros. Dentre algumas funções, eles prometem relaxamento profundo, agilidade mental, melhorar a memória, ampliar a criatividade, aprimorar a noção de realidade, diminuir o estresse, acelerar a aprendizagem e sincronizar os hemisférios cerebrais. Alguns terapeutas têm utilizado tais sintetizadores sistematicamente considerando-os como um grande avanço no campo da Neurobiologia.

“Hoje, está plenamente reconhecido pelos filósofos espiritualistas que os órgãos cerebrais correspondentes a diversas aptidões devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito. Assim, esse desenvolvimento é um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a bossa da música, mas possui essa tendência porque o seu Espírito é musical. Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, deve também reagir sobre as outras partes do organismo.”⁸¹

Observando que a música é composta de dois agentes simultâneos – o que estimula a sensibilidade e o que impulsiona o desenvolvimento intelectual,⁸² podemos supor

⁷⁹ MUGGIATI. Ed. cit., p. 44.

⁸⁰ Lembramos que diversos outros ritmos provém do rock e, sendo assim, poderiam estar de certa forma participando de análise similar. Vale citar, também, que, esse tipo de reação foi comprovada na pesquisa após o voluntário ter ficado exposto por período longo e contínuo. Certamente não implica que não se possa ouvir sequer esse gênero, ou estaríamos cometendo exagero, sendo tendencioso e generalista.

⁸¹ KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, Cap. VII.

⁸² Notamos tal questão observando os resultados obtidos nas atividades musicoterapêuticas, ou mesmo pelo que conseguem desenvolver os que estudam e se utilizam da música. Para

que sua ação no sentido de equilibrar os hemisférios seja factual. Simplificando, se um trata das ações racionais e o outro das emocionais, utilizando-se ferramentas que promovam a utilização de ambos e simultaneamente, há de se chegar à hipótese de que o exercício contribuirá para seus respectivos desenvolvimentos e ordenações.

Trabalhos feitos com esquizofrênicos e com pacientes apresentando distúrbios de pensamento mais graves relacionados a problemas de ligação com a realidade, demonstraram sucesso em trabalho musicoterapêutico ao cantarem ou tocarem músicas corretamente.⁸³ Apesar da relevância das diversas pesquisas sobre o tema, sabemos – e faz-se mister aqui frisar – que nada substitui o esforço próprio e a mudança de atitudes do indivíduo. E como nos fala Emmanuel:

“A única renovação apreciável é a do homem íntimo, célula viva do organismo social de todos os tempos, pugnando pela intensificação dos movimentos educativos da criatura, à luz eterna do Evangelho do Cristo.”⁸⁴

tanto indicamos as seguintes obras: MILECO FILHO, Luis Antônio et al. *È preciso cantar – Musicoterapia, cantos e canções*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001 e AGUIAR, Ritamaria, NINSENBAUM, Esther. *Musicoterapia: Superando Fronteiras*. Rio de Janeiro: CC&P, 1999. (versão apenas em espanhol).

⁸³ COSTA, Clarice M. e VIANNA, Martha N. *Música – uma linguagem terapêutica para psicóticos* (in: MILECO FILHO, Luis Antonio. Ed. cit, 2001, p. 87).

⁸⁴ XAVIER, Francisco Cândido, *A Caminho da Luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1939, p. 206.

15 – Contribuição vegetal

Se bem monitoradas, controladas e orientadas, pesquisas realizadas com as plantas, podem significar um grande passo, uma vez que não estaria presente o elemento condicionante, isto é, o objeto de experimentação não influenciaria com seu gosto pessoal, inclinação, boa vontade, interesse pelo trabalho e outros fatores. Haveria um resultado genuinamente “objetivo” e não “subjetivo”. Os antigos sempre tenham defendido tal raciocínio, o de que *o poder da música é objetivo e não subjetivo*, ou seja, afirmavam que *tipos diferentes de música são inerentemente bons ou inerentemente maus* e ainda que *certas combinações de tons são objetivamente intensificadores da vida e possuem uma natureza evolutiva, ao passo que outras se revelam malsãs e perigosas*.⁸⁵

Nesse campo destacamos a pesquisadora Dorothy Retallack (de Denver, Colorado), citada em Halpern (1985, p.48), que realizou interessantes experiências com plantas,⁸⁶ onde buscava constatar que determinados sons podiam funcionar como “fertilizantes sonoros”. Seu interesse principal era medir o crescimento das folhas, das raízes..., mas observou também que, quando as plantas gostavam da música, reagiam crescendo em direção aos alto-falantes, chegando até a se enroscarem neles (exposição à música clássica indiana). Apresentavam ótima reação também à música de Bach. Quando, no entanto, eram expostas a músicas que não gostavam, cresciam em sentido oposto numa tentativa de fuga ao som. Foi anotado também que as plantas apresentavam uma sensibilidade muito grande ao rock⁸⁷ chegando mesmo a secarem e ou morrerem.

Ela utilizou ainda grupos de petúnias expostas ao som de duas diferentes emissoras de rádio. A 1ª, KIMN, era uma estação de rock; a 2ª, KLIR, de música semiclássica. As que ouviram a 1ª estação não chegaram a florescer, já as que ouviram a 2ª produziram belas flores. Apresentaram também afastamento ou inclinação, respectivamente, em relação à fonte sonora. E no espaço de um mês “todas” as plantas expostas ao rock “morreram”.

Muggiati também comenta o assunto em sua obra:

“Milhares de pessoas viram pela TV americana uma experiência em que plantas cresciam ao som do grupo Led Zeppelin. Usando fotografia com lapsos de tempo, a TV mostrava que as plantas procuravam se afastar da fonte sonora. Através dessa ingênua porém maquiavélica analogia, o documentário da TV pretendia provar que a música do Led Zeppelin não só era nociva às plantas, mas também ao organismo humano. No nível subliminar, uma música que “fazia mal” às plantas em crescimento deveria por extensão afetar igualmente a juventude.”⁸⁸ (p. 39).

⁸⁵ TAME, David. *O Poder Oculto da Música* (in: CLARET, Martin. *O Poder da Música*. São Paulo: Martin Claret, 1996, p. 89).

⁸⁶ As plantas utilizadas por Retallack foram abóboras, filodendros, milho, feijões, cósios, campainhas e outras.

⁸⁷ Assim como na nota nº 20 há aqui novamente a citação de Led Zepelin e, ainda, de Vanilla Fudge.

⁸⁸ MUGGIATI, Roberto. *Rock – o Grito e o Mito*. Ed. cit.

Não é pequeno o número de produtores rurais que lançam mão da música visando aumentar sua produção. No Canadá, por exemplo, foi descoberto que sementes de trigo evoluem três vezes mais, se tratadas com determinados tons. Na atualidade é também muito comum a utilização da música em fábricas, estabelecimentos comerciais, hospitais, escolas, praças, ambientes religiosos... Alguns, porém, ainda não lançam mão do poder profilático e terapêutico da música como ele pode e deve ser utilizado. Não basta haver música nesses ambientes, é preciso identificar qual é o gênero adequado.

A propósito, você já identificou qual o gênero adequado à sua vida, à sua casa, ao seu ambiente de trabalho, aos seus ideais?

Você sabia que pode mudar sua preferência musical e que não precisa seguir a nenhum modismo ou movimento musical demonstrando assim que tem vontade própria e com conhecimento de causa?

16 – Adequação e combinação

Iniciamos com a observação feita em Léon Denis, uma lição do espírito O Esteta:

“Quando na Terra uma nota é tocada em tom maior, ela lhes transmitirá uma sensação de alegria plena e absoluta. Se ela é menor, ao contrário, seu cérebro experimentará uma sensação de profundidade, algumas vezes de tristeza ou de grande dor, conforme a modulação dos acordes e o número de notas tocadas.”⁸⁹ (p. 71).

Este é um interessante ângulo da infinidade de variações observáveis na adequação musical à vida, ao ambiente, ao objetivo. Imagine um tango na noite natalina; ou um forró ‘durante’ a celebração oficial de um casamento; ou um pagode como fundo para uma prece. Não se trata de preconceito, mas de **adequação**, e mesmo respeitando as questões regionais, não podemos conceber qualquer música em qualquer ambiente.

Além do bom senso, peça essencial na constituição do ser humano, há outros elementos importantes como, por exemplo, a observação, a experiência e o estudo.

Lembramos aqui que, embora muitos estudiosos e experimentadores tenham relacionado determinadas músicas com determinadas emoções, sensações etc, é essencial viver sua própria experiência com a música. A canção que me causa alegria pode lhe trazer angústia e vice-versa; Da mesma forma, o vermelho agrada a um e causa pavor ao outro. Recordo-me de uma amiga querida que degusta com muito prazer gotas de dipirona – líquido que a outros é insuportável. É o espírito – a maravilhosa essência única e ímpar. Cada um com sua história, suas experiências, preferências, gostos, desejos e nível evolutivo.

Por isso afirmamos que cada um deve sentir a sua pessoal resposta à música. Ouça-a com todo o corpo, não apenas com o ouvido, sinta-a por todos os poros, banhando todas as suas células, permita-a entrar, sem barreiras, sem preconceitos, entregue-se livre, e só então, poderá definir se ela é ou não sadia para você.

Quando as notas e tons se combinam, observamos a infinidade de variantes emocionais resultantes. Como exemplo, podemos observar a música *Sorri (Smile)*, versão de Djavan. É uma música em tom maior que combina diminutas, sétimas e notas em tom menor. Em algumas oportunidades, ao executá-la, pude notar que pessoas que a ouviam atentamente experimentavam profunda comoção, legitimando a fala de O Esteta citada acima. A combinação harmônica de tons maiores e menores provocou tais sensações. Experimente ouvir esta canção tranquilo, relaxado. Medite sobre sua mensagem enquanto a canta, e perceba qual será sua reação. (Chamamos a atenção para a questão da letra que, no caso, narra uma viagem ao interior sensibilizando profundamente o ouvinte).

Há no processo musical toda uma inspiração Divina. Certamente que aqui nos referimos às canções elevadas, conforme coloca Denis:

“O pensamento de Deus é a fonte das altas e sãs inspirações. Se nossos artistas soubessem daí extrair algo, encontrariam o segredo das obras imperecíveis e as maiores felicidades.”⁹⁰

⁸⁹ DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte*, Niterói: Lachâtre, 1994.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 22.

E adiante, no mesmo parágrafo, o comentário preciso sobre o instrumento de orientação que devemos sempre utilizar:

“O Espiritismo vem oferecer-lhes os recursos espirituais dos quais nossa época necessita para regenerar-se.”

Ainda, citamos a fala do grande poeta Garcia Lorca à cerca da arte e dos artistas:

“Tenho o fogo em minhas mãos (...) Nós os artistas jovens, temos de sustentar a luta pelo novo, a luta pelo imprevisto, o mergulho no mar do pensamento, para encontrar a emoção intacta.”⁹¹ (p.163).

Aqueles que souberam captar esta orientação, os grandes artistas (muitos anônimos), puderam conceber magnânimas obras com específicas e variadas finalidades. Cientistas e especialistas do campo da música analisaram e experimentaram a produção musical desses expoentes. Puderam agrupar composições a partir das reações e efeitos alcançados.

⁹¹ FEDERICO GARCÍA LORCA: Granada, Espanha, 1898 / 1936. Exímio no campo da poesia, da prosa, do teatro, da música, do desenho, da escultura e do folclore. Detentor de grande preocupação com os que não tinham acesso à cultura, o que o fez viajar, com seu grupo de teatro *La Barraca* pelo interior da Espanha, encenando às populações campesinas In: PEREIRA, Cristina da Costa. *A Inspiração Espiritual na Criação Artística*. Niterói: lachâtre, 1999).

17 – Oportunidade de experimentar

Como já comentamos, cada um deve viver sua própria história e experiência com a música. É nosso querido Millecco quem observa:

“Acreditamos que a principal função da música esteja relacionada com a necessidade humana de expressar seu mundo subjetivo.”⁹²

As emoções e sensações, a nos envolver, a emanar de nós, provocarão o turbilhão interno capaz de desvendar um encontro mágico com nosso “eu”. E essas emoções *têm nuances e movimentos que estão à margem de uma descrição discursiva. É uma outra forma de linguagem, um esperanto de emoções.*

A esse respeito Suzane Langer diz:

“As estruturas tonais que chamamos música guardam uma íntima semelhança lógica com as formas do sentimento humano – formas de crescimento e atenuação, fluência e alentamento, conflito e resolução, velocidade e parada, excitação e calma, ou ativação sutil e lapsos de sonho – não alegria ou tristeza, mas a pungência, a brevidade e a eterna fugacidade de tudo que é vitalmente sentido. (...) A música é um análogo tonal da vida emotiva.”⁹³ (p. 54-55).

Destaca-se a preocupação dos musicoterapeutas no que concerne a adequação musical. Daí a importância de se conhecer a “Identidade Sonoro-musical” (ISO) do paciente ou usuário. Benenzon assim define:

“ISO é um fenômeno de som e movimento interno que resume nossos arquétipos sonoros, nossas vivências sonoras gestacionais intra-uterinas e nossas vivências sonoras de nascimento e infantis até nossos dias.”⁹⁴ (p. 26).

A partir da experiência pessoal, da necessidade musical individual, temos delineado um quadro específico e original como nos afirma Jourdain:

“A música só pode ajudar um paciente com Parkinson se for de um tipo que corresponda ao gosto desse paciente. A música clássica poderia fazer maravilhas, num caso, enquanto em outro caso só música country teria algum efeito.”⁹⁵

Vejamos algumas sugestões de Lingerman⁹⁶ e outros:

– Músicas que inspiram o bom humor e alegria:

- J. S. Bach – Suítes para orquestra.
- Mozart – Uma brincadeira musical.
- Tchaikovsky – Dança da fada de açúcar (da Suíte quebra-nozes).

– Músicas fúnebres:

- Schubert – Ave-Maria.

⁹² MILECO FILHO, Luis Antônio et al. *É preciso cantar – Musicoterapia, cantos e canções*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

⁹³ LANGER, S. (in: MUGGIATI, Roberto. *Rock – o Grito e o Mito*. Ed. cit.).

⁹⁴ BENENZON, Rolando, *Manual de Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

⁹⁵ JOURDAIN, Robert. *Música, Cérebro e Êxtase*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

⁹⁶ LINGERMAN, Hal A. *As Energias Curativas da Música*. São Paulo: Cultrix, 1983.

- R. Strauss – Morte e transfiguração.
- Mendelssohn – Seleções (de Elias).
- Músicas celestiais:
 - Beethoven – Concerto para piano nº 5 (Imperador), 2º movimento.
 - Mozart – Laudate Dominum, Salmo 116, Concerto para piano Nº 21.
 - Händel – Hallelujah Chorus (do Messias).
- Músicas de amor a Deus e ao Cristo:
 - Wagner – Parsifal (Lenda do Santo Graal).
 - J. S. Bach – Jesus, alegria dos homens.
 - Vivaldi – Glória.
- Músicas para o lar e a família:
 - Debussy – Clair de Lune.
 - Chopin – Polonaises.
 - Mendelssohn – Sonho de uma noite de verão.
- Músicas para atividades construtivas:
 - Beethoven – Sinfonia nº 6 (Pastoral).
 - Liszt – Rapsódias húngaras.
 - Mozart – Concerto para piano nº 21.
- Músicas para liberar a energia dos filhos (das crianças):
 - Prokofiev – Pedro e o lobo.
 - Villa-Lobos – O pequeno trem do caipira (das Bachianas Brasileiras nº 2).
 - Diamond – Jonathan Livigston Seagul (Fernão Capelo Gaivota).
- Música para insônia:
 - Massenet – Meditação (de Thaïs).
 - Brahms – Acalanto.
 - J.S.Bach – Ária para a corda de Sol.
- Músicas para metas diárias:
 - Vivaldi – Concertos para flauta.
 - Bach – Concertos para cravo.
 - Mozart – Concerto para clarineta.
- Músicas para refeições e boa digestão:
 - Händel – Concertos para harpa.
 - Mozart – Concerto para flauta e harpa.
 - Chopin – Concerto para piano nº 1 (2º movimento).
- Músicas para acalmar a raiva:
 - Schubert – Prelúdio para Rosamunda.
 - Bach – Dois concertos para dois pianos.
 - Händel – Concerto para harpa.
- Músicas para superar o medo e a depressão:
 - Beethoven – Concerto para piano nº 5 (O Imperador).
 - Mozart – Sinfonia nº 35 (Haffner).
 - Mendelssohn – Sinfonia nº 4 (Italiana).
- Músicas para aliviar o tédio:

- Liszt – Rapsódias húngaras.
 - Prokofiev – Tenente Kije.
 - Mozart – Mozart para flauta Koto.
- Músicas para força e coragem:
- Brahms – Sinfonia nº 2 (mov. Final).
 - R. Strauss – O nascer do sol (de Assim falava Zarathustra).
 - Berlioz – Harold na Itália (3º e 4º mov.).
- Musicas para relaxamento:
- Zamfir – Romantic flute of Pan.
 - Vivaldi – Concertos para oboé.
 - Wagner – Estrela Vésper (de Tannhäuser).

A lista proposta limitou-se a três composições por caso. Utilizamos, também, como sugestão, autores mais conhecidos cujas peças ofereçam fácil acesso.

Gostaríamos de sugerir a leitura deste trabalho de Lingerman, uma vez que ele comenta a obra de cada autor, além de muitos outros não enumerados aqui; fala também sobre suas pesquisas e percepções no que diz respeito aos efeitos produzidos por cada canção, e como ele compilou esses dados; e pela riqueza da obra em geral.

18 – Uma reflexão espírita

Os espíritas somos estudiosos, conhecedores da lei de retorno e de nossas responsabilidades diante do que passamos a não ignorar (ou, pelo menos, temos isso como desejável). O empenho pessoal diante de qualquer questão que envolva nosso aprimoramento espiritual, e possíveis danos que traduzamos aos nossos dias durante nossa caminhada evolutiva estão perfeitamente em nosso campo de percepção.

A Doutrina Espírita lança suas orientações embasadas no pensamento lógico, na fé raciocinada. Nega o ilusório, o axiomático, o paradoxal. Dispõe não apenas do suporte Religião, mas também da orientação da Filosofia e da respeitabilidade da Ciência. Nesse eixo, divisamos seu principal objetivo: o de promover a evolução da humanidade proporcionando ao indivíduo oportunidade urgente de aprimorar-se, tornar-se capaz de amar e ser amado, sensibilizar-se, tornar-se luz.

O espírita, logo, deve pautar sua caminhada orientado por este norte, ou seja, esforçando-se por domar suas inclinações más, seguindo e praticando a moral e os ensinamentos do Cristo.⁹⁷

O adepto do Espiritismo torna-se, por conseguinte, um religioso fervoroso, um filósofo atencioso, um cientista arguto. Diante de qualquer questão que demonstre importância e valor lança seu espírito questionador, perspicaz e seguro. Com toda seriedade dedica-se, pois algo dentro de sua consciência lhe impede de dar respostas mesquinhas ou descabidas. Não há mais espaço para o comentário vil e desprezioso. Um espírito de busca e crescimento o invade e ele se põe a refletir, indagar, pesquisar, estudar, aprofundar. Não se esquivava mais da oportunidade de buscar respostas – sem, contudo, lançar-se afoito.

O espírito Rossini, atendendo à solicitação do mestre lionês, Allan Kardec, deu-nos grande lição sobre a ‘responsabilidade’ apresentada em Obras Póstumas no capítulo intitulado “A música espírita”. Tendo sido eminente maestro quando encarnado, foi convidado a falar sobre “o estado atual da música e sobre as modificações que lhe poderiam trazer a influência das crenças espíritas”. Não falou de inopino, mas recolheu-se, estudou, condensou elementos, traçou argumentos e métodos. E explica:

“Esse trabalho, que não fiz sem dificuldade, está terminado, e estou pronto a submetê-lo à apreciação dos espíritas.”⁹⁸

Há nesta obra mais de uma dezena de páginas dedicadas especificamente à “Música”. Além disso, o Pentateuco espírita traz em vários momentos à baila o tema.

Eminente psicólogo e terapeuta, Carl Rogers, faz especial observação:

“Poderá ser difícil comunicar a nova descoberta que fiz. Consiste nisso: quanto mais aberto estou às realidades em mim e nos outros, menos me vejo a tentar a todo custo remediar as coisas.”

⁹⁷ KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, cap. XVII, p. 276. Ainda em: KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, p. 909.

⁹⁸ KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, p. 178.

O ato de construção de um saber é, portanto, um processo – não um estado de ser; é uma direção e não um destino.

Aquele que esteja inserido na circunstância de adquirir informação sobre alguma questão, passa a coadunar com a responsabilidade que envolva o referido assunto. A música e suas influências, por excelência, apresenta profícuo campo de estudo e pesquisas perfeitamente orientáveis à luz do Consolador.

E encerramos esta parte com duas contribuições indispensáveis de André Luiz:

“Quando chamado a responsabilidades no setor científico, superar limitações e preconceitos, sem perder a simplicidade e a modéstia (p. 54) e Quem sabe suportar as próprias responsabilidades, dá testemunho de fé.”⁹⁹ (p. 28).

⁹⁹ VIEIRA, Waldo. *Conduta Espírita*. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1998 (XIII livro da série André Luiz)

19 – Presença de Yvonne

Muito amada por todos nós espíritas e por tantos outros, nossa querida Yvonne A. Pereira traz-nos o que ela mesma chama de *assunto transcendental, que atinge categoria de revelação*¹⁰⁰ (p. 82). Conta-nos a narrativa de um espírito (Frederico Chopin) que sabia ser muito amado entre os brasileiros. Habitaria o Brasil, país que, segundo ele, futuramente muito auxiliará o triunfo moral das criaturas necessitadas de progresso. “Tal acontecimento se verificará do ano 2000 em diante, quando descerá à Terra brilhante falange com o compromisso de levantar, moralizar e sublimar as Artes”. O espírito Vítor Hugo estaria à frente deste projeto de amor.

Dada a envergadura dos espíritos envolvidos, detalhada na obra citada, estamos convictos de que algo iminente acontecerá no âmbito das artes. Cremos mesmo, em determinados momentos, que muito já está acontecendo. A data, o próprio Chopin não fala dela, porém estamos exatamente vivendo o período reencarnatório sobre o qual foi feita a previsão. Onde estarão esses espíritos?¹⁰¹ Nas escolas, nas salas de Evangelização?

Schiller¹⁰² traz-nos apropriada mensagem sobre a vinda desses mensageiros do belo:

“Se assim educardes vossos gênios (pela arte) – e eles virão em grande massa habitar entre vós – tê-lo-eis como irmãos em vosso benefício...”

E cita, ainda, séria questão a que devem se ater todos os envolvidos com o processo artístico e de evangelização:

“... e os vereis realizados e felizes a salvo de todas as tragédias que têm sido o destino de muitas almas sensíveis, mas ególatras; generosas, mas vaidosas, que carregam entre vós o nome de artistas.”¹⁰³ (p. 215).

Léon Denis comenta, igualmente, essa nova era que despontará (ou está despondo) para a Arte:

“À medida que um novo ideal desperta e que os focos do espiritualismo se acendem em todos os pontos do globo, ver-se-á eclodir e desenvolver-se nas almas um reflexo mais poderoso dos esplendores da vida invisível tal como a re-

¹⁰⁰ PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Devassando o Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1963.

¹⁰¹ Diante da seriedade dessa revelação, como nos a imaginar: onde estarão agora esses espíritos? reencarnados e devidamente orientados através de nossas escolas leigas, de Evangelização? Aproveitamos para exaltar os nossos queridos educadores, evangelizadores a sua importante missão.

¹⁰² JOHANN CHRISTOPH FRIEDRICH VON SCHILLER: notável poeta trágico e historiador alemão, nascido em Marbach, no Wurtemberg. Inicialmente estudou teologia, depois jurisprudência, por fim medicina, tendo sido, até, médico militar, carreira que abandonou depois da representação de sua peça *Os Salteadores*. Foi professor de história na Universidade de Sena, abandonando a cátedra por motivos de saúde. Conheceu Herder e Wieland, mas estreitou amizade com Goethe, falecendo em 1805. Era um gênio sistemático e grande orador. Tinha originalidade e imaginação muito viva. (Revista Espírita de Allan Kardec, junho de 1859).

¹⁰³ INCONTRI, Dora. *A Educação Segundo o Espiritismo*. São Paulo: FEESP, 1997.

velam os ensinamentos de nossos amigos do espaço. E este será o sinal de uma floração de obras, o ponto de partida para uma era artística que ultrapassará em grandeza a obra dos séculos precedentes.”¹⁰⁴ (p. 87).

D. Yvonne relata-nos¹⁰⁵ casos estudados e pesquisados pelo eminente escritor e analista espírita italiano, autor de mais de 100 obras, Ernesto Bozzano.¹⁰⁶ Seus estudos abrangem várias categorias e centra-se nos fenômenos desdobrados no leito de morte. Dentre eles, muitos desenlaces registrados fazem referência à presença da “Música Transcendental”, assunto que, diz-nos D. Yvonne, *verdadeiramente nos empolga*.

Antes de comentar sobre a música no momento do desencarne, citaremos dois casos destacados por ela. O primeiro, trata-se da visita de duas médiuns sensitivas, Miss Lamont e Miss Morisson, ao Parque de Versailles e ao Petit Trianon. Além de verem os locais tais quais eram ao tempo de Luiz XIV (rei da França – 1638 a 1715), perceberem, também, a figura de Maria Antonieta (1755 a 1793) entre vários personagens dessa época, puderam destacar a presença de marcante música, como observamos na narrativa:

“Quando Miss Lamont se achava no bosquezinho, percebeu a música de uma orquestra composta de violinos; esta música parecia vir do lado do palácio; eram ondas intermitentes de sons muito doces e a tonalidade mais baixa que a empregada hoje. Miss Lamont pôde apanhar doze compassos. Imediatamente depois, quis assegurar-se e o conseguiu, de que nenhuma peça musical havia sido tocada nos arredores. Era, aliás, uma tarde de rígido inverno, pouco indicada para semelhantes audições em tal lugar.” (p. 106).

A tal fenômeno Yvonne refere-se como sendo um estado denominado *semitranse*, podendo dar-se de modo espontâneo, em ambiente não específico (“pode ocorrer no meio da rua, por exemplo”, diz ela) e apresentando-se subitamente. Nesta ocorrência, informa, “permite-nos colher magníficos acontecimentos do mundo extraterreno, com perfeita lucidez”. Bozzano não atribui à “psicometria de ambientes” e chama o processo de “*telepático-espírita*”, ou seja, “uma entidade espiritual transmitiria os sons musicais à sensitiva, que se encontraria em estado de meio sonambulismo”. (p. 106).

Outra narrativa interessante faz-nos sobre Miss Ernestine Anne (inglesa), que em julho de 1915 visita as ruínas da igreja monacal de Nossa Senhora, construção em forma de cruz cujo braço direito ligava-se a uma igreja menor (São Pedro). Ao examinarem esta e seus belos restos góticos do Século XIV, notaram belo coro, como observamos a seguir:

“Afastara-me um pouco dos outros, quando ouvi, de repente, ressoar um coro composto de numerosas vozes de homens, que pareciam vir de um espaço livre à nossa esquerda, onde alguns pedaços de muro indicavam o lugar onde outrora tivera o coro. Era um canto melodioso e solene, que me era familiar. Lembro-me de haver logo pensado: “Trata-se, necessariamente, de um ludíbrio de minha i-

¹⁰⁴ DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte*, Niterói: Lachâtre, 1994.

¹⁰⁵ PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Cânticos do Coração*. Rio de Janeiro: CELD, 1994, cap. VI.

¹⁰⁶ Ler um livro de Ernesto Bozzano é penetrar em mundo desconhecido e conhecer faces novas da Doutrina dos Espíritos. É iluminar-se o leitor de conhecimentos nobres e extremamente belos, os quais vivem a cada passo em nosso derredor sem que sequer o suspeitemos. (PEREIRA, Y. A. Op. cit. P. 104)

maginação”. Procurava, pois, desviar as minhas idéias, quando ouvi meu pai exclamar: – Olhe os monges cantando em coro!” (p. 108).

Bozzano faz objeção à hipótese de psicometria de ambiente por se tratar de fenômeno, geralmente, pessoal e não coletivo; e por esta modalidade mediúnica ser rara; como se pode notar na narrativa tratava-se de um grupo, o que o faz defender a idéia de fenômeno telepático-espírita como no caso anterior. Todavia D. Yvonne faz sua preciosa análise:

“Se não se trata de um fenômeno psicométrico, seria telepático-espírita. Mas onde o agente espiritual para a transmissão telepática? Estariam ainda os monges, em Espírito, desde séculos, cantando as “Vésperas”, no coro? Não seria mais lógica a hipótese de psicometria de ambiente, isto é, o passado, na abadia, perpetuando nas ondas vibratórias da energia cósmica local – ambiência “meta-térica” de que trata o eminente professor Fredrich Myers?” (p. 109).

Em Baccelli encontramos excelente contribuição nesse trato. Os espíritos Odilon Fernandes, Inácio Ferreira, Paulino Garcia, Manoel Roberto e Zeca Machado – que ciceroneava o grupo,¹⁰⁷ visitando a cidade de Pedro Leopoldo, fizeram uma passagem pelo C. E. Luiz Gonzaga. Lá chegando notaram um prédio novo, situado no centro da cidade, ao lado da igreja matriz, antiga casa de trabalho de Chico Xavier. Apontando um velho prédio, Zeca os convidou para adentrar explicando que, embora a reforma e a não existência no plano físico, era conservado “do outro lado” o edifício original. O grupo questionou, obviamente, sobre a possibilidade do fenômeno, uma vez que, não existindo o velho prédio materialmente, não poderia coexistir seu duplo, ou seja, à medida que se *desarranjaram* as formas materiais seria concebível que a réplica espiritual se desagregasse igualmente. Eis a observação do Dr. Odilon Fernandes:

“Nem sempre, principalmente quando determinados objetos e construções se acham fortemente imantados ao pensamento plasmador. A estrebaria em que Jesus nasceu, há cerca de dois mil anos, não desapareceu do céu de Belém; ela se conserva intacta, pois, todos os dias, no mundo inteiro, os cristãos estão constantemente a criá-la e recriá-la.” (p. 108 e 109).

Acerca de tais fenômenos Odilon Fernandes ainda observa:

“No entanto, Inácio, este é um assunto para os nossos físicos e não para nós, que estamos apenas à procura de melhoria íntima.”

Se e como impregna o ambiente a música requer aprofundamento. Fica o nosso registro das pesquisas sobre o assunto e o comentário de quem poderia fazê-lo.

Sobre a questão da música transcendental, afirma-nos D. Yvonne que é elemento bastante conhecido dos médiuns brasileiros, principalmente os psicógrafos. Alguns de seus livros¹⁰⁸ e poemas de Gilberto Campista Guarino foram psicografados ao som de composições que lembravam os clássicos de Mozart, Beethoven e Schubert. Assim ela se expressa: *pois seria necessário que assim o fosse para que o instrumento mediúnico a pudesse compreender e se afinasse melhor com as vibrações do Espírito escritor.* (Pereira, Y. A., 1994, p. 111). Comenta, ainda, sobre tais fenômenos:

¹⁰⁷ BACCELLI, Antônio Carlos. *Na Próxima Dimensão*. Uberaba: Edições Pedro e Paulo, 2002, cap. 17.

¹⁰⁸ “Ressurreição e Vida”, “Nas Voragens do Pecado”, “Amor e Ódio”.

“Tudo isso é belo e consolador e digno de ser divulgado para engrandecimento daquele que luta e sofre, pois são as virtudes do Consolador, que nos deve ensinar muitas coisas mais, como asseverou Jesus, que nos iluminarão o ser, tão necessitado de forças e conhecimentos para vencer os testemunhos necessários ao nosso progresso. A música é linguagem direta.” (p. 112).

D. Yvonne faz algumas análises sobre casos pinçados por Bozzano em sua obra “Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte”. Certamente que, lendo os originais de um ou de outra, poderemos obter uma percepção mais apurada sobre o tema. Segue aqui um caso que anotamos como exemplo. Trata-se do desenlace do famoso poeta alemão Wolfgang Goethe.¹⁰⁹ Uma de suas admiradoras, Condessa V., chegara à sua residência duas horas antes de seu falecimento. Notara com espanto a presença de música na casa, o que a fez questionar sobre como poderia haver música num dia como aquele. Tal fenômeno, também percebido pelo mordomo João e pela cunhada do moribundo, Otilia, fê-los empalidecer. Frau Von Goethe, cunhada do poeta, que permanecia no escritório, recebeu a condessa, enquanto demonstrava igual assombro pelo que podiam ouvir: *Desde a aurora de hoje que ressoa, de quando em quando, misteriosa música, insinuando-se em nossos ouvidos, em nossos corações, em nossos nervos,* dizia a cunhada. E, ainda em *Cânticos do Coração*, D. Yvonne observa:

“Todo o ambiente do grande Goethe era circulado por melodias advindas do Além. Todos as ouviam, inclusive o médico assistente, os amigos visitantes. Uns ouviam-nas como delicioso quarteto tocado à distância; outros como um piano vibrando no salão, e outros ainda afirmavam que o misterioso concerto provinha do próprio aposento do enfermo. Ao que parece, somente este nada ouvia, pois estaria em estado comatoso. E a música misteriosa continuou a fazer-se ouvir até o momento em que Wolfgang Goethe exalou o último suspiro.” (p. 122).

Além de notarmos neste capítulo e, principalmente, na obra de Ernesto Bozzano e de Yvonne do Amaral Pereira que a música é instrumento de luz e se faz presente de modo transcendental, como ferramenta abençoada nas mãos da espiritualidade, devemos guardar que “não há razão para nenhum de nós temer a morte. O que há é a necessidade de bem nos prepararmos para ela”, como assevera D. Yvonne (p. 122).

Queremos ainda lembrar a fala do espírito Camilo, em *Memórias de um Suicida*, quando nos relata fantástico quadro presenciado por ele na espiritualidade durante apresentações artísticas que incluíam poesia, música e dança. Assim ele diz:

“... arrancavam de nossos olhos deslumbrados, de nossos corações enternecidos, haustos de emoções generosas que vinham para tonificar nosso Espírito, alimentando nossas tendências para o melhor...”¹¹⁰

¹⁰⁹ Hohann Wolfgang Goethe, escritor, pintor, músico e cientista alemão. Nascido em Frankfurt é considerado um dos mais versáteis vultos do século XVIII. Autor de “Teoria das cores”.

¹¹⁰ PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Memórias de um Suicida*. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

20 – Gotas de luz

Diversos trabalhos de vulto começam a acontecer nos mais diversos campos *artístico-espíritas*.

A Literatura, componente basilar na divulgação e estudo do Espiritismo desde os primórdios, aprimora-se, embeleza-se. As grandes obras co-responsáveis pelo caráter revelador atingem metas excepcionais de distribuição; são reeditadas, reformatadas. As revistas ganham novo visual mantendo a riqueza e profundidade de seus conteúdos, multiplicam-se os assinantes; novos grupos lançam material de grande qualidade. A multimídia acelera a qualificação e a distribuição dos produtos literários oferecendo alguns em formato gratuito (PDF e outros) via Internet.¹¹¹

O Teatro traz discussões das mais profundas sobre os princípios doutrinários, encena a vida de espíritas famosos. Obras consagradas revelam-se nos palcos norteadas pelo gênio admirável de diretores e atores comprometidos com o Consolador.

A dança e a expressão corporal tomam seu lugar nas atividades artístico-doutrinárias, aliadas muitas vezes ao teatro, despojadas de obscenidade, sensualidade.

Musa das artes, a música passa a trazer em seu seio mensagens dignificantes, encorajadoras, falando do mundo novo que deve começar dentro de nós, do despertar da alma, da paz, do amor e da fraternidade.¹¹² Surgem grupos musicais que, além de cantar, aprimoram sua qualidade vocal, estudam e praticam a doutrina espírita. Compositores e cantores iniciam uma nova modalidade de criação artística - a que não visa lucro, estrelato ou ações ególatras. A mensagem do cristianismo redivivo é levada a todos os cantos através dos meios de comunicação da multimídia.

A Casa Espírita abre definitivamente suas portas para a Arte. E a doutrina que já possui magníficos mecanismos pedagógicos (como ela o é por si mesma) ganha a excelência dessa aliada.

Há pouco tempo, nosso referencial artístico-espírita na região, senão no país - era nosso querido João Cabeth, que com suas melodiosas canções enriquecidas com letras genuinamente espíritas transportava-nos à profundidade da alma. Refletíamos – e refletimos – com suas músicas de maneira prazerosa e positiva. Hoje, se teimássemos em citar nomes daqueles que trabalham com empenho semelhante pela divulgação do Espiritismo através da Arte, certamente fadigaríamos. Arriscamos assinalar alguns poucos e ricos exemplos de trabalhadores da arte espírita.

Quem não se extasia com a doce voz de Marielza Tiscate (RJ)? Suas letras e melodias fundem-se em mensagens de paz e luz. Sua obra artística é alvo de nosso carinho e gratidão por tanta dedicação e beleza. Autora de inúmeras canções lançou vários CDs viajando o Brasil e até o exterior levando a mensagem de sua música. Trabalhadora do Projeto Joanna de Ângelis de Educação Integral.

A organização musical de Luiz Pedro da Silva Paulo (RJ) é outro exemplo vivo de amor à arte. Perplexos todos ficamos ao ouvir suas composições. As energias que

¹¹¹ Um dos sites que dispõe para download gratuito obras espíritas é o da Federação Espírita Brasileira: <http://www.febrasil.org.br>. Além das obras da Codificação, encontramos também algumas de Emmanuel e André Luiz e a revista O Reformador.

¹¹² Como exemplo citamos *Crisálida* (Alexandre Amorim e Ariovaldo Filho), *Vento e Luz* (Joelson Queiroz), *Amigo* (Marielza Tiscate)

brotam delas são como bálsamos, num momento e tonificadores n'outros. Assemelham-se às harmonias celestiais que sentimos nos momentos de mais profunda intimidade com Deus.

O trabalho de Kau Mascarenhas (BA), com suas composições voltadas à reflexão, à pacificação, ao despertar do espírito são banhos de luz, injeções de energia e revigoramento.

As mensagens do grupo GAN (Goiânia-GO), ricas em orientações e convites ao progresso, são igualmente elementos de harmonização indispensáveis ao trabalho espírita.

A profundidade das composições de Joelson Queiroz (RJ), capazes de nos arrebatam ao Alto em questão de segundos. Compositor e produtor do CD “Bons Caminhos” e ex-trabalhador do Clube de Artes do Lar Fabiano de Cristo.

A composição fidelíssima à Doutrina que nos oferece Ariovaldo Filho, ora caracterizando serenidade e elevação, ora alegrando e estimulando os sentidos. Trabalhador da Arte que sempre esteve preocupado com a questão da multiplicação desses ideais, no entanto com a atenção devida à qualidade e a beleza. Produtor de Canto do Canto I, II, III e IV e co-produtor de vários projetos artísticos.

Os corais e grupos musicais como: Despertar, COROUDEB, COROMEERJs, Espelho D'alma, Juventude Espírita (RJ), Joanna de Angelis, Meimei, Léon Denis, Quarteto em cinco (Volta Redonda), Edy Tenan (Três Rios) Yvonne Pereira, Scheilla (Valença-RJ), AME (Fortaleza).

A dedicação de Fábio Peluso juntamente com a equipe do Lar Fabiano de Cristo à produção e apoio de inumeráveis projetos musicais e artísticos através do Clube de Arte, é algo que merece de todo o movimento espírita justa reverência. É crucial resposta aos anseios que envolvem os trabalhadores desse campo. É apoio indispensável, orientação segura e carinho necessário àqueles que buscam através da música e da arte espírita, em geral, dar qualidade, divulgação e beleza à sua produção.

O carinho de Carlos Augusto Stelet, sempre abraçado ao seu violão, flauta ou trompete, pensando e fazendo música espírita, organizando oficinas, grupos musicais, atividades artísticas – nunca esquecendo da ferramenta essencial – o amor. Seu grande coração e sua bem humorada figura são o toque mágico do seu trabalho artístico.

As sinfonias que, ao reunir corais, cantores e outros artistas, Sônia Dias nos proporciona. Trabalho de cunho referencial para o movimento espírita e que tem se multiplicado em várias regiões do Estado do Rio de Janeiro, sempre com muita luz, carinho, amor e seriedade.

O trabalho de Adriana Araújo, Josemir, Pedrinho, Clélio... (Volta Redonda e região), Lilia Rosa, Andréa, Alexandre Amorim, Fábio Alves, Marcelo Manga, Fábio e Neuza Peluso, Haroldo Mendonça, Allan Kardec Filho, Sônia da Palma, Guilherme Medina, Paula Rosa, Mariazinha de Aquino, Túlio Vilaça, Marco, Dadinho... além de todos que compõe as equipes de música dos Pólos de COMEERJ (RJ); Humberto Portugal e família (Petrópolis – RJ); Jorge da Venda, Ana Cláudia... (Niterói); Jeanne Sampaio, Diva de Freitas, Luiz Farani... (Valença) Clayrton (RS), Luciana Marins, Triana... (Campinas – SP) que embalam e embalam o movimento espírita por todos os últimos anos, Brasil afora, representam o início da mudança de paradigmas no âmbito da música espírita. Trabalhadores que dedicam boa parte de sua encarnação ao trabalho de evangelização através da arte, não refratários aos ensinamentos do Consolador. Exemplos contemporâneos do que pode ser feito sem os recursos milionários,

mas com muito amor e trabalho; sem a espera de aplausos, mas de coração alinhado aos ideais superiores para com o destino das artes; sem a perfeição estética, mas com *seriedade, responsabilidade e simplicidade*, elementos indispensáveis ao artista do novo milênio.

“É da comunhão freqüente e consciente com o mundo dos espíritos que os gênios do futuro extrairão os elementos para suas obras. Atualmente a penetração nos segredos de sua dupla vida vem oferecer ao homem auxílio e luzes que as religiões enfraquecidas não poderiam mais lhe dar. Em todos os domínios a idéia espírita vai fecundar o pensamento que trabalha.”¹¹³ (p. 89).

Um destaque especial e com todo o carinho que possa caber em nosso coração ao Programa de Amor e Evangelização da COMEERJ,¹¹⁴ que, através de suas lideranças, trabalhadores e participantes, atualmente mobilizando mais de 4000 pessoas simultaneamente, é instrumento fundamental de expansão do trabalho de Arte Espírita, sobretudo no campo da Música. Além de ser um grande foco de divulgação e distribuição, é também responsável por grande parte da criação artístico-espírita.

O futuro vem chegando, e a trote ligeiro. Certamente que lá veremos nascer almas em avançado estágio evolutivo capazes de tornar reais os planos de Deus para a Terra. Não nos furtamos aqui de identificar aos leitores amigos a existência de um movimento precursor – se assim podemos chamar – da grande revolução que se procederá no âmbito das artes.

São muitos os que trabalham por esse ideal. Procure observar seus jovens, seus filhos, netos. Aqueles que, sem que o mundo tenha notado, reencarnaram envolvidos por uma missão ímpar. O que esperam de nós? Pelo que depreendemos da doutrina, o exemplo! Nosso despertar para as “coisas” do espírito; nossa busca por algo mais, pelos verdadeiros valores da vida. Outrossim, nenhuma questão nos deve fugir da alça de mira – tal como a música e suas influências.

¹¹³ DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte*, Niterói: Lachâtre, 1994.

¹¹⁴ COMEERJ – Confraternização das Mocidades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro – Trabalho organizado em torno da evangelização de jovens pelo DIJ Unificado – USEERJ / FEERJ, que ocorre no período do carnaval, há mais de 25 anos, em vários Pólos no Estado do Rio de Janeiro (hoje são 15 pólos).

21 – Sob a proteção de Fabiano

Apesar de citações anteriores teceremos, ainda, algumas considerações sobre o Lar Fabiano de Cristo. Instituição responsável por um excepcional trabalho no campo da assistência e promoção social, com afiliadas por todo o Brasil, revelou-se, seguindo orientação do Alto, grande norteadora das atividades artísticas no nosso país ao criar o Clube de Arte – A arte a serviço do bem.

Nos moldes do clube do livro, através de contribuições mensais, promove a gravação de CDs, edição de livros, fitas VHS, CDROM etc, com o propósito de divulgar a doutrina espírita através da Arte. São milhares de associados que, além de contribuírem com a manutenção do Clube, também contribuem com a casa espírita através da qual se filiaram. Esta retém uma parte do investimento como colaboração por ser uma multiplicadora da idéia do Clube. Os autores das obras distribuídas cedem seus direitos autorais propiciando, assim, baixos custos, colaboração com as atividades das Casas Espíritas associadas e também com as atividades do Lar Fabiano de Cristo.

Sem dúvida alguma, uma proposta de luz. Vemos quedarem-se os personalismos, as preocupações com lucros, as vantagens dos costumeiros sistemas artísticos. Tomam lugar o trabalho em equipe, “a Arte a serviço do bem”, o crescimento das instituições e o progresso de todos.

22 – Organização e boa-vontade

Pude ouvir uma história através do nobre orador espírita José Raul Teixeira que peço aqui o obséquio de reproduzir trechos e até parafraseá-la, segundo nossa humilde percepção.

Trata-se da história de um grupo de amigos devotados ao Espiritismo e plenos de boa vontade. Entusiasmados, após uma palestra que falava certamente do amor ao próximo, decidiram de pronto: “Vamos distribuir a partir de amanhã um sopão aos nossos irmãos carentes”.

Combinaram, então, se reunirem na casa de um deles para começar o trabalho. Cada um levaria o que tivesse em casa de momento.

Todos chegaram felizes no horário combinado. Proferiram uma linda prece, abraçaram-se e... partiram para a cozinha.

– Vamos começar descascando os legumes – disse um deles.

– Ótimo, eu pego as facas...Ih, só temos duas!

Nesse momento notaram que havia mais cenoura do que batatas ou outros legumes.

– Não tem problema. Hoje a sopa vai ficar assim mesmo.

– É... da próxima vez variamos os legumes.

Tudo descascado, dirigiram-se ao dono da casa:

– Onde está a panela grande?

– Panela grande?

– Sim, onde está?

– Não temos panela grande!

– Alguém tem?

– ???

– Tudo bem. Vamos improvisar. Cozinharemos cada legume numa panela. Enquanto isso alguém tenta conseguir uma panela grande nas redondezas.

Duas horas depois, comentavam:

– É, precisamos de um fogão que cozinhe mais rápido!

– Talvez um industrial.

– Teremos que pensar nisso!

Vários improvisos depois, lá estava a sopa pronta.

– Pronto, vamos embora. Ajudem-me aqui. Abram a porta do carro.

– Carro? Nós vamos no carro de quem?

– O meu está com defeito

– O meu, sem combustível.

– Bem, só sobrou o meu! Mas ele está tão novinho. Ih! A panela está soltando um pozinho preto por baixo! Acho que vai sujar o banco.

– Vamos devagar porque a panela, não sendo apropriada, pode derramar a sopa.

– Ih... não vai caber todo mundo!

Tudo parecia resolvido até que um deles se lembrou:

– Onde vamos distribuir o sopão?

– Em todos os lugares onde encontrarmos pessoas necessitadas!

– Em todos os lugares?! Mas não há sopa suficiente.

– Então vamos ao Bairro “tal”.

– Não, vamos àquele outro.

– Alguém se lembrou de colocar o sal?

– Xiiii !!!

A moral da história todos podemos perceber: Todo trabalho, por mais simples que seja, requer um bom planejamento, uma boa estratégia, objetivos claros, segurança, aparelhamento adequado, etc. Sem esses e outros detalhes, pomo-lo todo em risco. *Boa vontade só não basta!*

Embora tenhamos enumerado no capítulo anterior alguns trabalhadores cujas atividades observamos de perto e, às vezes, juntos, sentimos que ainda existem outros que não pensam a arte espírita dessa maneira.

Chegam-nos materiais dos mais diversos, nem sempre com a qualidade desejável. Muitos chegam a ser publicados, vendidos, divulgados. Em algumas oportunidades, levam até, no rótulo, nomes de algumas instituições respeitáveis.

É certo que não existe, ainda, no movimento espírita (pelo menos que se tenha conhecimento e que esteja diretamente ligado a uma federativa) um departamento exclusivo formado por experientes profissionais do ramo da música. Se há, é em fase experimental, ou com relativa abrangência, uma vez que não existe possibilidade de um atendimento universal.

Daí, temos duas situações iniciais: uma, a falta de uma referência oficial; outra, o excesso de “boa vontade”.

Certa feita ofereceram-nos um material em áudio com uma bela capa. Dizia-nos o confrade: “Por favor, compre para ajudar nossa instituição.”

E foi o que aconteceu: compramos para ajudar a instituição. Não havia ali possibilidade de utilizar o material – no máximo como um arquivo ou referência de alguns compositores, nomes de música, etc. (Creio que nessa minha fala também exista um certo excesso de boa vontade). Nesse caso, pelo menos não fomos enganados, pois compramos um produto para ajudar uma instituição e não para tê-lo, usufruir, ouvir, utilizar em nosso trabalho com a música... Talvez devamos refletir: se um material de áudio não é produzido com estas finalidades precisamos repensar seu propósito.

Pois na Doutrina espírita tanto se fala em caridade que parece um contra senso eu falar aqui dessa maneira. No entanto você também já pode ter encontrado algum material assim. Não creio devamos cometer esse equívoco, não acha?

Outro ponto, e bastante polêmico, é a situação de não ter o espírita hábito de contribuir financeiramente com a instituição, enquanto seus dirigentes também não costumam fazer qualquer tipo de cobrança.¹¹⁵ Neste momento surge a característica comum à maioria das instituições que conheço e ou integro: promover algum evento a fim de cobrir seu orçamento anual. Dentre esses eventos e alternativas está a de “produzir” fitas K7, de vídeo e CDs de músicas espíritas para comercialização.

Ora, se a música for bonita, a letra trazer uma mensagem positiva (de preferência espírita – é o que se espera!), e ainda mais se for inspirada pelo mentor espiritual (!), logo aparecem alguns irmãos – que às vezes nada entendem de música – e dizem: “Você precisa gravar essa música... ela é tão bonitinha!”

Aí compramos uma fita K7, chamamos aquele amigo nosso da mocidade ou do grupo de estudo que “toca” violão, vamos para um quarto e ali desenvolvemos nosso “projeto”.

O cachorro do vizinho apareceu latindo na gravação; passou uma moto na hora em que gravávamos justamente aquela música mais calma; os ruídos de liga-desliga-pausa do gravador foram todos captados; não possui uma voz tão boa assim; meu amigo da mocidade toca bem, mas... parece que ficou faltando algo.

Descreveríamos inúmeras situações, e com conhecimento de causa, pois agimos exatamente assim numa dada ocasião. A empolgação, a emoção nos atordoa e esquecemos que, apesar de ser um trabalho de amor, é também uma oportunidade única e Divina, uma vez que nosso material diz respeito à “Doutrina Espírita”, “ao Consolador prometido por Jesus”.

Não raro, vemos esse material ser distribuído, vendido, difundido, multiplicado e *guardado numa gaveta bem escura*. Ora, onde reside a falta de caridade? Ela está com quem não compra, com quem compra e guarda, ou com aquele que produz um material de qualidade inadequada?

É possível que você tenha produzido algum material, ou esteja pensando em fazê-lo. Faça-o, mas lembre-se: É um trabalho para Jesus, que deve ter por finalidade contribuir com a construção do reino Divino entre os homens, que precisa trazer uma mensagem de paz, coragem e harmonia à Terra. Na fala de Denis:

“É necessária a beleza suprema da forma para se exprimirem os esplendores da obra universal. Nem a poesia, nem a música suportam a mediocridade.”¹¹⁶

Se sua voz não é tão boa, por que deve aparecer na gravação? Se você não toca tão bem o instrumento, por que não convidar alguém mais habilidoso? Trabalho de equipe amigo! Você concebeu a música – e acha que ela já está pronta? Analise cada palavra, observe as concordâncias, as sílabas poéticas, os intervalos. Peça a alguém para ouvi-la, corrija-la “e esteja aberto à críticas”. Cante várias vezes, tente aprimorar aquela passagem, inverta aquela seqüência harmônica e experimente com o coração aberto essa inversão. Tente tudo. Faça como o pesquisador buscando aprimorar os efeitos do medicamento. Assim como ele pode salvar uma vida, a música tem o seu papel. Tome essa responsabilidade com alegria e perceba-se como instrumento de Deus.

¹¹⁵ Não detalharemos a questão pelo seu caráter polêmico e por não ser nosso objeto de estudo no momento.

¹¹⁶ DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte*, Niterói: Lachâtre, 1994, p. 86

“O som, o ritmo, a harmonia, são forças criadoras. Se pudéssemos calcular o poder das vibrações sonoras, medir sua ação sobre a matéria fluídica, seu modo de agrupar os turbilhões de átomos, penetraríamos em um dos segredos da energia espiritual.”¹¹⁷

Ressaltamos, aproveitando a comparação precedente, que o remédio certo na dose inadequada pode causar sérios males ao paciente, e mesmo levá-lo à morte.

¹¹⁷ Idem, ibidem. p. 85.

23 – Palavra segura

Não é sempre que se pode estar ao lado de espíritos como “Júlio César Grandi Ribeiro. Experimentei essa enorme alegria quando o mesmo proferia palestra em uma casa espírita na cidade onde resido, pouco antes de seu retorno à espiritualidade. A mim coube realizar a parte musical da reunião, ‘preparando’ o ambiente; e também no encerramento enquanto psicografava uma mensagem de nossa amada Yvonne A. Pereira. Encerrada a reunião festiva, pediu-me “Julinho” que cantasse mais uma música. Após a execução, em tom paternal abraçou-me dizendo:

“Conheci, numa ocasião, um amigo que estudava música. E de tal maneira ele se dedicava que chegava a me incomodar. Perguntei-lhe então por que estudava tanto. Ele me respondeu que sua dedicação era para, no futuro, servir a Jesus com a música, sendo assim, não poderia descansar, deveria viver para aquilo.”

Percebi o zelo daquela alma bondosa para comigo e para com os demais companheiros que o cercávamos carinhosamente. O amável Julinho nos deixava uma lição incomparável. Se o trabalho é para dar contribuição ao *processo de regeneração da humanidade*, não pode se limitar às nossas forças, ao “mais ou menos”, à boa vontade. Há que se ter muita dedicação, afincamento, amor. Precisa representar o “belo” com dignidade. E, como diz Kardec, “... Associamo-nos *de boa-vontade* à idéia-mãe, mas não ao seu modo de execução.”¹¹⁸

¹¹⁸ WANTUIL. Zêus e THIESEN, Francisco. *Pesquisa Bibliográfica e Ensaios de Interpretação*. Vol III, Rio de Janeiro: FEB, 1980, Apêndice 11.

24 – Arte e valores

Intimamente ligado à discussão anterior queremos tocar num polêmico tópico. Frederico Chopin nos informa:

“As Artes, em geral, deverão ser praticadas gratuitamente, com amor e unção religiosa.”¹¹⁹

Portanto, vê-se que auferir lucros com a arte se apresenta como algo condenável, reprochável.

Outra interessante contribuição lemos em Dora Incontri:

“É preciso que seus seguidores se despeçam dos lauréis, que aceitem servi-la desinteressadamente, que busquem se revestir da pureza moral, para não manchar sua divindade, que enverguem o heroísmo da virtude para se entregarem à posse dessa deusa.”¹²⁰ (p. 214).

Observamos também em Emmanuel:

“Sempre que sua arte se desvencilhar dos interesses do mundo, transitórios e perecíveis, para considerar tão-somente a luz espiritual que vem do coração uníssono com o cérebro, nas realizações da vida, então o artista é um dos mais devotados missionários de Deus, porquanto saberá penetrar os corações na paz da meditação e do silêncio, alcançando o mais alto sentido da evolução de si mesmo e de seus irmãos em humanidade.”¹²¹ (p. 38).

E arremata o assunto o próprio Kardec:

“Só haverá êxito a preço de sacrifícios (...) e quem diz sacrifício diz exclusão de toda idéia de lucro. (...) Nada, realmente se constrói sem trabalho, sem solidariedade e sem tolerância.”¹²²

Diante do exposto, praticamente poderíamos encerrar a questão. Entretanto, queremos ainda refletir com os que imaginam, por isso, ter razão “a teoria do gravador, um violão e um quarto”. Absolutamente não! Tomemos o conceito de que a Arte é a busca do “belo”, ou como diz O Esteta:

“De acordo com sua evolução, essas vibrações se traduzirão pela criação de virtudes; a palavra virtude sendo tomada num sentido bastante amplo. Para mim ela significa tudo o que é digno de ser amado. E conclui: A arte é, portanto, um dos meios de se sentir a grandeza de Deus.”¹²³ (p. 76).

¹¹⁹ PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Devassando o Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1963,

¹²⁰ INCONTRI, Dora. *A Educação Segundo o Espiritismo*. Mensagem do espírito Schiller. São Paulo: FEESP, 1997.

¹²¹ XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*, pelo espírito Emmanuel. 1941.

¹²² WANTUIL. Zêus e THIESEN, Francisco. *Pesquisa Bibliográfica e Ensaio de Interpretação*. Vol III. Ed. cit., Apêndices 4 e 25.

¹²³ DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte*, Niterói: Lachâtre, 1994.

Assim, há que se primar pela qualidade do trabalho artístico que se aspira produzir. Se não há recursos, que sejam levantados – Novamente lembrando o trabalho de equipe que desbanca o personalismo.

Retomemos a história do “sopão”: Caso queiramos desenvolver um bom projeto, por mais caridosos que todos sejamos, em algum momento haverá necessidade de recursos e planejamento. *O que fazer? Como fazer? Quem fará o quê? Quando? Onde? De que recursos necessitaremos?* E as inúmeras etapas e formas de pensar as ações.

Se pretendemos organizar, por exemplo, uma apresentação ou encontro de corais num teatro da cidade, precisamos pensar em algumas circunstâncias:

- A cessão do espaço foi oficialmente firmada e o contato feito *formalmente* com a pessoa credenciada?
- Houve divulgação do evento em tempo hábil e para a clientela alvo?
- O espaço de realização do evento foi previamente preparado, limpo, organizado?
- Qual será o horário da apresentação? Vai haver intervalo, pausa para o lanche?
- Qual é a seqüência das apresentações? (o programa!).
- Conto com uma equipe de assessoramento para a bilheteria, portaria, boas-vindas, contra-regra, locução, apresentação, etc?
- A lanchonete do teatro foi avisada antecipadamente sobre o evento a fim de se preparar adequadamente?
- Se o evento for realizado num teatro público (o que é comum devido a falta de espaços alternativos “exclusivamente” espíritas) a diretoria, a lanchonete ou restaurante foram avisados sobre como será o funcionamento, evitando-se o consumo e venda de bebidas e cigarros (além de outros produtos não apropriados)?
- Contratei um serviço de sonorização que atenda às expectativas do público; e bons iluminadores, para que o evento atinja suas metas?
- Vai haver uma livraria disponível?
- Providenciei a distribuição de mensagens?
- A que horas a equipe deve chegar ao local para as providências imediatas?
- Marcamos reuniões prévias para combinar os detalhes?
- Confirmei a presença dos trabalhadores cadastrando-os?
- Quem vai fazer o quê durante o evento?
- Já registrei todos os detalhes e discussões em ata ou documento? Pelo menos fiz alguma espécie de anotação?
- Estou organizando sozinho? Quem assumiu comigo o trabalho? Há um grupo trabalhando junto? Alguma instituição local ou federativa orientará ou dará suporte?
- Entre outras várias providências que passam por sua cabeça nesse momento. Todas, em seu devido momento, poderão contribuir para o sucesso do empreendimento. E não nos devemos esquecer que estaremos divulgando a “Doutrina Espírita” – Que responsabilidade!

Se você estiver na liderança desse trabalho, auxiliando ou coordenando de alguma forma, não deixe de ler a excelente obra de Alkíndar de Oliveira: *Torne Possível o Impossível*.¹²⁴ Traz-nos o autor imperdíveis dicas, inclusive acerca do “bom senso” – empregá-lo ou não e de que forma.

Em determinados itens percebemos que será inevitável gastar algum dinheiro. Se sentimos vontade de assistir a um filme, vamos ao cinema e deixamos lá alguma quantia. Ela se refere aos custos com a produção, elenco, divulgação e várias despesas. Será que a produção espírita precisa ser totalmente de graça e por consequência disso sair “mais ou menos”? Quem tem seu material é ‘obrigado’ a emprestá-lo em prol da “caridade”? E se o material estragar? Aquele nosso amigo da casa espírita tem um material de sonorização, mas será que ele atende com a qualidade exigida?

Temos conhecimento de alguns projetos artísticos, como a gravação de CD de músicas espíritas, que deram início com a venda antecipada de cartões-vale dando direito a troca futura pelo CD.

NÃO PODEMOS CONFUNDIR CUSTOS COM LUCROS!

Quem é que gosta de assistir a um espetáculo musical ou teatral com duração de 90 minutos “em pé”? Se for ao ar livre, estamos convictos de que não vai chover nesse dia? Todos os presentes ouvirão a apresentação, isto é, será que não precisaremos contratar um serviço de sonorização adequado?

Muitas vezes equivocamo-nos com *dai de graça o que de graça recebeis*.¹²⁵ Parece-nos que alguns acrescentam e defendem *Daí de graça E DE QUALQUER JEITO o que de graça recebeis*. É óbvio que não defendemos aqui o enriquecimento com os dons musicais ou artísticos recebidos do alto (ou deveríamos empregar o termo “conquistados”). Defendemos, sim, a Arte a serviço da assistência e promoção social, da realização de obras e reformas nas instituições, da compra de materiais didáticos para as aulas de Evangelização e cursos, da sonorização do salão de palestras, de um vídeo cassete e uma televisão para o Centro, de um gravador mais adequado, de um retro-projetor... Ou, pelo menos, que consiga cobrir os custos de uma atividade artística proposta, como observamos no exemplo anterior.

O que mais se pode fazer com recursos alcançados com a venda de um CD?

Se o trabalho é acompanhado por um grupo sério, responsável, ou por uma instituição, federativa, certamente, haverá a monitoração necessária, o planejamento adequado, o encaminhamento preciso dos lucros atingidos às atividades previamente destinadas. Em verdade, nada diferente do que se faz com a venda dos livros.

A literatura espírita é composta por livros de irmãos encarnados e desencarnados. Da mesma maneira vemos as composições musicais espíritas:¹²⁶ umas de inspiração do plano espiritual, quer através da intuição, quer através da psicografia; outras que saem do desejo e sentimento do próprio compositor¹²⁷ (que se está imbuído de bons sentimentos, não está mais sozinho).

¹²⁴ OLIVEIRA, Alkíndar. *Torne Possível o Impossível*. São Paulo: Butterfly, 2001.

¹²⁵ KARDEC, Allan. *A Gênese, Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, Cap. XVII, p. 381.

¹²⁶ KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, p. 228, 231, 234, 274;

¹²⁷ Idem. *A Gênese*. Ed. cit., p. 46, 65.

Vemos claramente que o mecanismo muito se assemelha. No entanto nossos paradigmas são rígidos e às vezes arcaicos. É como se disséssemos: *podemos vender os livros espíritas, mas a música, não; nem o teatro*. Ora, se a música não é a própria arte literária cantada?!

O que se vai fazer com os lucros conquistados – esta questão requer de nós uma séria atenção. Apenas isso! Não há o que temer. É ser espírita neste âmbito também, como asseveram os espíritos.

Há o exemplo de um projeto ao qual fui convidado a integrar. Decidiu-se fazer um CD, haja visto uma médium da casa ter recebido diversas músicas de ótima qualidade, além de cantar e compor muito bem.

Reuniu-se um grupo de trabalhadores do Centro em questão, elegeram uma equipe diretora do projeto, decidiram as finalidades, distribuíram tarefas, iniciaram as gravações. Como fugir dos propósitos iniciais, se há um grupo sério desenvolvendo as ações, se a cada reunião lavra-se uma ata com o andamento das atividades, se há uma instituição respeitável envolvida, bem como membros de sua diretoria? Se existe um ideal maior norteando os caminhos, que é o de contribuir para o crescimento das diversas atividades assistenciais da casa não há o que temer.

Concluindo, a Doutrina Espírita é por excelência inovadora, bela e reveladora. Nós, os seus seguidores estudiosos, devemos primar para que suas produções sejam definitivamente de qualidade. E nos referimos a todas as produções: no trabalho de Assistência e Promoção Social, no Atendimento Fraternal, nas tarefas de Evangelização da infância, juventude e adultos (encarnados e desencarnados), nos estudos doutrinários diversos e nas atividades artísticas, é claro.

O homem de bem há de produzir obras com as qualidades que adquiriu ao longo de sua caminhada.

“Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus. Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz.”¹²⁸ (p. 274).

¹²⁸ KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

25 – Compromissos no Além

“Os Espíritos que sucumbem são geralmente levados a alegar um compromisso superior às próprias forças – o que é ainda um resto de orgulho e um meio de se desculparem para consigo mesmos, não se conformando com a própria fraqueza. Deus não dá a ninguém mais do que possa suportar, não exige da árvore nascente os frutos dados pelo tronco desenvolvido. Demais, os Espíritos têm liberdade; o que lhes falta é a vontade, e esta depende deles exclusivamente. Com força de vontade não há tendências viciosas insuperáveis; mas, quando um vício nos apraz, é natural que não façamos esforços por domá-lo. Assim, somente a nós devemos atribuir as respectivas conseqüências.”¹²⁹ (p. 274).

É fato que firmamos na espiritualidade compromissos para nosso projeto reencarnatório. Na pág. 322 da obra acima citada há explanação sobre a fatalidade, que muitas vezes apontamos como responsável por nossa falência. Mas já não discutimos que temos cada qual compromissos e “missões”. As ligadas à Arte, como nos informa a espiritualidade maior, têm sua devida importância e conta com a influência bondosa de nossos companheiros invisíveis continuamente; entretanto não existe interferência, ou estaríamos negando o livre arbítrio. É, também, seguro que não enveredamos na carne sem a devida incubação das tarefas assumidas, pois *Deus não joga dados com o mundo*. Temos, portanto, todos os recursos de que necessitamos para sermos vitoriosos em nossas empreitadas.

Nelson Moraes nos conta relatos espirituais trazidos pelo espírito Zílio que, depois de uma existência reencarnado com o propósito de cooperar com o trabalho da Arte/Música na crosta, passa por ricas experiências no Mundo Maior. Ele havia falido em vários aspectos. E assim nos narra enquanto em tratamento numa estância espiritual:

“Meu Deus, foi daqui que eu parti para a Terra.(...) Levantei e peguei um livro na estante. Quando eu vi a capa e o título, estremei; tive a sensação de que já havia passado por aquele momento.”

Ele despertava para a realidade de que ali, naquele ambiente, havia se preparado para sua última encarnação. E continua:

“Era incrível! A cada página eu reconhecia aquela obra. O livro tratava de uma técnica de se introduzir a Filosofia na Arte. Agora tinha a certeza de que já estivera ali, naquele mesmo quarto.”

Noutro momento, há o relato de um dos benfeitores espirituais que o acompanhava. Zílio questiona-o sobre sua participação naquela colônia, ao que responde:

“Aqui todos somos alunos e professores. Estudamos e desenvolvemos meios de contribuirmos com a transformação da humanidade, inserindo, na Arte, mensagens de fé e renovação. Entretanto, temos experimentado inúmeros fracassos. Muitos desceram à Terra com essa missão, mas, quando alcançaram a fama esqueceram os compromissos assumidos. Temos alguns deles que ainda estão encarnados, desfrutando de valiosos recursos de comunicação, mas infelizmente,

¹²⁹ KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. Comentário de Kardec. Rio de Janeiro: FEB, 1944, 2ª parte, cap. IV.

por mais que tentemos influenciá-los acabam servindo ao consumismo predominante na Terra.”

Bendizemos os livros de leitura contínua, como os de Emmanuel, André Luiz, Meimei, Joanna de Ângelis, Camilo, Yvonne Pereira, Bezerra de Menezes, Humberto de Campos, Léon Denis, Herculano Pires, Hermínio Miranda, C. Torres Pastorino... sempre nos exaltando à vigilância e a oração, lembrando-nos da importância do Culto do Evangelho no lar, do engajamento com acuidade nos serviços assistenciais da instituição a que estamos afiliados, do estudo sério, do cultivo da fraternidade, da humildade, da tolerância, da disciplina e do amor ao próximo, do cumprimento de nosso projeto reencarnatório.

Muitas vezes sonha o neófito espírita que guarda a doutrina as informações de que precisa para bem-viver, imaginando que tais orientações dar-se-ão através de revelações fantásticas, do tipo: Quem fui na encarnação passada? A que compromissos reencarnatórios estarei ligado? Que “missão”¹³⁰ deverei desempenhar? Basta o que já faço para dá-la como satisfeita? A indicação de bem-viver apresenta-se de maneira mais simples e sutil não demandando qualquer revelação “pessoal”, senão a que o estudo sistemático e a prática desses ensinamentos propõem.¹³¹

Assim como há os bem-sucedidos em suas missões, há os que se submetem mais às dificuldades que às orientações do Alto. Em palestra proferida por uma benfeitora na colônia onde foi recolhido, ouviu Zílio pasmo:

“Onde estarão os Filósofos, os Artistas, os Escritores que saíram daqui comprometidos com a verdade? Venderam e estão vendendo sonhos e ilusões, povoando as mentes dos incautos com quimeras. Onde estão os Esportistas que figurariam nas manchetes da imprensa com exemplos dignificantes? Que fizeram dos recursos de comunicação que Deus colocou em vossas mãos?”

Alguns se transformaram em exímios comerciantes. As aptidões desenvolvidas aqui sucumbiram frente às vocações antigas. Outros tiveram a encarnação interrompida pela misericórdia Divina, a fim de não se comprometerem ainda mais com as leis de causa e efeito e arrastarem consigo milhares de almas para a derrocada moral.” (Op. cit., p. 60).

E, alguns parágrafos à frente, comenta com pesar:

“A situação era realmente grave, o índice de fracassos era muito grande. Reconheci, entre aqueles espíritos alguns artistas, esportistas e comunicadores que gozaram de relativa fama nos meios de comunicação.”

Isso nos leva a pensar sobre como estamos nos saindo em nossas pequeninas tarefas no campo da Música e da Arte Espírita. Em qual dos grupos nos estamos associando: o dos que estão, de fato, dando sua parcela devidamente, ou dos que se negam a

¹³⁰ A maioria das citações feitas na Codificação utilizando o termo “missão”, refere-se a espíritos de alta envergadura espiritual. Utilizamos aqui o caráter genérico do termo visando lembrar aos irmãos que qualquer que seja a tarefa, deve ser encarada com estima e dedicação – como cantar uma música antes das reuniões públicas, por exemplo, ou distribuir a água fluidificada após as reuniões. (veja em KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Ed. cit, Cap. VII, item 13, p. 145 e Cap. XVII, p. 281).

¹³¹ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1944, cap. VII, 2ª Parte, p. 218 e 219.

ouvir o apelo Divino através das orientações legadas com tanto amor a todos nós pela Espiritualidade Maior?

Assim como há música adequada à serenidade e ao trabalho das colônias de socorro e congêneres, vamos encontrar, na referida obra, narrativa sobre uma incursão em Zona Inferior, denominada “Vale dos Prazeres”, onde a música também se fez presente.

Estando em resgate, após recuperação, Zílio vai, acompanhado de benfeitores, em busca de uma antiga companheira que lá vivia e rogava com sinceridade por socorro. Diz-nos que, à medida que se aproximavam, percebiam o som de uma agressiva batucada, semelhante a que conhecemos em uma de nossas maiores festas mundanas. “Tal som – continua – já não me inspirava a alegria que eu sentia quando na Terra, pelo contrário, abateu-me uma profunda tristeza...” E ao aproximar-se dos portões de acesso ao vale, relata: “O som continuava no mesmo ritmo; para mim, já não soava como música, mas como terrível barulho.” Mais à frente, registra: “O barulho continuava insuportável. Os tambores e as cantorias incessantes ecoavam por todo o vale.”

A excursão segue com interessantes comentários. Os dois seguintes, que fazemos questão de relacionar, referem-se a um diálogo, já no interior do vale, quando Zílio questiona seu acompanhante e benfeitor Denius sobre a figura do líder da colônia e suas influências:

“– Ele e suas falanges dominam os meios de comunicação na crosta. A grande maioria daqueles que estão em evidência deve o sucesso à sua influência. Por isso, a verdadeira arte não encontra espaço nesse meio e nem alcança o sucesso merecido. O burlesco acaba predominando no meio artístico.

– A coletividade desta cidade retrata fielmente o nível de degradação a que chegou a arte na Terra. (p. 83).

– Realmente. Daqui partem a inspiração para a maioria das criações artísticas que são apresentadas na crosta. As músicas que você ouve aqui, agora, breve serão executadas lá.”

Em nossas atividades junto à juventude e à evangelização, notadamente nos “Encontros de Mocidades”, temos percebido a atenção especial que têm seus organizadores/facilitadores visando orientar as atividades segundo as diretrizes aqui discutidas. Muitas vezes, como é de natureza e sinceridade do jovem, interrogam sobre a postura de se estar “filtrando” uma ou outra canção, esta ou aquela atividade que contenha teor questionável e que, agora, refletimos sobre de onde pode emanar a inspiração. Como não se pode resumir numa simples resposta, com profundidade, conteúdos informativos e detalhados sobre o tema, procura-se observar algumas questões prioritárias e solicitar-lhes o entendimento.

As lideranças espíritas e as respectivas federativas (FEB, USEERJ, FEERJ, CREs, CFMs etc.) além de instituições espíritas, atendendo ao firme chamado do Alto, vêm conduzindo brilhantemente orientações aos adeptos e estudiosos do Espiritismo. São inúmeros os projetos, programas, estudos sistematizados, espaços para debates e palestras, encontros, seminários, congressos... Entretanto os equívocos e apelos desnudados pelos meios de comunicação através de elaborados programas, sensacionais produções, belíssimos artistas arrastam de sobejo os que, por lapso, se encontrem inermes.

É nítida a inversão de valores e significados que insistentemente invade os lares e a vida de todos nós; seguramente, com nossa aquiescência. Basta que examinemos os

ídolos de nossos filhos. Lembremos agora dos três últimos grandes ídolos do Rock nacional, por exemplo! Um exame em suas vidas indicará práticas pouco ou nada recomendáveis. Mas a máscara filosófica de suas composições, o espírito irreverente, a trama empreendedora, as revoluções ideológicas que apregoavam, a fala libertária, os trajes atípicos, os ritmos frenéticos ou melodramáticos escolhidos, tudo contribuiu maciçamente para a construção e solidificação desse equivocado paradigma de Arte.

A vida depois da vida inequivocamente revela a verdade. E o que na Terra parecia beleza, alegria e prazer, transforma-se em profunda tristeza e sofrimento... apenas ilusão. A tarefa de trabalhar pelo bem divulgando mensagens filosóficas e de paz através da Música cai em derrocada. Vejamos algumas falas do próprio Zílio, este espírito muito famoso que optou por “ir mais além” entregando seus dons artísticos à parceria com as drogas:

“Sem perceber, havia optado pela fuga, a mesma fuga que me havia fascinado em outros momentos da minha vida. O sofrimento por que eu estava passando era característico dos suicidas. Era assim mesmo que eu me sentia, um suicida. Levado pela revolta, percorri o caminho das drogas até encontrar a morte. Embora o mundo me aborresse, eu deveria ter continuado no bom combate.

Na verdade fui um equivocado, apontei tudo o que eu achava que estava errado, mas não soube indicar o certo. Minhas intenções eram boas, mas minhas atitudes eram contraditórias. Em vez de atacar e ferir o sistema, eu deveria ter contribuído para transformá-lo.” (p. 13).

Bem se sabe sobre a mente impressionável e sensível do jovem. Quando são conduzidos à Casa Espírita para a Evangelização, oferta-se novo direcionamento à vida, indica-se um caminho certo. É mister oferecer-lhes modelos autênticos, como Francisco Cândido Xavier, Francisco de Assis, Irmã Dulce, Sai Baba, Gandhi, Madre Tereza de Calcutá, Fabiano de Cristo e muitos outros.

Pode-se notar a profunda ligação estabelecida pela juventude com determinados artistas, sobretudo depois de seu desencarne, o que leva seus fãs a verdadeiros atos de entrega, paixão e desequilíbrio. E, caso tenham possuído hábitos equivocados, além de decorarem e repetirem suas belas composições, passam os jovens a imitá-los, seguindo todos os seus passos e exemplos.

Se nos descuidamos, vemo-nos a inserir nas lides do movimento espírita, obras de cunho discutível, enquanto a proposta deveria ser levar Espiritismo à Arte e não trazê-la, da maneira decadente como se encontra, para o movimento.

Estejamos, portanto, atentos ao aproveitamento de nossos recursos e dons, a fim de darmos conta ao Pai do que recebemos. E auxiliando sistematicamente na condução das atividades diversas, onde se faça presente a Arte.

26 – Animais musicais

A sensibilidade animal à música sempre nos chamou a atenção – e certamente a sua também. Citarei algumas ocorrências.

Tive um contato muito íntimo, na minha infância, com a vida “no mato”. Vivi num bairro muito simples onde nossa diversão era estar no morro soltando pipa, brincando, correndo ou cuidando dos bichos. No meu caso, cuidava dos leitões, dos cabritos e dos coelhinhos. Muitos pássaros costumavam rodear o quintal, o que me faz lembrar da influência musical. Quando minha mãe se dirigia para a máquina de costuras, mal iniciava seu trabalho e os pássaros se debulhavam em trinados altos, vivos, especiais, como se estivessem num duelo sonoro, ou num concerto.

Já os cabritos, percebiam a sonoridade de meu assovio à distância relativamente grande. Isso me fazia muito alegre, pois era como um diálogo entre nós. Tal era que desenvolvemos uma música só nossa. Quando atingia aquelas notas eles já percebiam que os estava recolhendo ao pequeno estábulo caprino.

Uma cadela poodle que me acompanha em casa há alguns anos, desloca-se de onde estiver para deitar próximo aos meus pés, embaixo do teclado, quando estou tocando alguma música mais tranqüila.¹³² Já ao iniciar uma canção mais agitada afasta-se de imediato, retornando depois quando volto a executar o referido estilo. Observo que sua afinidade musical é bem semelhante ao seu comportamento!

Estas observações cotidianas, as quais não são de minha exclusividade, obviamente, comprovam-nos a sensibilidade musical que possuem os animais. Entretanto buscamos respostas mais concretas, através da obra de Michaelus, respeitável pesquisador espírita, sobre o magnetismo, e encontramos interessante citação que aqui descrevemos:

“O médico inglês Richard Mead, relata que um músico percebeu que um cão, que lhe ouvia constantemente as execuções, irritava-se de tal modo quando eram tocadas músicas de determinado tom, pondo-se a ladrar ininterrupta e desassossegadamente. Certo dia, desejando experimentar até que extremos chegaria o cão, o musicista insistiu tão longamente na execução da música, que o animal, muito sensível, pereceu, debatendo-se em convulsões.”¹³³ (p. 119).

Uma comovente experiência sucedeu-se quando pesquisávamos sobre a PNL (Programação Neuro-Lingüística) e as pesquisas do Dr. Masaru Emoto (já citadas anteriormente, na Introdução da presente obra). Neste estudo assimilamos, entre outras coisas, que palavras e sentimentos são carregados de emoção provocando efeitos imensos, podendo inclusive, oferecer comprovações científicas. Abaixo relatamos o fato:

Participamos do Grupo Vocal Espírita Yvonne Pereira. Um vizinho lateral do Centro Espírita onde ensaiamos capturou uma maritaca. Foi essa ave que nos trouxe a interessante experiência. Iniciamos nosso ensaio (domingo pela manhã) com uma música chamada “Vôo” (Maurício e Oscar). É uma linda música que tem como tema central a liberdade, a importância de voar alto, de sonhar, de viver em paz e harmonia.

¹³² Noto que ela se aproxima com mais freqüência quando estou executando canções espíritas ou a bossa nova, por exemplo.

¹³³ MICHAELUS. *Magnetismo Espiritual*. Rio de Janeiro: FEB, 1952.

A cada palavra cantada, temos a sensação de leveza, liberdade e desejo de ascensão. No meio da execução, a ave pôs-se a trinar fortemente. Como havíamos discutido naquele instante sobre a influência dos sons, das palavras e da música, todos percebemos que poderia ser por causa de “Vôo”. Motivo que nos fez cantar, em seguida, uma música mais calma chamada “Silêncio”. O bicho acalmou-se.

Em seguida tocamos uma música um pouco mais agitada (Resposta do bem – Luís Pedro da Silva Paulo). O animal manteve-se quieto. Resolvemos cantar outra música bem rápida (Lindo Amanhecer – Espelho D’alma). E nada!

Em seguida, repetimos a canção inicial (Vôo). Logo a maritaca pôs-se a trinar gravemente, como na primeira vez. E como tal experiência ocorreu por um bom período da manhã, sendo detectada e sentida pelo grupo inteiro, todos nos comovemos bastante. É óbvio que a ave não interpretava intelectivamente a mensagem musical, mas a energia viva que todos nós produzíamos, a emoção que nos comovia ao cantarmos a liberdade, o voar, alcançava a recém aprisionada ave. Solitária, longe dos seus, perdia sua tranqüilidade e cantava conosco lamentando e reivindicando seu direito de ser livre e voar.

Embora já se nos figurasse com toda seriedade a pesquisa do Dr. Masaru Emoto e de Michaelus, foi muito especial para o grupo constatar pessoalmente a imensa influência da música, dos arranjos, das palavras cantadas na vida dos animais. E ficamos a conjecturar: “O que não vem fazendo a música aos homens?!”

27 – Orientações de André Luiz

Inúmeras são as narrativas na inequívoca obra “Nosso Lar”,¹³⁴ onde a música se nos afigura como elemento de grande valor.

Logo no início (p. 28 e 29), André Luiz comenta sua participação na primeira prece coletiva em Nosso Lar. Este é um momento em que as lideranças da colônia espiritual se reúnem para meditação e prece acompanhados por todos os trabalhadores e vários habitantes. Narra-nos que, nestes instantes, divina melodia penetra todos os ambientes. Em enorme salão, numerosa assembléia participa profundamente recolhida em prece, enquanto em adiantado processo televisivo projeta-se a figura do ancião, o Governador, coroadado em luz, e 72 outros participantes (entre eles Clarêncio) que o acompanhavam em respeitoso silêncio. Diante deste quadro esplendoroso, André narra:

“Mal terminara a explicação, as setenta e duas figuras começaram a cantar harmonioso hino, repleto de indefinível beleza. (...) O cântico celeste constituía-se de notas angelicais, de sublimado reconhecimento. Pairavam no recinto misteriosas vibrações de paz e de alegria e, quando as notas argentinas fizeram delicioso staccato, desenhou-se ao longe, em plano elevado, um coração maravilhosamente azul, com estrias douradas. Cariciosa música, em seguida, respondia aos louvores, procedente talvez de esferas distantes.” (p. 29).

Logo adiante (p. 67) o repórter da espiritualidade nota belas melodias atravessando o ar em plena via pública. Lísias percebendo sua expressão indagadora faz esclarecedor comentário:

“Essas músicas procedem das oficinas onde trabalham os habitantes de ‘Nosso Lar’. Após consecutivas observações, reconheceu a Governadoria que a música intensifica o rendimento do serviço, em todos os setores de esforço construtivo. Desde então ninguém trabalha em ‘Nosso Lar’ sem esse estímulo de alegria.” (p. 67).

Em diversos outros momentos a música é apresentada como fundamental em palestras, cursos e encontros, como vemos em preleção da Ministra Veneranda, marcando o encerramento de uma de suas aulas (p. 205).

Outro momento relevante tem a música durante a realização de um Culto Familiar em casa de Lísias (p. 265). Receberiam o irmão Ricardo reencarnado em fase de infância terrestre. Enquanto o Ministro Clarêncio rogava homogeneidade de pensamentos e fusão de sentimentos, Lísias e os demais entoavam, em coro, bela canção. Tocavam também piano, harpa e cítara. E somente ao final da execução musical operou-se a visita esperada. O recém-chegado não tardou a pedir fosse novamente entoada a composição angelical.

Neste capítulo percebemos com nitidez, pela doce e fiel fala de André Luiz, através de nosso amado “Chico Xavier” a importância da música como harmonizadora do ambiente e como instrumento facilitador da realização dos fenômenos de ordem espiritual.

¹³⁴ XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 1944. (I livro da Série André Luiz)

Em *Ação e Reação*, André Luiz, em companhia de Silas, empreende visita ao Templo da Mansão.¹³⁵ Depois de ampla descrição comenta ao adentrar no prédio:

“A luz dominante casava-se de encantadora maneira com a melodia cariciosa a ressoar docemente no largo corpo da nave....

Que mãos invisíveis produziam a música veludosa e terna que nos inclinava à reverência e à meditação?”¹³⁶ (p. 155).

¹³⁵ Espaço de Socorro situado em regiões umbralinas.

¹³⁶ XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e Reação*. Brasília: FEB, 1956.

28 – Música para Chico Xavier

“... Creio sinceramente que, em nosso Plano, jamais houve uma recepção semelhante a um espírito que tivesse deixado o corpo, após finda a sua tarefa no mundo; com exceção do Cristo e de um ou outro luminar da Espiritualidade, ninguém houvera feito jus ao aparato espiritual que se organizara em torno do desenlace de Chico Xavier.”¹³⁷

Assim se expressou o benfeitor Dr. Inácio Ferreira que, acompanhado de Dr. Odi-lon Fernandes, Lilito Chaves, Paulino Garcia e outros trabalhadores da Espiritualidade Maior, estiveram presentes ao cortejo espiritual que contou com milhares de espíritos encarnados e desencarnados, durante a recepção de Chico na vida além da vida.

Ao manusearmos a referida obra, podemos lembrar, com saudade e carinho, a grandeza espiritual deste magnânimo espírito que, como nos diz Dr. Inácio, *foi conduzido imediatamente a Páramos Superiores*, elevado a Dimensões que não podemos sequer conceber. Certamente para o justo aconchego aos corações amados que o aguardavam após finda a missão incoercível e incomparável. Em momento oportuno retornará para continuar sua orientação aos nossos aflitos corações já saudosos.

Neste instante extraordinário fez-se presente a música, como podemos observar na fala de Inácio:

“Os pensamentos de gratidão e as preces que lhe eram endereçadas formavam um halo de luz protetor que tudo iluminava num raio de cinco quilômetros; porém essa luz amarelo-brilhante contrastava com a faixa de luz azulínea que se perdia entre as estrelas no firmamento. A cena era grandiosa demais para ser descrita e desafiaria a inspiração do mais exímio gênio da pintura que tentasse retratá-la. Uma música suave, cujos acordes eu desconhecia, ecoava entre nós, sem que pudéssemos identificar de onde provinha, como se invisível coral de vozes infantis, volitando no espaço, tivesse sido treinado para aquela hora.” (p. 49).

Ainda na narrativa da abençoada obra sobre a recepção do nosso “Chico”, Dr. Inácio, após reproduzir os discursos de Léon Denis e de Veneranda, esta que se fazia acompanhar de Bezerra de Menezes, Emmanuel, Eurípedes Barsanulfo e Celina – a excelsa mensageira de Maria de Nazaré - comenta:

“O silêncio reinante era de tal ordem que, aos nossos ouvidos, a voz inarticulada da Natureza nos parecia uma sinfonia; de minha parte, confesso-lhes que eu nunca tinha ouvido a música dos astros e nem podia imaginar que o próprio silêncio tivesse voz. A faixa azulínea que se transformara num arco-íris ainda se mostrava mais viva, e todos permanecemos na expectativa do que não sabíamos pudesse acontecer.” (p. 68).

Enquanto tais desdobramentos quase intraduzíveis se processavam no plano espiritual, Dr. Inácio, aguçando os sentidos, quis ver os preparativos para o cortejo final no Plano Físico. O ápice do evento se processou em harmonia com o entoar de singelo cântico à Maria. Assim segue a narrativa:

¹³⁷ BACCELLI, Carlos A. *Na Próxima Dimensão*. Uberaba: Pedro e Paulo, 2002

“... e, justamente, quando começou a ser entoada a canção “Nossa Senhora” e os nossos irmãos começaram a movimentar-se, dando início ao cortejo, uma luz indescritível, descendo por aquele leque iluminado que ligava a Terra ao Infinito – a faixa de luz que ali se instalara logo após ter sido armado o velório no “Grupo Espírita da Prece” –, uma Luz que, para mim, era muito superior à luz do próprio Sol e que me acionava a memória para a lembrança da visão que Paulo teve do Cristo, às portas de Damasco, repetiu com indefinível ternura: – “Vinde a mim, todos que andais em sofrimento e vos achais carregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (p. 68).

É intrigante a obra de Baccelli, assim como a figura bem humorada e segura do Dr. Inácio, juntamente com os curiosos comentários de Dr. Odilon. Seleccionamos com carinho alguns interessantes excertos. Em alguns episódios alcança-se nitidamente a precisão e a coesão doutrinária, noutros a polémica se faz presente.¹³⁸

Ao nosso Chico, o cândido amigo, o semeador de luz sobre a Terra, não poderia faltar, no momento glorioso e derradeiro, a presença da “Música”. E queremos humildemente ofertar-lhe o reconhecimento de todos nós encarnados ou não, dos mais diversos credos, culturas, níveis sociais, ideais... Com a palavra quase embargada, externamos nossa gratidão por sua fértil sementeira, pelo extremo carinho, pelo exemplo vivo! Ao iluminado amigo que veio-nos reavivar e complementar a mensagem única da Doutrina dos Espíritos nossas melhores vibrações de amor e agradecimento.

¹³⁸ Devemos citar brevemente que Dr. Inácio Ferreira, através da mediunidade de Baccelli, alude à questão de ser Chico Xavier a reencarnação de Kardec. Outros consideráveis nomes do Espiritismo fazem, no entanto, comentário oposto com a mesma veemência. Como realmente não nos importa com quem está a razão, tomamos da obra referida sua parte inquestionável e em acordo com o senso comum, que trata com todo respeito e segurança outros aspectos da Doutrina e a figura do nosso Chico. Deixamos as querelas para que o tempo e o amadurecimento se encarreguem de esclarecer (se houver necessidade!).

29 – A música na evangelização

“Educados pela Arte – todos os seres humanos devem ser. Pois que outro componente melhor e mais propício a fazer florescer a divindade interior do homem, que o de colocá-lo desde cedo sob a inspiração da Beleza e da Harmonia? Toda criança pode crescer sob o signo do equilíbrio se ao lado do pão, da idéia, da experiência e do brinquedo, lhe derdes o alimento da Beleza.”¹³⁹ (p. 214).

Depois das diversas questões levantadas anteriormente, talvez coubesse apenas uma questão: Por que não usar a música? É certo que em diversas situações descritas, narradas e dissertadas deparamos com esse fantástico instrumento educacional, mas queremos resgatar algumas questões diretamente relacionadas ao processo de Evangelização Espírita.

Pitágoras,¹⁴⁰ defensor da idéia de transmigração da alma e idealista por excelência, era também um valorizador da música, tendo desenvolvido o conceito de cura pelos intervalos e ritmos da melodia. No templo da espiritualidade, dizia ele, quem visse na arte qualquer incompatibilidade, não poderia entrar. Categoricamente abriam-nos a reflexões sobre a plena correlação da música com a essência e espiritualidade do homem.

Dentre os objetivos da Educação temos o de sensibilizar a criança, favorecer seu crescimento, ampliar-lhe os horizontes, desabrochar em seu interior o desejo pela evolução etc. Para a música esses são objetivos muito correlatos, de modo que, como parceiras, podem (e, em caráter de urgência, devem!) trabalhar conjuntamente. Diz-nos Mozart:

“Educação e música – duas palavras que ressoam harmoniosamente juntas. Deixai que a música freqüente a alma desde cedo, tocando sutilmente as fibras do ser e a moralidade e o amor brotarão facilmente nas vossas crianças.” (Op. cit., 1997, p. 221).

Walter de Oliveira Alves tece importante comentário sobre a música e a evangelização:

“A criança pequena não aprende por conceitos abstratos que falam ao cérebro, mas está mais aberta ao ritmo e ao sentimento que a música transmite. O ritmo e a harmonia da música auxiliam a sua harmonização interior. Assim, letras simples e objetivas, em ritmo harmonioso, alcançarão o coração infantil de forma adequada (...) A música representa elevada interação vertical com as esferas espirituais. Mediante essa vivência, em nível espiritual, o sentir e o querer se harmonizam, aprimorando o sentimento e o lado moral da vida.”¹⁴¹ (p. 299).

¹³⁹ IINCONTRI, Dora. *A Educação Segundo o Espiritismo*. Mensagem do Espírito Schiller. São Paulo: FEESP, 1997.

¹⁴⁰ PITÁGORAS: Século VI a.C. – Pensador da Grécia antiga que considerava a música e a alimentação as mais importantes formas de purificação da alma e do corpo. Relacionava a música e matemática, o que denominou “Música das Esferas”.

¹⁴¹ ALVES, Walter de Oliveira. *Educação do Espírito – Introdução à Pedagogia Espírita*. Araras: IDE, 1999, 6ª Edição.

Com alegria podemos constatar que, hoje, existe um consenso sobre a grande importância da música na evangelização. As federativas espíritas organizam e ou apóiam a confecção de apostilas, organização de cursos, lançamento de áudios contendo rico material didático-musical, através dos quais pode-se, além do aspecto lúdico, trabalhar toda a gama de conceitos espíritas; seguindo o doce caminho da canção pode o evangelizador revelar, de forma poética, artística os básicos princípios doutrinários.

Temos trabalhado já faz alguns anos com o canto coral espírita, e já não nos é estranho ouvir de algum confrade pedidos musicais, quando vamos nos apresentar em algum evento ou casa espírita. Vez ou outra, temos oportunidade de conversar com os irmãos solicitantes sobre o porquê de terem pedido justamente aquela canção; e mesmo já tendo passado longo período não demonstraram esquecer-lhe as mensagens. Como resposta ouvimos verdadeiras histórias, detalhadas narrativas. As canções, ora foram ouvidas em momentos derradeiros, difíceis; ora trazem lembranças de sucesso, vitória e alegria – mas sempre são instrumentos significativos de aprendizado e crescimento. De tal maneira ficam gravadas na memória e alinhadas com alguma situação vivida que nos confirmam e revelam, sem dúvida, sua importância.

Emociona-nos narrar um breve e especial episódio ocorrido com uma de nossas companheiras das lides espíritas, mais especificamente do canto coral:

Seus filhos, não espíritas, nunca haviam se manifestado sobre seu trabalho, mantinham-se inertes quando o assunto familiar era o Coral. Ela eventualmente ensaiava sozinha em casa, durante seus afazeres domésticos, enquanto os jovens rapazes permaneciam em suas atividades, sem qualquer reação, embora o desejo materno fosse o de que toda a família se envolvesse nesses ideais.

Certa feita, nossa amiga sofreu um grande susto! Sua casa que não representava qualquer perigo estrutural, após fortes tempestades passou a oferecer grave risco de desabamento; uma parte da área externa, inclusive, chegou a desmoronar. Como toda mãe zelosa, ficou bastante temerosa, uma vez que era um patrimônio familiar, onde residiam, e que certamente seria de grande serventia no futuro dos filhos.

Diante do agravamento da situação, numa manhã, chorava copiosamente sozinha em sua sala. Neste instante, onde a angústia e o quase desespero tomavam-lhe a alma, viu aproximar-se um dos filhos que a abraçou e... numa inesperada atitude, a envolveu com carinho e palavras de consolo, oferecendo-lhe uma confortadora canção – uma das que mais costumava ensaiar em casa.¹⁴² De atônita pelo problema, transfigurou-se em alegria ao perceber que o filho, inerte à música, agora se tornava o seu instrumento. A música o evangelizara sem que sua genitora tivesse forçado qualquer situação. No momento necessário, o poder da melodia, a energia da canção fez seu papel, trazendo luz àquele coração materno que tanto já lhes havia cantado e oferecido carinho.

Dessa maneira sutil e tranqüila, sagaz, mas amena, a música despertava o espírito do jovem para a beleza de consolar e dividir-se com o próximo. Seu instrumento de auxílio? Ele elegeu intuitivamente a Música!

Therezinha Radetic assim se expressa:

“Negar a finalidade altamente educativa que a Arte desempenha no seio da sociedade, o papel de relevante valor que ocupa na família, a influência constru-

¹⁴² VÊ – composição do Grupo Vocal Espírita Joanna de Angelis.

tiva que exerce na formação do caráter, na individualidade seria simplesmente absurdo.”¹⁴³ (p. 18).

No próprio processo de educação para a Arte cabe usá-la, apresentando ao educando a boa parte que lhe poderá contribuir na escalada evolutiva. Vejamos o que nos diz Radetic:

“À nocividade de certas obras artísticas, que, a pretexto de apresentarem caracteres doentios, descambam para a imoralidade e para o culto de emoções menos dignas, adubando terreno mais tarde propício à proliferação de novos germens morais, deve-se a degenerescência psíquico-social de determinadas criaturas, ainda não amadurecidas na direção a imprimir às suas idéias e aos seus desejos.” (p. 21).

Portanto, há que se ter também, obviamente, uma preocupação com o tipo de Arte / Música que se vai apresentar à criança como instrumento educativo. Pode-se-lhe oferecer a orientação técnico-artística, estimular-lhe o aprendizado e o estudo sério; sem, no entanto, esquecer o desenvolvimento do sentimento do Belo e do Bom, o saber ouvir os sons da natureza, do universo. A prioridade para o exercício de sua sensibilidade engloba a chance de desenvolver sua espontaneidade, criatividade; aplaudir-lhe as singelas e pueris declamações, cânticos, danças, pinturas, representações. Permitir à criança manifestar-se e dar-lhe a atenção devida já é um panorama artístico, já é vislumbrar o aprimoramento da capacidade criativa, sensível. Diz-nos Schiller:

“Fazei isso com todas elas e se não tiverdes no futuro todos os homens literalmente artista, tê-los-eis moralmente melhores e mais criativos.”¹⁴⁴

Há mesmo críticos da Arte e educadores que sugerem, com veemência, sua inclusão no currículo escolar de forma metódica e voltada para a crítica desde a mais tenra idade:

“Estudos sobre as percepções e compreensões que envolvem arte e fazer artístico sugerem que nas escolas deva-se iniciar o ensino de crítica de arte nas primeiras séries.”¹⁴⁵ (p. 123).

Ora, não se critica o que não se vê, não se sente e não se conhece; portanto implicaria o processo crítico em oportunidade de mais estudo e conhecimento das Artes em geral. Temos, ainda, a fala de Eisner:

“Desenvolvemos a idéia de que a arte tem conteúdo específico a oferecer, algo inerente às artes. Afirmávamos que o aprendizado artístico compreendia mais do que a habilidade de utilizar materiais de arte, e conceituamos o papel do professor de forma ativa e exigente, e não simplesmente um fornecedor de materiais e um apoio emocional.”¹⁴⁶ (p. 80).

¹⁴³ RADETIC, Therezinha. *Falando de Arte à Luz do Espiritismo*. Rio de Janeiro: F. V. Lorenz, 1999.

¹⁴⁴ INCONTRI, Dora. *A Educação Segundo o Espiritismo*. Mensagem do Espírito Schiller. São Paulo: FEESP, 1997.

¹⁴⁵ OTT, Robert William. Ensinando Crítica nos Museus (in: BARBOSA, Ana Mae, Org. *Arte-Educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 2002).

¹⁴⁶ EISNER, Elliot. Estrutura e Mágica no Ensino de Arte. In: Op. cit., 2002.

Analisando a Música como incentivadora do processo criativo (entendendo que ela é igualmente processo de criação) e, levando-se em conta que todo ser humano é potencialmente criativo, vale ressaltar o que nos diz um dos pais da psicologia humanista, Abraham Maslow: “o homem criativo não é o homem comum ao qual se acrescentou algo; mas sim o homem comum do qual nada se tirou.”

Juntamos aqui dados de uma pesquisa realizada por Dr. Calvin Taylor, publicada por George Land e Beth Jarman (autores do livro *Ponto de ruptura e transformação* – Ed. Cultrix).¹⁴⁷ Reuniram oito testes de criatividade e aplicaram durante 25 anos na Utah University (EUA). Tal pesquisa envolveu 1600 pessoas de variáveis faixas etárias. O admirável resultado foi que 98% das crianças de 3 a 5 anos foram considerados gênios criativos; entre as de 8 a 10 anos, apenas 32% ainda mantiveram níveis de genialidade; entre 10 a 15 anos, 10%; e somente 2% dos adultos acima de 25 anos seriam gênios! Frise-se que a *genialidade* é característica daquele que é igualmente *capaz de criar e recriar*. Como se pode notar, o alarmante número de 98% de crianças “perderam” sua genialidade; ou, como coloca Alkíndar: “O potencial não está perdido – está encoberto aguardando o momento de o adulto liberá-lo.” E arremata, em tom grave, lembrando a fala do professor Arguelo, da UNICAMP: “A escola brasileira transforma uma criança criativa de sete anos num idiota com título de doutor aos 24.” Com as ressalvas necessárias e excluindo os inumeráveis doutores, cuja criatividade não foi abafada, cremos ter esta frase apresentado motivos para profundas reflexões. Vejamos sua conclusão:

“O meio não fez com que o ser adulto perdesse sua criatividade, pois não se perde algo que é próprio da natureza humana. O meio fez, sim, com que o ser adulto criasse bloqueios que encobriram seu potencial criativo natural. Cabe ao próprio adulto, com novas atitudes e novos pensamentos, redescobrir seu potencial criativo.” (p. 50).

De acordo com o exposto nesse trabalho, encontramos subsídios para crer na importante chave co-criativa que é a Música – e certamente as Artes em geral; não apenas como opção no processo criador, recriador, educador, mas algo intrínseco e facilmente visualizável neste processo.

Onde anda a criatividade de cada um de nós? Este foi um dos questionamentos levantados por Gregori, para o qual fez uma positiva observação:

“Nossa cultura nos fez racionais, conscientes, na maior parte do tempo, sem que tenhamos a oportunidade de um relaxamento mental onde possamos encontrar alguma coisa verdadeiramente nova, alguma coisa que não tenha sido preconcebida.” Em seguida, remete-nos poeticamente a uma resposta segura: “A música é um dos meios que podem nos conduzir a um recanto precioso do nosso cérebro e nos proporcionar um grande prazer: o de um encontro fantástico com alguns tesouros até então desconhecidos dentro de nós.”¹⁴⁸ (p. 16).

Mozart aponta duas importantes questões no processo educativo infanto-juvenil. Primeiro, o SILÊNCIO, de modo que possa o indivíduo educar o ouvido para *o silêncio*

¹⁴⁷ Esta discussão se encontra bastante clara e mais detalhada na brilhante obra de OLIVEIRA, Alkíndar de. *Torne possível o impossível*. São Paulo: Butterfly, 2001, p. 49 a 51.

¹⁴⁸ GREGORI, Maria Lúcia P. *Música e Yoga transformando sua vida*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

da natureza e para a natureza do silêncio. Silenciando temos um encontro com a paz, com o “eu” e sua intensa harmonia interior. Nele podemos ouvir a melodia dos nossos desejos, sonhos, planos, de nossas metas, esperanças e emoções...¹⁴⁹ Segundo, a SIMPLICIDADE. Degustando cada nota, cada acorde, de uma melodia simples pode-se despertar os mais refinados sentimentos. Mas lembra-nos que devemos atentar para não confundirmos simplicidade com mediocridade e banalidade. Assim nosso mestre da música se expressa:

“A simplicidade pode ser divina – é isso que deveis procurar (e não só no domínio das artes, mas da própria vida, pois quereis divindade mais simples que a de Jesus?).” (p. 222).

Incluimos, necessariamente, a definitiva contribuição de Mozart que nos permitirá definir se devemos ou não utilizar a música na Evangelização:

“Ora, exatamente nas crianças, que em vosso planeta ainda chegam experimentando a bênção do adormecimento, a sensibilidade está à superfície da pele. Ainda não foram reconstruídas pelo ensino racionalizado as estruturas lógicas da consciência. A criança bebe os sons, como se impregna das imagens, absorvendo profundamente as impressões que a alcançam. Eis então o meio insuperável para que essas impressões sejam harmônicas, belas e puras: a música!”¹⁵⁰ (p. 222).

Fazemos aqui um destaque à importante reflexão trazida pelo Dr. Odilon Fernandes, bondoso orientador espiritual de Carlos A. Baccelli e de todos nós, que alia à questão da educação do espírito através da Evangelização com a da mediunidade:

“Quem plasma na mente infantil noções concernentes à fé na imortalidade, procurando inculcar-lhe a crença na existência de Deus e exaltando os ensinamentos de Jesus com base no “amai-vos uns aos outros”, está realizando inestimável trabalho de natureza mediúnica (...), e observa ainda: Uma aula de evangelização destinada a crianças, em muitos casos, funciona como uma reunião de desobsessão de caráter informal (...). Arrematando a questão, encerra: Por isto, temos considerado que a tarefa de evangelização infantil em uma casa espírita deve merecer prioridade, inclusive sobre aquelas de caráter mediúnico propriamente dito.”¹⁵¹ (p. 53).

Sendo a obra de evangelização também ação mediúnica, aproveitamos para reafirmar que, nas duas atividades, é bem-vinda a utilização da música. Interessante notar também que o termo reunião mediúnica de desobsessão vem sendo gradualmente

¹⁴⁹ Sobre o “silêncio”, Dr. Inácio Ferreira traz-nos magnífica narrativa, quando fala sobre parte da sublime recepção à Chico Xavier feita após seu desencarne: *O silêncio reinante era de tal ordem, que, aos nossos ouvidos, a voz inarticulada da Natureza nos parecia uma sinfonia; de minha parte, confesso-lhes que eu nunca tinha ouvido a música dos astros e nem podia imaginar que o próprio silêncio tivesse voz.* BACCELLI, Carlos A. *Na Próxima Dimensão.* Pelo espírito Inácio Ferreira. Uberaba: Pedro e Paulo, 2002, p. 68.

¹⁵⁰ INCONTRI, Dora. *A Educação Segundo o Espiritismo.* Mensagem do Espírito Mozart. São Paulo: FEESP, 1997.

¹⁵¹ BACCELLI, Carlos A. *Mediunidade – Perguntas e Respostas.* Votuporanga: Casa Editora Espírita, 2000.

substituído por “reunião de auxílio”¹⁵² ou “EVANGELIZAÇÃO dos espíritos” e “reunião mediúnic de caridade”, como nos aponta Joanna de Ângelis.¹⁵³

O educador Walter Oliveira Alves lançou uma série de estudos que entrelaçam Pedagogia, Educação e Evangelização. Sua obra tem servido de parâmetro para muitos evangelizadores e é indicada por várias federativas do Brasil. Pinçamos, pois, algumas de suas excelentes observações sobre arte, música e evangelização espírita.

Destaca-nos o autor que, na obra *No Mundo Maior*,¹⁵⁴ de André Luiz, o espírito Calderaro define três importantes elementos relacionados ao processo de evangelização: o SUBCONSCIENTE (bagagem milenária que desperta gradualmente na criança – idéias inatas), o CONSCIENTE (ações, percepções e experiências presentes) e o SUPERCONSCIENTE (gérmen da perfeição que existe em todos – região superior da alma que estimula o espírito imortal à evolução). Sobre o processo de evangelização/educação observa:

“Somente conseguiremos isso se trabalharmos com a criança como um “todo”, como um ser que pensa, sente e age e compreendermos as etapas graduais de manifestação do Espírito reencarnado.”¹⁵⁵

Completando a questão, mais à frente, nos diz:

“Além da energia emuladora do próprio evangelizador e das pessoas que com ela convive, as artes, especialmente a **música** e a dança exercerão enorme força de atração, atraindo a energia volitiva do Espírito para os caminhos superiores da evolução ...”

Relacionamos agora alguns outros apontamentos contidos nesta obra:

- 1º) “Com habilidade, o educador poderá, através da música, de atividades lúdicas, sensibilizar ainda mais o coração da criança.” (p. 36).
- 2º) “Todas as atividades propostas, bem como as artes em geral, a música, o teatro, a dança, as artes plásticas e a literatura possuem o mesmo objetivo central de trabalhar com a percepção (sensorial, intelectual e afetiva), ampliando sua capacidade de interação com o meio físico e espiritual.” (p. 36).
- 3º) “Vivenciar é viver de forma vibrante, é sentir e querer com alegria e entusiasmo. Neste aspecto, a arte é forte elemento de interação vertical, onde a alma interage com as energias espirituais superiores que pululam no Universo. (...) Apenas com a razão, com o intelecto, não conseguiremos elevar nosso padrão vibratório para sentir tais vibrações sutis. A arte, contudo, nos permite atingir esses estados superiores, elevando nossa vibração.” (p. 41).
- 4º) “A arte sensibiliza o Espírito e pode ser um forte estímulo ao desenvolvimento de nosso potencial superior e nobre. A sensibilização pela arte, tal

¹⁵² MORAES, Nelson. *Um Roqueiro do Além*. Pelo espírito Zílio. São Paulo: Speed Art, 1998, p. 34.

¹⁵³ ÂNGELIS, Joanna. *No Limiar do Infinito*. Salvador: Alvorada, 1978, cap. 18, p. 139.

¹⁵⁴ XAVIER, Francisco Cândido. *No Mundo Maior*. Pelo espírito André Luiz. Brasília: FEB, 1947, cap. 3.

¹⁵⁵ ALVES, Walter Oliveira. *Prática Pedagógica na Evangelização*. São Paulo: IDE, 1998, p. 21.

qual a energia emuladora do exemplo do evangelizador e do ambiente, oferece forte estímulo à vontade direcionada para os ideais superiores.” (p. 42).

- 5º) “A música é vibração e pode excitar, ou estimular o Espírito, provocando sensações de nível superior, permitindo vibrarmos em sintonia com esse algo superior, despertando a essência Divina que dorme em cada um de nós.” (p. 42).
- 6º) “Trabalhar intensamente o sentimento através da arte. A música atuará benéficamente na vida sentimental da criança. Se possível, forme um coral ou grupo musical.” (p. 89).
- 7º) “Da mesma forma, as artes servirão de canal para a energia criativa do jovem, especialmente da energia sexual que desabrocha nesta idade. Propicie oportunidade de participação nas atividades artísticas como teatro, grupos musicais, coral e dança, conforme as aptidões naturais de cada um.” (p. 92).
- 8º) “Os grupos de teatro, dança e o de música têm atividades em outro dia e horários, mas trabalham nos mesmos objetivos. Assim todas as atividades realizadas com as crianças seguem entrelaçadas, conduzindo ao mesmo objetivo proposto.” (p. 95).
- 9º) Sobre a dinâmica da reunião, Alves dá-nos quatro exemplos: ATIVIDADES DINÂMICAS (músicas com gestos, danças...), ATIVIDADES DE CONCENTRAÇÃO, CRIATIVIDADES (expressar-se livremente ao som de uma música...), e RELAXAMENTO (favorecer o silêncio, música suave de fundo, trabalhar com a imaginação...) e segue dizendo: “Com crianças maiores utilize a música e atividades lúdicas, alternando com material concreto onde ela possa trabalhar o real. Sempre que notar cansaço, procure “injetar” bom ânimo com uma música ou atividade lúdica, retornando em seguida para a atividade que exija maior concentração.” (p. 97).
- 10º) “Explore o ritmo, músicas com gestos, rodas cantadas. Utilize a música e a poesia juntas. O resultado será ótimo. A criança pequena vibra com o ritmo da música. A poesia declamada também tem ritmo. Explore-o.” (p. 134).
- 11º) “Procure trabalhar com as crianças pequenas com os sons da natureza. Não será difícil gravar: a chuva caindo, pássaros cantando, o som do grilo, da cigarra, os latidos de um cão etc. trabalhe a diferença dos sons: sons de metal, madeira, instrumentos musicais... Trabalhe também a diferença entre ruído e música.” (p. 135).
- 12º) “Nas atividades de relaxamento, use a música clássica como “fundo musical”. Explore também o silêncio, durante o relaxamento: todos em silêncio, relaxados, poderão ouvir sons longínquos. Também utilize a música clássica ou música suave nas atividades de artes plásticas.” (p. 135).
- 13º) “Prepare antecipadamente uma fita com diversos estilos de músicas: Músicas suaves e calmas, músicas rápidas, ritmo de valsa, jazz, etc. para cada música, as crianças deverão realizar um desenho livre, procurando exprimir o que sentem no momento, ouvindo a música. Para cada música uma folha de papel. Analise cada desenho verificando a influência da música no estado d’alma e na criação artística.” (p. 162).

- 14º) “Os jovens da casa poderão formar um coral ou madrigal. Existem muitos grupos já formados de coral com integrantes jovens ou adultos. Procure participar de encontros regionais e colher idéias.” (p. 183).
- 15º) “A música representa, pois, elevada interação vertical com as esferas superiores da vida universal. (...) Se houver possibilidades, explore a música instrumental: flauta, violão, teclado, piano (...). Associe a música ao teatro e à dança. Procure também utilizar música suave, especialmente a clássica, em conjunto com as artes plásticas.” (p. 42).

Encerramos, esta parte, com as palavras orientadoras e amavelmente sábias de Mozart:

“Deixai que a música freqüente a alma desde cedo (...) A música é linguagem imediata, não conceitual, que transcende os padrões rígidos das palavras, podendo enlaçar o espírito num todo. Sem que se dê conta, ei-lo que está sentindo, pensando, pulsando em todo o seu ser espiritual na vibração da música. Que poderoso instrumento de persuasão e de elevação! Porque quando a alma está desarmada, com a sensibilidade abandonada ao sabor dos ventos, a música entra por todos os poros perispirituais e a perpassa, a invade completamente.” (INCONTRI, 1997, p. 222).

30 – Reflexões conclusivas

Muitas análises há ainda por fazer, muitos nuances da música ainda ocultos a rogar-nos atenção. Há necessidade de estudo aprofundado sobre o tema, onde se possa discutir a definição segura acerca da música espiritualizada; onde se consiga dimensionar seu poder criativo, suas influências e a importância da total atenção para com esse instrumento que, se bem empregado, é força geradora, harmonia e equilíbrio abençoado, pouso seguro e alma Divina a nos embalar.

Qualquer opinião, estudo, experiência com a música, arrasta consigo uma infinidade de outras implicações que conseqüentemente alimentam a reflexão ora proposta. Se peneiradas pela orientação segura da Doutrina Espírita, são indiscutivelmente instrumentos didáticos de apoio à sua aplicação.

A liberdade e a necessidade conflitam-se diante da música, que não representa, até o momento, foco central de discussão em escala desejável, mas que se vai decortinando e provocando questionamentos cada vez mais contundentes e indissociáveis do Espiritismo. A escolha pela *liberdade* é bandeira doutrinária, e a *necessidade de crescimento*, por sua vez, não se abstém de seu corpo, visto que o homem está fadado à perfeição, à felicidade, à plena harmonia. O tempo, a opção e cada passo, ele mesmo delinea em direção ao infinito.

Quando o indivíduo consegue se libertar de sua atitude de defesa, de modo a se abrir ao imenso campo de exigências da sua própria constituição Divina, predestinada à evolução, vê-se diante de reações positivas, felizes, progressistas e construtivas; torna-se ‘ele mesmo’ e vislumbra com mais alegria a harmonia universal na qual está inegavelmente inserido; faz-se o próprio instrumento de confiança e crescimento digno para enfrentar as fronteiras que separam o saber e o ignoto. Parece-nos ter sido fenômeno semelhante o que envolveu os incontáveis cientistas que conheceram o Espiritismo em sua primeira fase (e ainda hoje).

Nesse instrumento de discussão acerca da música, suas influências e seu balizamento à luz da Doutrina, tivemos a proposta de refletir de duas maneiras: a primeira de forma fluida e pessoal a partir de vivências, releituras e observações próprias – por isso, plenamente mutável, questionável e passiva de reflexões críticas; a segunda, centrada em análises factuais e de pesquisas, onde transcrições (feitas veemente e propositadamente), de luminares do Espiritismo, encarnados ou não, fazem suas judiciosas observações e relatos.

No meio desses esforços, satisfaço-me diante do que pretendia, pois buscava apenas suscitar um diálogo. Penso ter com isso agravado o conflito, Isto é, torna-se irreconciliável conhecer-se tal questão sem dar a ela uma definitiva dimensão valorativa. E uma vez que não foi explorado neste trabalho conhecimento definitivo sobre o tema, vemos que, além de existir o conflito, co-existe a proposta de aprofundar as pesquisas nesse vasto campo definindo os caminhos para a música e sua utilização no movimento espírita.

Fica também explícito não se tratar de nada “novo”, mas apenas, de certa forma, ainda fora de nosso pleno domínio. Daí a necessidade de estudo, suas implicações e relações! Esperamos com isso ter afastado qualquer espécie de misoneísmo abrindo mais uma oportunidade de diálogo entre a Música e o Espiritismo.

Resta-nos agradecer ao Pai e a Jesus, e aos amigos do Mundo Maior que nos envolveram durante esta pesquisa, algumas vezes sutilmente, outras sugerindo mesmo algumas palavras que sequer manuseávamos. Embora não se trate exclusivamente de trabalho psicográfico, cumpre-nos declarar que nitidamente vimos ou ouvimos algumas notações e aconselhamentos. Estávamos em prece a cada minuto; há possibilidade (e é nisso que acreditamos) de termos sido devidamente envolvidos, portanto. Sua análise poderá filtrar qualquer deslize “meu” e, aproveitando as inúmeras referências bibliográficas, buscar a orientação devida perdoando-nos a humilde tentativa.

“Sobretudo, sabeis que o Mestre conta com todos, para a sinfonia de um mundo novo e os músicos serão chamados a captar as harmonias do cosmos, trazendo-as para a Terra e elevando o tônus vibratório do planeta. Mas, então, ajudai os músicos, para que se elevem a si mesmos e suas melodias serão mais puras, suas traduções mais fiéis e suas harmonias mais doces – para embalar o terceiro milênio.” (Mozart).

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Ritamaria, NINSENBAUM, Esther. *Musicoterapia: Superando Fronteiras*. Rio de Janeiro: CC&P, 1999.
- ALVES, Walter de Oliveira. *Educação do Espírito – Introdução à Pedagogia Espírita*. Araras: IDE, 1999.
- ÂNGELIS, Joanna. *No Limiar do Infinito*. Salvador: Alvorada, 1978.
- BASTOS, Rogério Lustosa. *Ciências Humanas e Complexidades: projetos, métodos e técnicas de pesquisa. O Caos, a Nova Ciência*. Juiz de Fora: UFJF, 1999.
- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 201.
- CARNEIRO, Vitor Ribas. *ABC do Espiritismo*. Federação Espírita do Paraná, 1996.
- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1998.
- CLARET, Martin. *O Poder da Música*. São Paulo: Martin Claret, 1996.
- DEMO, Pedro. *Conhecer e Aprender: Sabedoria dos limites e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte*. Niterói: Lachâtre. 1994.
- EISNER, Elliot. Estrutura e Mágica no Ensino de Arte. In: Ana Mae, Org. *Arte-Educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 2002
- FREITAS, Augusto Marques. *Da curiosidade à Renovação Social*. Rio de Janeiro: Celd, 2003.
- GARDNER, H. *Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- GREGORI, Maria Lúcia P. *Música e Yoga transformando sua vida*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HALPERN, Steven. *Som Saúde*. Rio de Janeiro: Tek Box, 1985.
- INCONTRI, Dora. *A Educação Segundo o Espiritismo*. Mensagem do espírito Schiller. São Paulo: FEESP, 1997.
_____. *Pedagogia Espírita: Um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*: São Paulo, Feusp, 2001.
- JOURDAIN, Robert. *Música, Cérebro e Êxtase*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- KARDEC, Allan. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.
_____. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.
_____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.
_____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.
_____. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.
_____. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.
- LINGERMAN, Hal A. *As Energias Curativas da Música*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- McCLELLAN, Randall. *O Poder Terapêutico da Música*. São Paulo: Siciliano, 1994.

- MILECO FILHO, Luis Antônio et al. *É preciso cantar – Musicoterapia, cantos e canções*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.
- MORAES, Nelson. *Um Roqueiro no Além*. Pelo espírito Zílio. São Paulo: Speed Art, 1998.
- MUGGIATI, Roberto. *Rock – o Grito e o Mito*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- OLIVEIRA, Alkíndar de. *Torne possível o impossível*. São Paulo: Butterfly, 2001.
- OTT, Robert Willian. Ensinando Crítica nos Museus. In: BARBOSA, Ana Mae, Org. *Arte-Educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PEREIRA, Cristina da Costa. *A Inspiração Espiritual na Criação Artística*. Niterói: Iachâtre, 1999.
- PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Devassando o Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1963.
_____ *Cânticos do Coração*. Rio de Janeiro: CELD, 1994.
_____ *Memórias de um Suicida*. Rio de Janeiro: FEB, 1980.
- RIVAIL, Hippolyte Léon Denizard, *Textos pedagógicos*. São Paulo: Comenius, 1997.
- SAID, Cezar Braga. *Centro Espírita: Tendências e Tendenciosidades*. Rio de Janeiro, 2001.
- SITE da FEB: <http://www.febrasil.org.br>
- UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese*. Campos dos Goytacazes: Fraternidade Francisco de Assis, 1997.
- VON BARANOW, Ana Lea Vieira Maranhão. *Musicoterapia – Uma Visão Geral*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.
- WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. *Pesquisa Bibliográfica e Ensaios de Interpretação*. Vol II e III, Rio de Janeiro: FEB, 1980.
- XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1939.
_____ *O Consolador*. Pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1941.
_____ *Vinha de Luz*. Pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1952.
_____ *Cartas e Crônicas*. Pelo espírito Humberto de Campos. Rio de Janeiro: FEB, 1966.
- YUS, Rafael. *Educação Integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Anexo I – Arte e Espiritualidade

A genialidade humana perante a arte de representar as percepções da alma vem desde os primórdios das eras. Inata ao homem, a veia artística surgiu no momento em que o espírito humano reproduziu as ondas sonoras para o próprio acalento; as imagens no barro, na madeira e no desenho em pedras, para descrever a própria história.

Do bruto à espiritualidade, o homem avançou lentamente, passo a passo, e continua, ainda à procura da arte suprema de representar o ser divino. Rebusca nos arcanos da história, nas formações geológicas, nas construções da natureza, um motivo, uma idéia, um símbolo que possa exaltar a presença divina que vislumbra existir em espetáculo supremo.

Os séculos e os milênios sucedem-se inexoráveis, permanece a procura incessante, o afã da obra-prima, a ansiedade e a expectativa de alcançar o máximo no dom sublime de exteriorizar a alma em expansão.

Outros espíritos, já sensíveis à beleza da criação, sem contudo possuírem o talento necessário, vêm amparar os artistas, oferecendo apoio e recurso, ambiente e condições, para que a arte floresça, em todas as suas nuances, diante dos homens.

Mecenas e gênios, de século em século, alcançam o homem no seu âmago, produzindo o toque de sensibilidade à beleza. Para eles tudo é arte, tudo é perfeição! Deixam suas marcas de tal forma inscritas por onde vivem, com tal clareza, que descrevem épocas, costumes, pensamentos e delimitam as fronteiras da história.

Veio o século das luzes, após a renascença do pensamento humano, e a ciência embelezou as idéias religiosas, dantes só estampadas nas telas, afrescos e mármore. O artista compreendeu, usou novas técnicas, alcançou o segredo das luzes, separou os matizes das cores, de acordo com os momentos de luz.

Ciência, técnica, gênio, sentimento, percepção e espiritualidade; espiritualidade, sim! O toque da inspiração espiritual sempre esteve presente na obra do artista, nas idéias, nas imagens, nos temas, na perfeição.

Aí está a chave para a porta da visualização da obra divina: ao espiritualizar-se o homem começa a perceber a essência espiritual que é, e avança na compreensão de Deus. Eis a pincelada que falta para que a arte seja divinizada.

Arte e espiritualidade precisam estar juntas no seio da humanidade, para que se restabeleça de vez o resplendor das cores celestiais diante dos olhos humanos, ávidos da presença divina, ainda não totalmente percebida.

O tema precisa ser exaltado – arte e espiritualidade – mostrando ao mundo não só a sublimidade de Deus, mas também a imortalidade da alma e a presença influenciadora dos espíritos, que descem do céu para sensibilizar o coração humano.

*Léon Denis*¹⁵⁶

¹⁵⁶ Mensagem recebida no CIPES (Círculo de Pesquisa Espírita, Vitória – ES) em 23 de outubro de 1997. Consta na apresentação da obra *Inspiração Espiritual na Criação Artística*, de Cristina da Costa Pereira, devidamente citada nas referências bibliográficas.

Anexo II – Exercícios musicais

É cada vez mais raro encontrar alguém que não viva em comunhão com a música, que não tenha um contato habitual com ela. Se você faz parte do grupo que ainda não a percebeu plenamente, vamos propor alguns exercícios que irão viabilizar esse encontro:

1º – À noite, durante nosso desprendimento momentâneo do corpo, podemos realizar um excelente trabalho: buscamos uma música que seja bem suave (sugestões: *Chroma* ou *Quietude* – Áurio Corra: todo o CD), localizamos o aparelho não muito perto da cama e ajustamos o volume bem baixinho – isto porque o silêncio da noite fará com que este som pareça alto! – ele precisa estar quase no volume zero. Regule no modo “repeat all” e sinta durante toda a noite esta especial massagem-musical. Pela manhã, ainda na cama, respire fundo, faça um alongamento bem tranqüilo e conceda-se alguns instantes para perceber os efeitos proporcionados.

2º – Segundo Pitágoras, Léon Denis e outros estudos mais recentes, a cada nota musical corresponde uma cor. Selecione uma música que seja de sua preferência; opte por uma que apresente boas variações harmônicas e melódicas. Ouça cada nota com o coração e deixe fluir em sua mente a mensagem dos sons e das cores. Não force... deixe fluir tranqüilamente... apenas exercite sua sensibilidade musical. Sinta os sons, perceba as cores que dele emanam! Repita o exercício e note que, paulatinamente, sua percepção se dilatará (o CD *Chroma*, sugerido no exercício anterior, parece-nos perfeito também para este caso).

3º – Meditar não é, como se costuma imaginar, algo privativo de monges tibetanos, orientais ou espíritos evoluídos, mas tarefa que está ao alcance de todos. Comece com o tempo de uma música (3 a 6 minutos), faça uma respiração profunda e lenta. Lembrando que um dos elementos da música é também o intervalo, procure aproveitá-lo. Faça uso da meditação intercalando essa prática uma vez com música, outra com o silêncio absoluto ou possível. Ouça o silêncio, deixe que ele invada sua respiração, seu coração, sua mente. Estenda esse momento de meditação com a música de acordo com suas possibilidades, tranqüilamente e com leveza (sugestões: Itajara Dias: todo o CD; *Cântico Mariano* – Maurício Duboc e tal.: todo o CD; além da obra de Marcus Vianna e Áurio Corra, entre outros).

4º – Sabemos que a percepção musical não se dá apenas através do aparelho auditivo, pois todo nosso corpo é um excelente condutor das ondas sonoras entre outras. Ouça e sinta a música com todo o corpo, perceba-a tocando sua pele... respire as notas musicais, mentalize-as envolvendo cada parte do seu corpo dos pés à cabeça... observe as cores de cada tom. Permita-se esta experiência (sugestões: *Soprus Universalis* ou *Chroma* – Áurio Corra; *A Tribute to el Greco*, 2º, 3º e 4º *Movimentos* – Vangelis).

5º – O encontro com a música é quase intraduzível! Procure exercitar a percepção aguçando seus sentimentos, canalizando suas energias para esse momento. Realize em comunhão com as notas musicais, melodias, ritmos e harmonias um instante mágico, pleno, rico, especial. Não ouça por ouvir! Aquela canção o está afetando de alguma maneira. Aguce sua observação transformando esse

momento habitual – o escutar música – em algo real, concreto e consciente que poderá lhe trazer benefícios. Certamente você se dará conta dos efeitos da música em sua vida e poderá, assim, utilizá-la convenientemente (sugestões: *Until the last moment* – Yanni; *A drop of silence* – Kitaro).

6º – Se você não está bem, pratique esse exercício: ponha para tocar uma música em tom menor que lhe toque as fibras da alma (sugestões: *Quando* – João Cabete; *I Symphony of the Forest* - Kitaro); excite esse sentimento melancólico, reflexivo ou angustiante – é como um toque na ferida. Depois, ouça uma segunda canção um pouco mais animada, porém ainda moderada (sugestões: *Estrela Matutina* – Marielza Tiscate, ou *The rain must fall* - Yanni); encerre essa seqüência ouvindo e regendo – isso mesmo, regendo – uma canção de alegria (*Lindo Amanhecer de Espelho D'alma* com o Coromeerj Francisco de Assis; *Acroyali/Standing in motion* – Yanni). Perceba a mudança do seu humor. Deixe que a alegria chegue com intensidade... e cante bailando e regendo uma segunda vez a última canção.

7º – Se hoje é “um dia daqueles” bem tristes, onde nada parece dar certo, utilize alguns minutos para exercitar uma mudança nos padrões vibratórios. Lembre-se: sua vida é harmonia e uma das formas de restaurá-la é enfrentando os problemas – frente a frente! Prepare o aparelho de som para o grande evento. Selecione uma música orquestrada e bem animada (sugestões: *Santorini* – Yanni; *As Quatro Estações: Primavera e Verão 1º e Movimento* – Vivaldi; *Il Barbieri di Siviglia* – G. Rossini); você vai ouvi-la e regê-la dançando pelo cômodo e pela casa. Dance como se estivesse circulando no meio da orquestra. Faça gestos após a execução de cada som como se os tivesse ordenado e previsto. Reja com firmeza e convicção. Dance, chore se quiser, liberte-se, mas lembre-se: você esta harmonizando sua vida neste momento. Repita quantas vezes for necessário. Não tenha receio de sentir, introjetar, refletir, repercutir e projetar a música plenamente. Faça... será uma experiência única.

8º – “A música impregna os ambientes onde esteja sendo executada”, por isso programe uma visita a um dos cômodos da casa. Pode ser ao quarto do filho que não está bem, ou daquele familiar enfermo; à cozinha, onde são preparados os alimentos que todos da casa vão ingerir; à sala onde nos reunimos e recebemos visitas; àquela área, onde são realizadas as atividades rotineiras etc. Vá até lá munido de um aparelho de som e uma música pré-selecionada. Cante, ouça, execute neste espaço uma linda canção; medite em companhia das notas musicais e irradie essa luz no ambiente. Enquanto aproveita para fazer com muito zelo e amor uma organização no espaço físico, aplique uma transmutação de energias com auxílio da música. (sugestões: *A Tribute to el Greco, 5 e 10º Movimentos* – Vangelis; *Imaculada ou Jardins de Shiva* – Marcus Vianna; *Shepherd Moon ou Lothloria* – Enya).

9º – Faça uma experiência direcionada com a música: aproveite a sugestão do capítulo “Oportunidade de Experenciar” e ouça da seguinte maneira: escolha um dos blocos, por exemplo, as que inspiram alegria ou relaxamento. Procure um ambiente tranqüilo para o exercício; relaxe. Quando se sentir tranqüilo e em paz, comece a audição da 1ª música; deixe que ela penetre seu coração profundamente; ao terminar, volte a relaxar por alguns instantes, procurando dentro de sua mente o sentimento que lhe foi despertado. Repita com as duas sugestões musi-

cais seguintes. Lance mão desse recurso utilizando as sugestões musicais do capítulo citado.

10º – Se você já vem sentindo a beleza e os efeitos da experiência com a música, é hora de convidar alguém para realizar pelo menos uma das atividades propostas. Se possível, faça o exercício com cada um dos familiares – estenda àqueles por quem nutra afeto ou que estejam necessitando. Prepare o ambiente, organize-o, adorne-o com algumas flores, escolha amorosamente a mais linda música, mantenha agradavelmente o volume e partilhe esse momento de paz e fraternidade. (sugestões: *Songs of Life* – vol. 3 – *The Reconciliation of God and Man*: todo o CD; *Caminhos de Santiago* – Áurio Corra: todo o CD).

11º – Ensaie uma canção com simplicidade e carinho e ofereça a alguém que ame e que deseje dizer o quanto é importante para você (sugestão: *Amigo* – Marielza Tiscate ou *Cativar* – domínio público). Não importa quem seja – dê-lhe um presente que é, sem dúvida, especial! Cante com todo o amor do seu coração segurando suas mãos e olhando em seus olhos. Essa inesquecível prenda tocará e envolverá seus corações fortalecendo os laços de fraternidade e/ou família, equilibrando as energias de ambos. Termine a atividade com um longo e apertado abraço (procure abraçar de modo que seus corações toquem um o outro – você consegue isso passando o braço esquerdo por cima do ombro direito de quem será abraçado).

12º – Escolha duas de suas plantas (se não tiver, aproveite para plantá-las) traga uma delas para partilhar com você de todas as vivências com a música. Ela será sua companhia! Cante com e para ela – isso não o impede de praticar as atividades com outras pessoas simultaneamente. Depois de um período, que você delimitará a partir da incidência de exercícios aplicados, faça uma avaliação com as duas plantinhas. Sinta a influência da música em nossos irmãos vegetais, o que indicará o quanto você também foi influenciado nesse período. As respostas dessa companheira comprovarão os efeitos da música (sugestões: *Church Sonata e Piano Concerto nº 2* – W. A. Mozart; *Jardins de Shiva, Canções do Éden e Sinfonia* – Marcus Vianna; *Echoes of the sea e Passing Through* – Ana Marie; *From Where I am e Tea House Moon* – Enya; *A Passage of Life e Symphony of Dreams* – Kitaro).

13º – Desde o despertar até a hora do repouso noturno, nossos hábitos são determinantes na nossa saúde integral. Podemos mudá-los ou acrescentar gradualmente algumas atividades que garantam nosso bem estar ou cura! A música, como exercício diário (desde que devidamente selecionada) proporcionará esse equilíbrio interior e maior qualidade de vida. Insira em seus momentos de prece, meditação, reuniões, estudos ou mesmo diálogos – a Música. Em volume adequadamente reduzido trará tranquilidade, sutileza e excelente contribuição. Realize essa experiência e perceba a diferença (sugestões: *Concerto para 2 violinos* – J. S. Bach; CD *Sons da Paz: Mensagem submersa e Serenidade* – Sérgio Sá; CD *Reiki: Luz Sagrada* – Áurio Corra; *Symphony of Dreams*).

14º – Estudos demonstram que instrumentos de percussão atingem diretamente o corpo físico; assim como os de sopro e corda (trompete, violão...) teriam efeito prioritário sobre o perispírito; já a harpa, a flauta e outros, atingiriam diretamente o espírito. Faça uma pesquisa pessoal: ouça e dance músicas que priorizem, cada uma seu tempo, os instrumentos apontados. Permita-se sentir os sons produzidos massageando sua pele, seu coração, seu corpo, sua alma. Você sabe

instintivamente que essa influência é um fato, no entanto deixe-se levar conscientemente nesse processo. A partir dessa atividade você terá mais facilidade para conhecer o tipo de música adequado para cada situação em sua vida, e também perceber suas mudanças de humor podendo relacioná-las com o ambiente musical onde se encontre. (sugestões: 1º CASO: *Keys to Imagination* ou *The Rain Must Fall* – Yanni; *Cânticos Xamânicos* – diversos. 2º CASO: *One Man's Dream*, *Nostalgia* ou *Swept Away* – Yanni; *L'Elephant ou Lê cygne* - Camille Saint-Saëns; 3º CASO: *Concerto para Flauta "La Notte"* ou *Concerto para Flautim 2º e 3º Movimentos* – Vivaldi; *Volière* – Camille Saint-Saëns; *White Winds* – Andreas Vollenweider).

OBS: Lembramos que, devido aos diferentes graus de sensibilidade entre os seres humanos, cada um há de perceber de maneira distinta cada exercício. Ademais, as orientações propostas são apenas sugestões. Faça, pois, suas adaptações e, se possível, consulte um musicoterapeuta.